

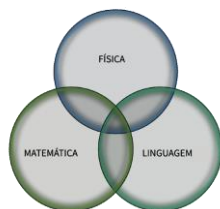
Existencialismo Metafísico

TEORIA DO TUDO, VIA METAFÍSICA

Romildo Araújo Machado



Editora Eumermo
2016 - Belo Horizonte –
Minas Gerais – Brasil



Existencialismo Metafísico

TEORIA DO TUDO, VIA METAFÍSICA

ROMILDO ARAÚJO MACHADO

Capa, Diagramação, Revisão, Edição: Editora Eumermo.

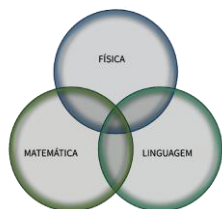
Ficha Catalográfica

Machado, Romildo Araújo

Teoria do Tudo, Via Metafísica. 1ª ed. Belo Horizonte/MG, 2016

1 – Filosofia, Metafísica, Teologia, Epistemologia.

ISBN: 978-85-920312-4-4



Existencialismo Metafísico

1 - Disposições Gerais

Esta obra não é apenas um genuíno sistema filosófico brasileiro, mas a suprema explicação de tudo. Ela reflete sobre o gênero pensamento dos pensamentos. As principais espécies são os pensamentos religioso, científico, filosófico e artístico. O instrumento religioso para chegar ao conhecimento é a fé cega em escrituras sagradas; o científico é a experiência de forças cegas; a filosofia, a razão; a arte, as emoções. Cada sistema tem uma diferenciada abordagem para a mesma realidade. Há outros sistemas de pensamento não relevantes, passíveis de serem enquadrados por um desses.

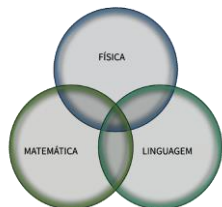
Destes quatro sistemas gerou um antagonismo entre a religião e a ciência. As religiões pregam um mundo espiritual, um mundo além da física, um mundo metafísico. A ciência nega este mundo metafísico. A filosofia acompanha a ciência, pois tem residência confortável na Academia. A arte também tem endereço acadêmico, mas se diverte com os outros sistemas de pensamento.

A ideia desta obra faz uma abordagem diferenciada do pensamento, polariza os mundos físico e metafísico, defende este para, em seguida, elaborar um sistema filosófico com 3 premissas metafísicas. Para isto, faz-se necessário expor algumas considerações relevantes deste autor ao amigo leitor. O autor é delegado de polícia aposentado e também advogado. Tanto o trabalho de um como doutro é regido por fatos e provas. Assim seu trabalho sempre foi, e ainda é, pautado por fatos e provas.

Trabalho policial se aproxima da ciência. O trabalho científico, em ciências sociais, inicia com a observação de um problema (na polícia, com um crime); adota uma hipótese (uma linha de investigação); busca rol de provas, argumentos, para provar, ou não, a hipótese (concluir pelo indiciamento ou não). Em duas palavras é uma defesa de tese. O advogado, evidentemente, defende tese contrária. O que são doutorados senão defesa de tese? O que fazem eles senão levantar hipótese, juntar provas e concluir com a sua defesa de tese? Todos, acadêmicos e juristas, buscam a verdade pela defesa de sua tese.

Como todo cientista, este autor se especializou (em ciências criminais). As ciências se multiplicam num caos especialista. Mas até a especialização busca conectar com o todo. Busca ligar o micro ao macro. O que são as defesas de teses e dissertações senão conectar o micro ao macro, a ciência à filosofia, o pensamento analítico ao pensamento sintético. Indução e dedução estão no centro do pensamento racional. Cada análise deve passar pela triagem da síntese.

O pensamento sintético sempre atrai, pois as especializações da ciência *rumam ao infinito e além*. A filosofia deveria buscar um pensamento unificador que alcance a tudo e a todos. Não uma especialização para poucos. Porém a ciência e a tecnologia triunfaram depois da revolução industrial e a filosofia fixou endereço na Academia. Hodiernamente ela tende ao especialismo, ao hermetismo e ao ceticismo. A fragmentação da filosofia promoveu a falência de grandes sistemas filosóficos e de uma unificação.



Existencialismo Metafísico

Todavia grandes filósofos sempre procuraram a unificação, a sistematização e não a fragmentação. Spinoza buscava perceber unidade na diversidade, encontrar a síntese na qual opostos e contradições se encontram e se fundem. Comênio dedicou grande parte de sua vida a unificação da totalidade do conhecimento humano. Seu pensamento último era a compreensão universal que uniria toda humanidade. Esta base filosófica ele denominou *pansofia*, um princípio que harmonizasse todo o saber. Pensadores sempre buscaram uma chave para o conhecimento de todas as coisas, uma teoria para explicar todo o funcionamento do mundo, uma ciência que abarcasse todo o universo.

Modernamente a física, ciência da onda, busca a teoria do tudo. Uma equação para integrar todas forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha. Stephen Hawking, físico inglês, aquele cientista de voz mecanizada e todo deformado fisicamente. Hawking declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem a uma equação do nada.

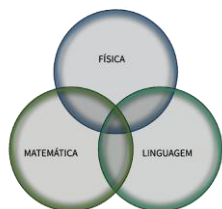
A ciência e a tecnologia venceram e a vida passa a ser uma máquina. As pessoas não desgrudam de seus celulares. Sonham com carros caros, casas grandes. Em contato com pessoas, com a mídia, principalmente a Tv, percebe-se que o sentido da vida é um consumismo exagerado e sem sentido. O auge da vida é ser uma celebridade, seja atleta, cantor, ou ator, mesmo que vazios de conteúdo. A superficialidade impera junto a ciência.

Reduzir tudo a física, reduzir tudo a átomos estranha o pensamento mais profundo. A vida parece muito mais que um amontoado de átomos ou células. O ser transcende órgãos e carne. Sempre que estudiosos e espiritualistas buscam conectar a ciência com o metafísico, a Academia corre para negar tal conexão. Casos como as teorias dos princípios Antrópico e o Biocentrismo, proprietários da ciência estão sempre de plantão para negar o metafísico.

Se alguém falasse em energia escura e matéria escura há 100, ou mil anos atrás, seria um discurso metafísico. Assim metafísico é aquilo que a física ainda não detectou, mediu, quantificou. Metafísico é algo desconhecido dos sentidos humanos, como já foram os microrganismos, as células, átomos e a energia escura.

Platão, o melhor filósofo, dividiu a realidade em: o mundo sensível e o mundo das ideias. Ele assegurava que o mundo das ideias era o verdadeiro e eterno mundo. Seu discípulo, Aristóteles, também era metafísico, mas concentrou-se no mundo físico. Por causa destes filósofos, pensadores póstumos dividiram o pensamento em duas correntes filosóficas que atravessaram os tempos. De um lado, o idealismo e o racionalismo de vertente platônica; doutro lado, realismo e empirismo de vertente aristotélica. Todavia a ciência dominou o século XIX com o positivismo. O idealismo e racionalismo perderam força para o realismo e empirismo. Ao lado do pragmatismo, o positivismo dissolveu o idealismo e a Metafísica. O existencialismo ateu continuou esse trabalho.

Ainda hoje a física nega o metafísico. A filosofia virou um adjunto da ciência e também se afastou da Metafísica. Dogmas científicos limitam a filosofia e ela não tem grandes lampejos. Apesar de Aristóteles também pregar um deus e um mundo metafísico, a ciência adotou apenas o mundo sensível. Então, para fins didáticos, vamos polarizar o pensamento em físico e metafísico.



Existencialismo Metafísico

Esta obra, com base em 3 premissas (Criação-Evolução-Integração), tem pretensões de conexão e síntese. Então adotará conceitos simples, conhecidos e sem delongas em conceitos, citações científicas e filosóficas. Também tem pretensões de busca de verdades eternas, como dizia Platão. Tem pretensões de unificação do conhecimento. Tem pretensões de buscar o “porquê” dos fenômenos, já que as ciências só podem dizer o “como” dos fenômenos. Visa uma síntese filosófica não somente com base em provas e fatos, mas também com base na razão e em argumentos científicos, filosóficos e teológicos, desde que não contraditórios. A ideia foi considerar todos conhecimentos naquilo que são fortes, desprovidos de contradições. Naquilo que forem contraditório são descartados pelo princípio do conjunto probatório.

Ao final faremos uma análise do conhecimento pelo método policial-judicial ao avaliar o conjunto do pensamento, descartado o contraditório, mesmo que evidências empíricas contrariem o todo, como ocorre juridicamente.

Este livro requer mente aberta, pois não aceita dogmas, fé cega religiosa, forças cegas científicas, misticismo, biblismo e cientificismo. Considera-se apenas didática a divisão científica-teológica em natural, artificial e sobrenatural. Não há nada sobrenatural, ou seja, nada pode quebrar as leis naturais, nem mesmo o Criador. Este não é uma questão de fé e sim de razão, segundo esta obra.

Atualmente este autor é desprovido de qualquer religião. Foi criado dentro da religião católica, posteriormente foi espírita por 15 anos, mas agora não tem religião. Assim não cultua nenhum deus, não faz nenhuma oração e todos sistemas de crenças são aceitos parcialmente, pois todos tenham um fundo de verdade.

Esta descrença é fácil de comprovar em outra obra do autor: *Decálogo, Leis Humanas*. Tal livro nega autoria divina da Bíblia, nega a autoria divina do Decálogo, dogma católico e espírita. Este dogma está na Bíblia em Gênesis e no primeiro capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo.

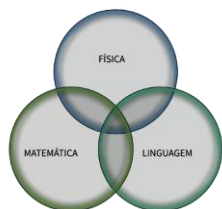
Oficialmente sou delegado aposentado, advogado e autor. Não tenho nem mesmo formação em filosofia, contudo gosto de pensar que sou filósofo. Mais pelo sentido etimológico dela. Amigo da sabedoria. Afinal, em análise última, somos todos pensadores. “Penso, logo existo”.

2 – As Questões Existenciais

Por que a gente nasce, cresce e “morre”? Em outras palavras: de onde eu vim, o que sou, para onde vou? Ou como quer o mineiro: Diôn keu vim? Quequeu tô fazeno aki? Praôn queu vô?

O homem, em alguma fase de sua existência, faz estas perguntas. Elas são denominadas questões existenciais por referir à vida e a sua existência. Há milênios religiosos, filósofos, poetas e cientistas tentam responder estes enigmas da existência. No entanto, ainda não há uma boa resposta.

Tais questões, inicialmente, aparentam infantilidade: ora, eu vim do meu pai e da minha mãe, estou aqui para viver e vou para o cemitério! Mas não, elas são perguntas filosóficas e nunca foram respondidas de modo que satisfizesse a todos.



Existencialismo Metafísico

Os mitos foram os primeiros a responder tais questionamentos. As religiões adotaram os mitos e passaram a dizer que viemos de um Criador, de um mundo metafísico.

Em regra, eles buscavam explicar o mundo físico através do mundo metafísico. O mundo físico era constituído de homens e o mundo metafísico era constituído de deuses que interferiam diretamente no mundo físico. Mitos de todos os povos e culturas, do passado e do presente, sempre têm o mesmo conteúdo e forma narrativa. Apenas mudam os personagens e o endereço. A temática é a mesma: a criação dos deuses, do mundo, do homem e a relação entre homens e deuses.

Os filósofos foram os primeiros a questionar estes mitos. Como havia muitas explicações míticas para o mesmo tema, pensadores passaram a desconfiar dos mitos. Os filósofos procuravam explicações naturais para o mundo. Este era chamado de cosmo e tinha sentido de ordem e racionalidade. Por isto adicionaram o termo logos ao cosmo, resultou em cosmologia: o conhecimento racional do mundo. O mito perde espaço para a razão.

Na Renascença, foi a vez de astrônomos desconfiarem da religiões, principalmente do biblismo. Copérnico, Galileu e Kepler advogavam o heliocentrismo, diferentemente da igreja que pregava o geocentrismo por causa de um episódio bíblico. Galileu teve de desdizer o que disse sob pena da fogueira santa. Para a igreja, a Terra só passou a girar em torno Sol em 1992, quando a papa João Paulo II asseverou que Galileu estava certo. A Terra não é mais o centro do universo.

Estudos da biologia também contrariaram a mitologia hebraica. Darwin afirmou que o homem tem o macaco como antepassado, em razão do evolucionismo. Ao contrário, a igreja pregava a criação imediata e especial do homem. Este já não é tão especial assim. Depois a antropologia passou a relacionar as mitologias a sentimentos como o medo.

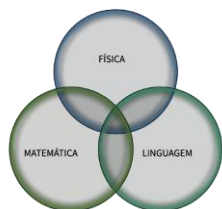
Depois das grandes guerras, houve uma filosofia voltada para o homem, mas não ajudou o pensamento humano. O existencialismo ateu pregava um mundo sem deus e sem sentido.

Outras ciências contrariaram as religiões, mas, ainda assim, a ciência e a filosofia não responderam o que somos.

Todas religiões pregam uma vida póstuma, uma vida metafísica. Continuarei a ser “eu” mesmo depois da morte? Para onde vou depois de “morto”? Para o céu? Para o inferno?

Tais questões metafísicas não fazem sentido para a ciência, pois ela nega o mundo metafísico. Assim uma resposta da química para a vida poderia ser assim: somos a reunião de cerca 55% de água, 23% de carbono, 2,6% de nitrogênio, 1,4% de cálcio e 0,8% de outros elementos. A biologia poderia responder assim: somos 10 trilhões de células e mais outros 100 trilhões de seres estranhos a nós (bactérias, vírus). A física poderia dizer: somos compostos de partículas atômicas e de um grande vazio, pois a eletrosfera do átomo é cerca 100.000 vezes maior que seu núcleo. A neurologia diria: somos sinais elétricos emitidos pelos 5 sentidos.

Modernamente foi a vez da astrofísica arriscar uma explicação existencial. Antes do *Big Bang* não existia matéria, tempo e espaço. Apenas o Nada. Para física não existe



Existencialismo Metafísico

um Criador. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada existencial. A santíssima trindade é o Espaço, o Tempo e a Matéria.

Em uma vertente conhecida como universo accidental, o universo é um acidente, a vida é um acidente e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. Existimos em um cosmo despropositado, fruto de forças brutas e somos um evento raro e não um ato premeditado.

Porém se estamos ou não vivendo uma grande realidade virtual é uma pergunta a qual a ciência não pode dar um boa resposta. É possível que esta realidade seja uma grande ilusão. Na verdade esta é uma questão filosófica clássica. A Matrix, inversamente, é aqui. O universo menos palpável não nos é estranho. Com a linguagem podemos nos referir a fatos, objetos ausente, passados, futuros, hipotéticos e mesmo abstratos. Numa palavra podemos criar mentalmente antes realizamos materialmente.

Quando falamos, estamos criando em nossa mente uma outra realidade, uma realidade paralela ou metafísica, e ao mesmo tempo longe da real. Todos percebem o mundo biologicamente da mesma maneira. Entretanto cada indivíduo tem um sistema particular de valores. O mundo que acreditamos viver é um simulacro do real que passa pelo filtro ideológico. Esse mundo que existe na mente do homem (universo paralelo ou metafísico), criado pela linguagem, chamamos de visão do mundo. Já dizia o filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein: os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. Deste ângulo, somos o que pensamos.

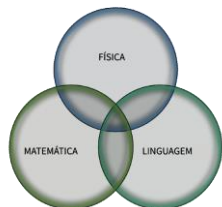
Vida, para a ciência, é mais fácil identificar do que definir. Não existe uma definição de vida universalmente aceita pelos cientistas. Há apenas algumas características comuns a toda vida, como reprodução, sobrevivência. As ciências físicas e biológicas, neste sentido, não ajudam a resolver as questões existências e, pior, acabam atrapalhando o pensamento.

Cientistas gostam de ver a vida como reações químicas. A biologia seria uma química viva. Mas eles não sabem como é esta passagem da química para a biologia. A vida estaria relacionada com eletricidade. Átomos e moléculas interagem eletricamente entre si. Forças químicas e físicas seriam responsáveis pela vida. Esta é uma perspectiva científica e mecanicista da vida.

Outro imbróglio científico é a consciência? A ciência também não tem uma boa resposta para o que seja a consciência e a reduz ao materialismo. Para a biologia, ela pode ser considerada um posto de comando, localizado no cérebro, onde recebe informações (sinais elétricos) do sistema nervoso. Outros estudiosos reduzirão a mente à base neurobiológica, outros uma base cognitiva, outros ao pensamento.

Consciência, em bases científicas, sempre é reduzida a máquina, uma espécie de computador. O hardware seria o corpo, o software a consciência, o processador o cérebro, a memória RAM a memória de curto prazo, a memória ROM, de longo prazo, e com várias linguagens computacionais, HTML, JAVA, PHP, entre outras. O cinema pegou carona na onda científica, deu “consciência” às máquinas e um sem fim cinematográfico: *Robocop*, *O Exterminador do Futuro*, *O Homem bicentenário*, *Blade Runner*, *Chaplin*, *Eu Robô*, entre outros.

A ciência nunca terá uma resposta definitiva para o que é a vida, quando ela começa e termina. Nunca responderão porque a matéria inorgânica se tornou orgânica,



Existencialismo Metafísico

nunca responderão o que é a consciência, pois estas searas não pertence ao mundo físico e sim ao campo metafísico.

Realmente, em base física, todas as pessoas são iguais. Todas têm cérebro, coração, fígado, órgãos sexuais, dois braços, duas pernas, dois olhos. Excepcionalmente temos a ausência de alguns deles, ou a substituição por outro artificial. Sem a possibilidade de explicação da consciência em base física, o encargo sobra para a filosofia. Para o verdadeiro filósofo, a consciência envolve a identidade, o “eu”.

Mas depois se pergunta: onde está o “eu”. No cérebro, alguns dirão, mas especificamente na glândula pineal. Espiritualistas afirmam ser tal glândula o ponto de contato entre a alma e o corpo, assim com uma função transcendente. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está sempre ligada ao sono. Como advogaremos no capítulo 9, os sonhos também pertencem ao mundo metafísico.

Então temos uma função transcendente numa glândula cerebral. A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico do universo. A história é a execução de um plano oculto natural que conduz a um progresso moral e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como quer o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses.

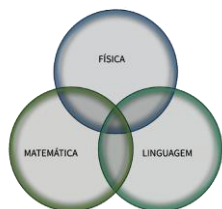
Não somos água combinado com outros elementos. Não somos o conjunto de seres estranhos a nós mesmo. Não somos um vazio ou sinais elétricos. Somos um ser e gostamos de pensar em termos metafísicos, de consciência, alma, espírito. Somos seres espirituais superiores a matéria.

A origem única do universo convenceu as religiões, a ciência, filosofia e as artes. Tudo parece ter um começo, meio e fim. A vida registra o nascimento de todos os homens. Depois sua maioridade, casamento, divórcio. No fim, o falecimento biológico. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo. Nosso fim será a integração com o todo e não a morte, conforme explanaremos no capítulo 12.

A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. A essência dessa busca é a convicção de que tudo está interligado. Há uma teoria física que propõe uma unificação do mundo material: a *Teoria de Tudo*. Há outra teoria que se prontificou a dar suporte a teoria final: a *Teoria das Supercordas*, tubos submicroscópicos de energia que vibram. Muitos cientistas defendem uma ordem por trás do aparente caos. A ordem oculta permeia tudo. Esta busca uniria a mente de Deus com uma teoria final.

Noutro giro, a política, a justiça e a economia vivem de crise em crise. Ajustes políticos, jurídicos e econômicos das sociedades não resultam em bem estar pleno da humanidade. O direito, a política e a economia não são soluções em si, mas soluções de pequena escala, como a redução dos índices de crimes, redução da pobreza ou o aumento de PIB. Elas trabalham superficialmente e não profundamente. Apesar de relevantes, qualquer delas não resolve de forma plena os problemas de justiça, consumo, organização social e, em análise última, as questões existenciais.

O capitalismo e o socialismo não nos trouxe a paz, mas a guerra. A religião não nos trouxe a paz, mas a guerra. A ciência e a tecnologia também nos trouxe a guerra



Existencialismo Metafísico

tecnológica. Somente a solução das questões existenciais e sua sedimentação nos povos nos trará a paz.

A ciência e a religião duelam por respostas. A ciência apoiado no mundo físico e a religião, no mundo metafísico. Vivemos entre esta guerra ideológica do mundo físico e metafísico.

O mundo metafísico está em todas as culturas e povos. Assim ele é universal e não deve ser negado. Sem ele, não há respostas para as questões existenciais. As questões existenciais solucionarão a pacificação da humanidade. Sob esta ótica, o filósofo tem função social maior que de um político, juiz ou empresário.

3 - Mitologia e Religiões

As tribos e povos pré-históricos criaram narrativas na tentativa de explicar o mundo metafísico (de santos, deuses, orixás, mortos...), o mundo físico e tudo que existe neles. Via de regra, tais narrativas, chamadas de mitos, tratam dos mesmos temas em todas as culturas: um mundo físico em interação com outro metafísico; a criação do mundo e do homem; o fim do mundo; as forças da natureza; objetos sagrados; o herói; e o *lado negro da força*.

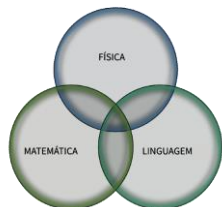
O homem construiu instituições religiosas em torno destas narrativas mitológicas. As religiões apropriaram dos mitos e, em razão disto, do mundo metafísico. Elas são pautadas em codificações, objetos sagrados e escrituras sagradas, a fim de exercerem o poder do mundo físico. Elas ainda promoveram uma hierarquia sacerdotal, porta-vozes divinos, mas sem procuração para exercer o poder mundano a serviço do poder divino.

Mito e religião se confundem. Como asseverou o pensador Ernst Cassirer, em sua obra *Antropologia Filosófica: No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde termina o mito e a religião começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissoluvelmente ligada a elementos míticos e repassada deles.*

Vale salientar que cada religião criou seu mito ou o adotou de outra cultura. Logo há diversas religiões explicando os mesmos temas, como a criação da vida e do mundo.

Ao contrário da ciência e da filosofia, o mito não se importa com contradições, com o fabuloso e nem com o incompreensível, pois vem de uma revelação do profeta, repassada por uma autoridade religiosa. No passado, tiveram relevância pedagógica e organizacional. Hoje são teologias infantis, conhecimento vencido.

No início da existência humana, o homem não tinha explicação para raios e trovões. Os fenômenos da natureza causavam medo e surgiram explicações fantasiosas para acomodar o homem. Aparecem várias mitologias em todos os povos que explicam os raios, trovões e também a criação da vida e do mundo para confortar e controlar o ser humano. Ainda hoje, o mito funciona com pais que tentam controlar seus filhos para fazer ou deixar de fazer alguma coisa com ameaças de “bicho-papão, saci-pererê”, entre outros.



Existencialismo Metafísico

O ato de adoração seguia o que não se compreendia e temia. Fogo, relâmpagos, trovões e tempestades eram controlados por divindades. Em regra, os deuses eram antropomórficos, tinham necessidades humanas e precisam de sacrifícios. Vidas e objetos foram oferecidos em rituais de adoração.

Todas tribos e cidades-estados adotavam um panteão de deuses. Divindades mitológicas governavam egípcios, gregos, romanos e semitas. O monoteísmo caminhou paralelo ao politeísmo. Do conjunto de deuses semitas, a tribo hebraica fez uma reforma política- religiosa e, por decreto, passou a ter apenas um deus, Javé. O Deus cristão e Alá sedimentaram a ideia de um deus único, construtor do Universo.

Entretanto tais teologias, cristã e islã, nem sequer criaram suas próprias narrativas. O mito sumério da criação foi o primeiro a ser escrito (em cuneiforme, pois não existia o alfabeto). Este fato influenciou diversas cosmogonias, como a egípcia, a grega, a romana e a semita. Desta última originou a mitologia hebraica, a qual o ocidente adotou. Não por acaso nas teologias suméria e hebraica, o mundo teve a criação em seis dias, o dilúvio, leis em pedra e arca.

Os deuses pagãos eram bonitos, fortes, detinham superpoderes e influenciavam seus adoradores. Com o tempo, a igreja transformou os deuses em santos. Estes personagens continham os poderes e qualidades daqueles. Eles também inspiraram personagens bíblicos, os super-heróis do cinema, das HQs, da literatura. Também inspiraram os ídolos do esporte, música e cinema, sempre bonitos, fortes, saudáveis. Estes mitos modernos também influenciam seus fãs na moda, alimentação, lugares.

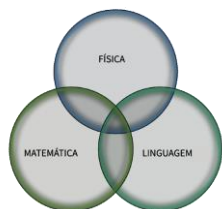
As teologias monoteístas passaram a pregar um Criador de tudo e de todos. Os sacerdotes, detentores de uma escritura sagrada revelada pelo próprio Criador, pregavam uma doutrina, rituais e um código de conduta do crente. No entanto, em torno desta ideia do Absoluto, as religiões inundaram de outras ideias infantis e as tornaram absolutas também. Principalmente os mitos. A ideia do absoluto não permitiu as religiões evoluírem.

Vale ressaltar, a teologia cristã tem cerca dois milênios de existência, abarca todo conhecimento, mas não evoluiu. Esta síndrome de Peter Pan atrapalha o pensamento teológico e leva todas as searas do conhecimento a criticar o pensamento religioso. Filosofia, política, arte e ciência saíram das religiões, negaram seus mitos e relativizaram o conhecimento.

A filosofia adotou o pensamento racional e foi a primeira a abandonar do pensamento religioso, há mais de dois milênios. O pensamento religioso tentou fundir razão e fé. Santo Agostinho abraçou Platão e o mundo das ideias para pregar a perfeição divina. Santo Anselmo, pai da escolástica, usa a razão para demonstrar a existência de Deus, chamada de prova ontológica. São Tomás de Aquino busca em Aristóteles a causa primeira ou Deus.

Note que estes pensadores usaram a razão e foram canonizados santos pela igreja. Depois deles não houveram outros pensadores de destaque na igreja, todos os santos seguintes foram canonizados por milagres questionáveis. O iluminismo, dito a era da razão, questionou a racionalidade da igreja e negou uma junção entre fé e razão.

Não há conciliação total entre fé e razão em razão da infantil teologia hebraica. Mas ainda assim ela alimentou a teologia ocidental e a teologia islâmica. O número de judeus no mundo é inexpressivo, mas os cristãos e muçulmanos somam cerca da metade



Existencialismo Metafísico

da população do planeta. Vale dizer, metade da população mundial acredita na mitologia hebraica, adotada por uma tribo de hebreus para doutrinar seu povo. Uma crença localizada no tempo e no espaço, mas que rompeu com todas barreiras. Isto representa um atraso teológico de mais de dois mil anos.

Estas religiões acreditam terem tido a revelação direta dos seus deuses e realizam a verdadeira vontade divina. Para isto mataram, torturam e guerream em nome de seus deuses. As duas teologias são dominadas pelo exclusivismo e fundamentalismo, como os judeus do passado e do presente. Os muçulmanos consideram o Corão como a própria palavra de Alá e não a de Maomé. Da mesma forma, os cristãos vêm a Bíblia como a palavra de Deus.

Apesar do caráter cultural, as mitologias têm uma verdade velada e caráter simbólico e não devem ser interpretadas literalmente. Deus criou o mundo, é verdade. Mas não em seis dias, pois não estaria limitado, como o homem, ao dia e a noite deste minúsculo orbe diante do universo imensurável.

Foram catalogadas várias narrativas de criação do mundo de várias culturas, de vários povos e tribos. Para uns, a criação do mundo veio de um ovo; para outros, de um milho, de um coco, de um gigante. Era muita imaginação para o poder criador, ao contrário do ocidente que tem o demérito de não criar sua própria mitologia. Apesar do caráter simbólico, os mitos foram acomodados pelas religiões. Para o ocidente, a criação do mundo veio da palavra do Criador.

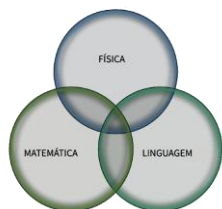
O povo hebreu inovou com o monoteísmo. O judaísmo influenciou o islamismo e o cristianismo. Todos têm um princípio em comum: a origem única, a existência de um Criador de tudo e de todos. Deus, Alá, Jeová, o Criador, não importa o nome, mas sempre um ser superior. As instituições humanas do pretérito e do presente têm uma visão mitológica de Deus, como a tribo hebraica do passado.

Cada religião, cada homem tem uma ideia própria do seu Criador. As culturas têm seu deus (es) antropomórfico (s) que interagem com os homens. Tais mitologias têm um enredo digno do teatro com brigas, ciúmes e crimes passionais, entre homens e deuses. Os deuses pareciam humanos e alguns foram extintos. Para os hebreus, sobrou apenas o guerreiro Javé, o Deus da Bíblia. Mas ele é produto de fatos históricos e mitológicos.

Antes da mitologia hebraica, havia a mitologia cananeia. Ela corresponde aos habitantes do reino antigo de Canaã, situado no Oriente Médio, onde hoje está o território de Israel e região. Ela foi descoberta a partir de 1928, como resultado de escavações arqueológicas em Ugarit, na Síria. Sua mitologia misturava cultura própria e a cultura mesopotâmica, ainda com deuses representantes das forças naturais.

O principal deus cananeu era EL, personagem fundamental da mitologia cananeia, o criador dos homens e dos deuses. No elenco dos deuses, ainda havia: sua esposa Asherah, deusa da vegetação e da fertilidade; a filha Anat, deusa do amor; os inimigos Yam, deus do Mar, e Mot, deus da morte. Neste panteão de deuses, o guerreiro Javé infiltrará e se tornará único.

Arqueólogos localizaram Javé antes da Bíblia ser escrita. Ele não era um deus grandioso, mas apenas um deus guerreiro entre outros deuses. Ele era cultuado por nômades do deserto em contatos com os hebreus. Quiçá estes nômades pregavam a doutrina do Zoroastrismo, considerada primeira religião monoteísta, fundada na antiga



Existencialismo Metafísico

Pérsia. Historiadores da religião asseveram que doutrinas de crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam de Zoroastro e acabaram por influenciar o judaísmo e, por sua vez, influenciar o cristianismo e o islamismo.

Javé incorporou ao conjunto de deuses cananeus. Ele tinha personalidade forte e foi ganhando lugar na mitologia israelita. Os deuses cananeus perdem a guerra contra Javé. Ele destrói o deus maior EL, herda o trono e se casa com a deusa viúva Asherah. Outros defendem Javé e EL como apenas um deus e não distintos. Na própria Bíblia, Deus é chamado de EL (Genesis 33:20).

Josias, rei de Judá, reinou por 31 anos, até por volta do ano 609 a.C. Politicamente ele instituiu grandes reformas. Estudiosos asseveram que este rei determinou a codificação das escrituras hebraicas, durante a reforma deuteronomica em seu governo. Acreditam que tal medida foi política para unificar Judá frente aos inimigos, transformando Javé no único deus e destruindo altares das outras divindades como EL. Josias acaba com o politeísmo, numa canetada, implanta o monoteísmo e acaba por influenciar todo ocidente e todo o mundo islâmico por milênios.

Indícios de politeísmo são encontrados na Bíblia. O próprio Javé afirma a existência de outros deuses ao proibir a adoração de outros deuses no Decálogo. Se Javé proibiu é porque existiam outros deuses. Do contrário, ele deveria afirmar a inexistência de outros deuses. Com o Novo Testamento, Jeová perde o papel central da narrativa para Jesus. Também deixa de ser o guerreiro cruel e fica mais bonzinho.

Em síntese, as religiões e os mitos abarcavam todo conhecimento humano. As artes, a economia, o direito, a nutrição, a sociologia, enfim, todo conhecimento estavam em seus ensinamentos, códigos de conduta e seus livros escritos. Com o tempo, tais conhecimentos ganham autonomia.

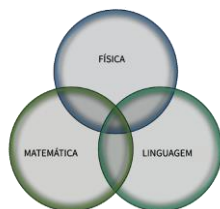
A ciência tornou o mito mais complexo e com muitos sentidos. Além da tentativa de explicar a realidade, desprovida da razão, ele também tem outras funções como de manter a ordem social, de manter castas sociais e a de tranquilizar o homem apavorado com a natureza instável. A cultura pop o ampliou ainda mais com mitos do esporte, do cinema e da música.

Geralmente, as religiões têm o mesmo tema: um criador, uma hierarquia transcendental, outra hierarquia humana e uma doutrina. O mundo metafísico, percebido facilmente ao longo da história religiosa, é pouco estudado e geralmente negado. As religiões existem em todas as épocas e lugares, porque um mundo metafísico existe.

Em ressonância com o exposto, não se pode negar o pensamento metafísico em todas as religiões. Então temos a universalidade metafísica de um lado e a diversidade religiosa do outro.

4 – Crítica ao Biblismo

O pastor caminha para o púlpito com o livro preto debaixo do braço, com seu terno igualmente preto. Sobe no altar e sentencia:



Existencialismo Metafísico

- Esta é a palavra de deus.

Este micro teatro nos leva a pensar: a Bíblia é a palavra de Deus? Mas se a Bíblia é palavra de Deus, o Alcorão não o é? E as milenares tradições orientais e africanas, também foram ignoradas por Deus? Cristãos e mulçumanos têm seus deuses, suas escrituras sagrada e querem, como o povo judeu, exclusividade. Querem um deus pra chamar de meu.

A Bíblia, numa rápida síntese, é composta de duas partes, sendo a primeira denominada Velho Testamento. Neste se encontra também o Torá, livro sagrado da religião israelita, e traz Deus como principal personagem. Nele se pode encontrar relatos da cultura, economia, história e mitologia do povo hebreu, mas adotado pela igreja e por todo ocidente.

Na segunda parte temos o Novo Testamento, o Evangelho de Jesus, atribuídos a Mateus, Lucas, João e Marcos. Nele encontramos a vida, obra e morte de Jesus. Os personagens centrais da história bíblica, Deus e Jesus, apresentam duas teologias contraditórias: a teologia da guerra e a teologia do amor.

As narrativas e suas palavras criam conceitos, ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar uma nova realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo.

O pensamento constrói representações das coisas, classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela linguagem.

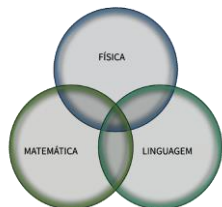
A linguagem liga o homem à sociedade e à natureza. Com ela, o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua, numa palavra, são signos. Com eles, o homem pensa, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ela visualiza o passado, presente e futuro. Enfim dá sentido ao mundo e a si mesmo.

A arte, a religião, a ciência e a filosofia utilizam a linguagem para retratar a realidade. Elas são os principais alicerces do conhecimento. Cada uma delas tem uma linguagem específica para referir a fatos e objetos ausentes, passados, futuros, hipotéticos. Com sua linguagem própria, conceituam seus termos, definem seus objetos, teses e teorias.

Assim podemos falar em linguagem científica, literária, teológica e filosófica. Mas não é só. Quanto mais específica uma área destas bases do conhecimento, mais específica a linguagem. Então podemos falar em linguagem médica, mecânica, jornalística, metafísica, budista, administrativa.

As bases do conhecimento são universais, pois seus objetos de estudo são o todo. Entretanto o todo científico desconsidera a metafísica. A ciência dividiu o conhecimento entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (aquilo que se conhece). A arte dividiu o conhecimento no “eu” e “não eu”. A filosofia, na parte e no todo. A religião, no Criador e na criatura.

No fundo, tais divisões são semelhantes, contudo a arte centra-se no artista, no “eu”, no sujeito do conhecimento. As outras bases do conhecimento concentram no



Existencialismo Metafísico

objeto. Intermediários do conhecimento, como jornalismo, biografia, ensaio, diário íntimo, entre outros hibridismos, ficam entre o sujeito e o objeto.

A palavra tem carga emocional (seara da arte), semântica (campo da ciência) e de juízo (área da moral-crítica). Predomínios da emoção e de juízo apresentam a subjetividade. Predomínios dos conceitos, temos a ciência e a filosofia. Estas buscam objetividade e precisão em seus signos. Ao contrário, artes empregam discursos polivalentes quanto à semântica. Vale dizer, há várias interpretações para cada obra de arte.

Objetividade e subjetividade são dois atributos inversamente proporcionais que permeiam a linguagem. A arte tem a visão mais próxima do sujeito, isto a afasta da objetividade. Enquanto a ciência tem foco no objeto, em razão das doutrinas materialistas e mecanicistas, buscando afastar-se da subjetividade. Quanto mais a linguagem se aproxima do objeto, mais se afasta da visão pessoal e vice-versa. Então as linguagens literária e científica são, neste prisma, antagônicas.

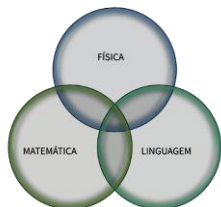
O texto objetivo busca distanciar do próprio objeto de estudo. Isto dá um toque de credibilidade aos dados colhidos pela investigação científica. A academia costuma dizer que tal objetividade dá confiabilidade a sua escrita impessoal, como se ela fosse verdade única e impassível de questionamento.

Por outro lado, o texto pessoal considera-se duvidoso, válido muitas vezes apenas para o autor e não para a maioria. Sinais de pessoalidade, como verbos na 1ª primeira pessoa do singular (pesquisei, estudei), pronomes igualmente na 1ª pessoa do singular (eu, meu), expressões pessoais (acho, acredito, a meu ver...), são proibidas pela academia em suas teses e dissertações, por serem consideradas subjetivas e não confiáveis. No entanto, tais formalidades só valem se tiverem um conteúdo isento.

A religião também precisa ser expressa pela linguagem. Da mesma forma que outros sistemas de conhecimento, o teológico tem regras, lógica e vocabulário próprios. Este conhecimento permite um crente participar do processo religioso. A comunicação religiosa relaciona e integra fiéis ao Criador dentro de um sistema teológico. Ela também constrói uma verdade para os crentes. A identidade religiosa baseia na linguagem e no pensamento homogêneo. Com isto a linguagem é o coração das religiões.

O discurso religioso enaltece o texto sagrado, base das religiões. Tal escrita é revelada a um profeta escolhido por um deus que dita o texto. Este passa a ser chamado de “a palavra de deus”. Tais escritos constituem, geralmente, de um conjunto de narrações, poemas, mitos, rituais, dogmas, verdades absolutas e inquestionáveis, interpretado exclusivamente pelo clero. Alguns apropriam destes textos e afirmam serem os intérpretes divinos, elo entre o todo poderoso e os fiéis. Constroem templos e uma classe hierárquica clerical, elegem objetos, imagens e lugares sagrados. Asseveram ser representante divino, mas sem procuração.

Este discurso teológico induz a fé cega em textos e configura a verdade absoluta para o crente. Nada retira a verdade absoluta das escritas sagradas para seus seguidores, nem mesmo contradições e nem mitologias que permeiam todas as escrituras religiosas. O não cumprimento das determinações sagradas constitui crime contra deus. A canonização de textos os torna sagrados e por isto imutável. Isto leva para unidade linguística e cultural de uma sociedade, fortalece politicamente instituições religiosas.



Existencialismo Metafísico

As escritas sagradas funcionam como um organizador social, como o velho sistema de castas indiano, oriundo das antigas escrituras Vedas.

A linguagem teológica das doutrinas cristãs interpreta a Bíblia e espera acatamento dos fiéis. Não permite outras interpretações, pois são consideradas heréticas e no passado tais interpretações foram para a fogueira da inquisição junto com seus autores. Destarte a igreja ambiciona unicidade de interpretação e almeja precisão, como a comunicação científica.

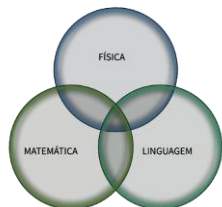
Acontece que a Bíblia tem claramente fragmentos de mitologias e poesias e, como tais, permitem mais de uma interpretação. Neste particular, a Bíblia passa a ser aberta a várias interpretações e se aproxima da literatura. A poesia é a mais pessoal das escritas, permite ampla interpretação.

Poderíamos então dividir a Bíblia em duas partes: uma que permite várias interpretações, como as que têm aspecto poético e ficção mitológica; e outra que tem o aspecto legal e histórico e que deveria ter única interpretação.

Mas mesmo esta parte invariável é criticada e acaba ocorrendo várias interpretações. Usaremos uma crítica gramatical do Decálogo para ilustrar as muitas interpretações possíveis do que deveria ter interpretação única.

Segundo relato bíblico, Moisés recebe o Decálogo de Deus em duas pedras. A linguagem arcaica do hebraico não possuía pontuação, nem de divisão das frases. Isto resultou não em tradução única, mas numa celeuma de interpretações, a critério das religiões, para dividir o texto hebreu em 10 mandamentos. Evangélicos, católicos, judeus e ortodoxos não se entendem e trocam acusações de adulteração da Bíblia. Se o leitor comparar a Bíblia dos judeus, dos evangélicos e dos católicos, teremos 12 mandamentos e não 10. Vejamos em Êxodo 20, retirado do site católico <http://www.bibliacatolica.com.br> (tradução, interpretação, maiúsculas e pontuação por conta do site):

1. Então Deus pronunciou todas estas palavras:
2. *“Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.*
3. *Não terás outros deuses diante de minha face.*
4. *Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra.*
5. *Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam,*
6. *mas uso de misericórdia até a milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.*
7. *“Não pronunciarás o nome de Javé, teu Deus, em prova de falsidade, porque o Senhor não deixa impune aquele que pronuncia o seu nome em favor do erro.*
8. *Lembra-te de santificar o dia de sábado.*
9. *Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra.*
10. *Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros.*



Existencialismo Metafísico

11. *Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que contêm, e repousou no sétimo dia; e por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.*
12. *Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus.*
13. *Não matarás.*
14. *Não cometerás adultério.*
15. *Não furtarás.*
16. *Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.*
17. *Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.”*

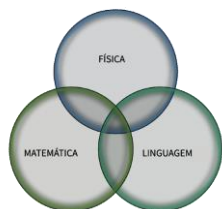
Ficam assim mais ou menos os mandamentos:

- 1 - *Eu sou o SENHOR, o teu Deus;*
- 2 - *Não terás outros deuses além de mim;*
- 3 - *Não farás para ti nenhum ídolo;*
- 4 - *Não tomarás em vão o nome do SENHOR, o teu Deus;*
- 5 - *Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo;*
- 6 - *Honra teu pai e tua mãe;*
- 7 - *Não matarás;*
- 8 - *Não adulterarás;*
- 9 - *Não furtarás;*
- 10 - *Não darás falso testemunho contra o teu próximo;*
- 11 - *Não cobiçarás a casa do teu próximo;*
- 12 - *Não cobiçarás a mulher do teu próximo.*

O judaísmo considera um mandamento a apresentação do Senhor (1), enquanto a evangélica considera apenas um prefácio, mas as duas consideram apenas um mandamento os dois últimos (11 e 12). A igreja católica considera os dois últimos mandamentos (11 e 12) independentes e desconsidera o primeiro por ser uma afirmação e unifica o 2º e 3º mandamento.

Alguns não foram considerados como mandamentos autônomos: não cobiçar o servo do próximo; não cobiçar a serva do próximo, não cobiçar o boi do próximo, não cobiçar o jumento do próximo. A conta aumenta se considerar cada verbo como um mandamento. A considerar a tese de Santo Agostinho que individualizou dois mandamentos da cobiça (desejar a mulher e a casa do próximo) e negou as outras quatro cobiças (servo, serva, boi e jumento) como autônomas, pode-se interpretar que todas as cobiças seriam um mandamento autônomo e que há 16 mandamentos e não 10.

Em síntese, as linguagens religiosas consideram seus textos sagrados, imutáveis e querem interpretação única, como as linguagens científica e filosófica. No entanto seus textos possuem fragmentos poéticos e mitológicos, provoca multiplicidade de interpretações e subjetividade como na linguagem literária. Até os textos bíblicos de aspectos legais também têm outras interpretações e gera a falta de credibilidade no conteúdo. Não se importam com contradições, ambiguidades, clareza, mas querem normatizar e padronizar o comportamento de seus fiéis. Aspiram ao padrão culto da linguagem, denotativo, mas não conseguem. Além destes problemas, há problemas



Existencialismo Metafísico

linguísticos e históricos da Bíblia, como autoria, data da escrita, da sua publicação e questões de ordem semântica.

As religiões defendem o mundo metafísico, por isto são universais e têm força, mas suas teologias são infantis. O biblismo não resiste a menor crítica científica ou racional. Mas, além da ciência oferecer forças cegas e o Nada em troca da fé cega, a força do biblismo se deve a questões políticas, a seguir explanadas e criticadas.

5 - Crítica à Política Religiosa

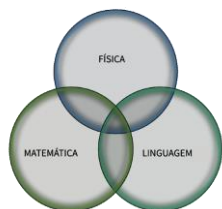
Em regra, as religiões são uma teocracia, passam longe de uma democracia. Em nome de um deus, fiéis seguem regras inquestionáveis, como nas ditaduras, com base em revelações captadas em circunstâncias duvidosas. Os cargos eclesiásticos são ocupados sem regras claras, não democrática, mas de forma circunstancial e patriarcal. Em torno destas revelações, uma hierarquia de pessoas estabelecem sua ideologia e exercem poderes inquestionáveis.

Apesar das instituições religiosas serem mantidas pela sociedade (com doações) e pelo governo (com isenções tributárias), não há democracia nelas. Cidadãos não têm direito de voto e nem de ser votado nelas. Seus membros não podem ter ideias próprias, mas apenas replicar o que fora dito pelas revelações e por seus líderes. Assim, como papagaios, vivem repetindo o que é dito, numa espécie de lavagem cerebral. As massas impensantes sustentam as ideologias religiosas inconscientemente. Apesar do fenômeno espiritual em todo mundo, todas as religiões são antiuniversalistas, pois são incapazes de unificar o discurso em torno de uma autoridade divina única, de uma verdade única.

Historicamente Moisés não existiu, mas biblicamente ele e o povo hebreu viviam exilados num estado teocrático. Vale dizer, no Egito, o soberano era um faraó ditador, adorado como um deus. Era uma ditadura travestida de teocracia. Culturalmente e contextualmente, era natural Moisés atribuir autoria divina às suas leis para um povo ignorante, acostumado com o engodo egípcio. Senão tais leis não seriam respeitadas.

Vale salientar também outra influência política na bíblia. O exílio babilônico e o contato com a cultura deles influenciou a escrita bíblica a alegar autoria divina do Decálogo. O famoso Código de Hamurabi também creditava origem divina de suas leis e fora escrito numa pedra. Não por acaso o Decálogo, escrito em pedras, tinha autoria divina.

Hodiernamente a maioria dos estados é laica, separa estado de religião. A secularização foi um processo lento, mas manteve, via de regra, a liberdade religiosa, o pluralismo religioso. Porém alguns estados perseguiram as religiões. No século XX, sob o comando da velha Rússia, alguns estados se tornaram ateus. Coreia do Norte, Cuba, China, entre outros, perseguiram religiosos e religiões, considerados subversivos. Hoje,



Existencialismo Metafísico

a preocupação maior da igreja é contra o radicalismo islâmico que agride a minoria de cristãos em países de maioria muçumana.

Perigosamente vários países de maioria muçumana unem política e religião, ainda vivem ditaduras teocráticas, algumas vezes sob comando de seitas radicais e violentas. Quando a religião detém o poder político, detém também a arte, ciência, filosofia, o direito, enfim, a vida dos fiéis. Neste caso, direitos humanos não existem e tribunais eclesiásticos aplicam penas cruéis e a lei de talião. Não há liberdade de pensamento e nem individualidade.

O islã não é apenas uma religião, pois em sua essência é uma ideologia política. Islã significa submissão e adota um sistema de regras rígidas para a sociedade e a vida de cada pessoa. O islã não é compatível com a liberdade e a democracia. A sharia, mistura de direito e religião, dita todos os aspectos da vida do homem. O modo de vida mecanizado é 100 % religioso.

Muitos muçumanos interpretam o Alcorão de forma pacífica, mas os radicais assumem o poder político com violência. Os muçumanos pacíficos acabam reprimidos pela violência dos radicais que querem islamizar o mundo. O imperialismo islamismo acaba sendo visto com certo receio pelos ocidentais. Ele imagina submeter todo o planeta a sharia.

O Ocidente já conhece esta história de violência religiosa, quando a igreja Católica tinha o poder político e mesmo depois, quando tinha influência política. As cruzadas, a inquisição, a imposição doutrinária aos colonizados são exemplos de abusos, violência, tortura de fiéis, subordinados e colonizados. Felizmente para o ocidente, ela perdeu influência no poder político.

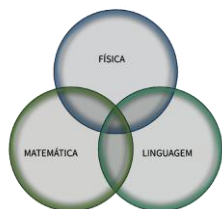
Direitos humanos, como a vida e a integridade física, foram conquistados graças a filósofos, juristas e políticos. A igreja nunca ligou a mínima para direitos dos homens, pois sempre se concentrou no divino e seus dogmas. Para o homem, a igreja impõe deveres e não direitos. No ocidente, sem poder político, sem autoridade para impor, os crimes eclesiásticos migraram para outros, como pedofilia e preconceito.

Da mesma forma que na antiguidade, a igreja atual atribui autoridade divina aos seus clérigos. Seu sistema hierárquico passa longe da democracia, mas bem próxima de uma ditadura militar. Sua rígida hierarquia traz punições severas para indisciplina, mas não para seus crimes. Sua justiça não possui princípios processuais democráticos, como direitos jurídicos consagrados de ampla defesa e contraditório.

A política saiu da religião, mas a religião não saiu da política. As religiões são uma espécie de teocracia. Num plano macro, o Criador governa por meios de leis naturais. Assim as religiões têm um fundo de verdade. No plano micro, as religiões usam esta ideia do Criador e do Absoluto para exercer poder ditador. Contudo, num plano micro e relativo, isto é um engodo, pois o governo menos pior é a democracia.

Na teocracia, os religiosos governam em nome de um deus ditador, mas sem nenhuma procuração divina. Líderes teológicos, sem nenhuma autorização divina, praticaram desmandos. No Ocidente, papas insuflaram guerras e acumularam fortunas, clero mostraram ostentação, hipocrisia e arrogância. Não havia nenhuma autoridade legal para conter tal mal.

A igreja subiu no trono na Roma antiga, onde fora enterrado o apóstolo Pedro, o qual, diz a igreja, fora o primeiro papa. No entanto o duvidoso apóstolo Pedro negou



Existencialismo Metafísico

Jesus por três vezes, segundo a Bíblia, e nem fora o melhor dos apóstolos. Nem sequer há um evangelho oficial ou apócrifo dele. Mesmo assim, com este argumento infundado, atribuíram autoridade divina ao papa.

Com este engodo papal, surge a infalibilidade do papa e a Bíblia é a palavra de deus. Na passado, os grandes reis e sacerdotes atribuíam autoridade divina a si para dar credibilidade as suas palavras e ações. Mas nenhum deles tinha procuração divina. Nenhuma via. Jesus e Moisés, aparentemente, tinham uma procuração verbal de Deus, segundo a Bíblia. Estes não montaram nenhuma igreja, mas tentaram a unificação do pensamento moral e divino.

Antes, cristãos eram perseguidos pelos romanos e judeus, depois os cristãos assumem o poder e passam de perseguidos a perseguidores. Lembram-nos um jornalista, referindo ao PT quando assumiu o poder no Brasil: é o mesmo filme com papéis trocados de oposição e governo. O poder político tem destas coisas. Carl Jung via duas forças irreconciliáveis. O Amor e o Poder. Dizia: *Onde reina o amor, não há vontade de poder, e onde domina o poder, falta o amor. Um é a sombra do outro.* Já John Emerich, historiador britânico, via apenas corrupção no poder. Ele disse: *O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.*

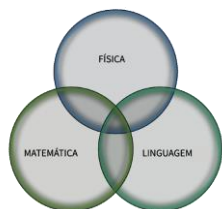
No poder, a igreja estruturou seu tribunal de inquisição e caçou “bruxas” e “infiéis”. Sua justiça tinha como principal prova de acusação, quiçá única, a confissão sob tortura. Bastava um cidadão não gostar do vizinho e acusá-lo de heresia. Eficientes soldados o prendia e a igreja o torturava e o executava na fogueira santa.

A maléfica estratégia eclesiástica envolvia toda a comunidade na caça aos hereges para torturá-los e matá-los. Tal tática ganhou as ditaduras, como o fascismo, nazismo e comunismo. Uma instituição forte, totalitária, imperialista, como a igreja, inspirou estados ultranacionalistas, mobilizadores da massa vigilante dos ideais de um estado ideológico. A violência justificava ideais do seu líder militar. Como a igreja, estes estados não simpatizavam com a democracia.

Esta estratégia foi empregada pela ditadura militar no Brasil. Havia até a malfadada polícia política (DOPS). Bastava alguém acusar seu vizinho chato de “comunista”, que um eficiente soldado ou policial arrombava a porta, prendia o “subversivo” e levavam-no a tortura. Esta foi a herança da igreja para a humanidade: ditadura, imperialismo, táticas de manipulação social com seus dogmas, justiça injusta e tortura.

A inquisição foi fundada durante os séculos XII e XIII. No século XIX, os tribunais de inquisição foram suprimidos pelos estados europeus, mas foram mantidos pelo estado Pontifício. Em 1908, a instituição foi renomeada *Sacra Congregação do Santo Ofício*. Em 1965, o Vaticano maquiou a inquisição com outro nome, *Congregação para a Doutrina da Fé*. Sua função é ainda difundir a doutrina católica, como o mito do Decálogo, mas agora sem o poder político estatal, sem o poder da fogueira santa na aplicação da pena capital. O fogo simbolizava a purificação, configurava a ideia de desobediência a deus e ilustrava a imagem do inferno. Hoje se pode dizer que o inferno era a Igreja.

A inquisição tinha poder político para autorizar, ou não, impressão de livros. Assim ela controlava o pensamento e proibia conteúdo considerado herege nos livros. O *Index* listava os livros proibidos, considerados hereges. Também devemos aos juristas,



Existencialismo Metafísico

políticos e filósofos, os direitos humanos de liberdade de expressão e de pensamento. Pela igreja, até hoje não teríamos a liberdade de pensamento sob pena da santa fogueira.

A igreja apropriou da Bíblia e sua interpretação para atender interesses ideológicos. Para limitar interpretações, era escrita somente em latim até Lutero traduzi-la. Ainda continuou rezada em latim até os anos 60, quando o Papa Paulo VI promulgou uma nova liturgia. Os fiéis não entendiam nada de latim e nem era para entender mesmo. A igreja mantinha seu poder como dono da “palavra de deus”. Sempre houve um monólogo religioso e não um diálogo quanto a Deus. O papa Ratzinger, antes do *01 pedir pra sair*, teve o descalabro de voltar com a liturgia antiga, exercida de forma extraordinária.

A ideia de Deus baseia na falácia do argumento de autoridade. A Bíblia, interpretada pelas autoridades eclesiásticas, tem validade total e atropela todos outros argumentos racionais ou científicos. Não vale para a Igreja, então, técnicas de dedução, indução, comparação, analogia, causa e efeito, estatísticas e de fatos para chegar a verdade.

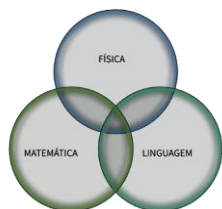
Ela nega a realidade, nega uma relação dialógica e não permite questionar sua autoridade e sua ideia de Deus. Numa democracia o interlocutor ouve objeções, debate ideias, apresenta ideias contrárias e refuta outras, mas isto não é permitido pela igreja ou pelas religiões. Religiosos descartam a lógica e utilizam apenas a retórica de sua autoridade. Isto implica emoções e valores ideológicos de forma escamoteada, revista de aparência lógica.

O argumento da autoridade não permite os fiéis pensar por si. Pastores e padres vêm com ideia pronta e deixa os fiéis sem vida própria, sem possibilidade de reflexão. Linguisticamente as escrituras sagradas seriam resultado da codificação divina, decodificadas pelo interprete divino. Aos fiéis, cabem passivamente aceitar a interpretação, sem reflexão e sem consciência. É um monólogo. Isto na contramão da sociolinguística que tem uma concepção de língua como interação social. Para essa ciência, a comunicação funciona como um diálogo, em que os envolvidos constroem o sentido do texto.

Em busca de ideologias por trás das falas, o pensador francês, Michel Pêcheux, propôs de um novo objeto de estudo, o discurso. Numa visão crítica, o discurso garante a ideologia e esta busca poder nas relações sociais. Todos têm um papel social, fruto do poder. A ideologia é velada e sutil, utiliza a linguagem para se sustentar e perpetuar no poder. A princípio, Michel fez o estudo pensando na política. Mas este estudo também pode ser aplicado nas religiões, pois elas têm política e ideologia em suas entranhas.

Ele invoca uma interdisciplinaridade de ciências para o estudo do discurso, no caso, a linguística, psicanálise e do marxismo. Em linguística, adota-se o pensamento do estruturalismo, enfatiza o código na comunicação, no nosso caso a Bíblia. Os sujeitos da comunicação, padres e pastores, são mecanizados pelo sistema, como meros decodificadores do texto sagrado.

Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala, dentro de um contexto histórico-social. Significa que o discurso não é um produto individual. O padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. A interpretação da Bíblia implica um religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.



Existencialismo Metafísico

Tal estudo dialoga com o marxismo, ao adotar o materialismo histórico de Karl Marx. Para ele, eram as condições materiais de vida numa sociedade que determinavam nosso pensamento e nossa consciência. Para Karl, tais condições eram decisivas também para evolução da história. As instituições políticas e religiosas, chamados de superestrutura, são reflexos da base materiais. As condições materiais de uma sociedade sustentam todos os pensamentos e ideias de uma sociedade. Marx dividi a sociedade em classes dominantes e classes dominadas. A luta de classes movem a história e sua evolução.

Agora, com um dedo em Freud e a psicanálise, a Análise do Discurso adota a teoria do inconsciente. Podemos afirmar, os envolvidos inconscientemente aceitam o discurso religioso ideológico. Da mesma forma que existe uma ideologia por trás da sociedade, também no discurso religioso há uma ideologia por trás, ainda que pregado de forma inconscientemente.

A Análise do Discurso do Religioso, então, promove o encontro das três disciplinas. O supervalorizado texto sagrado menospreza os sujeitos (padres, pastores, fiéis) do discurso (linguística). Ele advoga uma ideologia eclesiástica inconscientemente (psicanálise), produto do materialismo histórico (marxismo).

As palavras são ideológicas, têm força e poder. Exemplos político e religioso: politicamente, a depender da ideologia de um jornalista, ele poderá titular sua reportagem “MST invade” (tom criminoso) ou “MST ocupa” (tom social). Pastores e padres chamarão a Bíblia de sagrada, de palavra de Deus; um filósofo ou historiador a chamará de palavra dos homens. Líderes religiosos têm necessidade profissional de sacralizar seu livro.

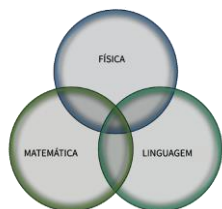
A ideologia utiliza emoções, sentimentos de culpa e de medo, além de recursos retóricos como as metáforas, hipérboles, ironias e os sentidos das palavras. Os cidadãos aceitam passivamente o discurso religioso, sem debate ou questionamento. O senso comum sustenta inconscientemente as ideologias eclesiásticas. Eles acolhem o poder religioso como certo, natural e de aceitação geral. Quanto menos evidente a ideologia, mas eficaz ela é.

O discurso ideológico tem estratégias como a legitimação. Ela estabelece como legítima e justa as relações de poder, as assimetrias sociais: pobre e rico, governante e governado, clérigos e fiéis. A estratégia da universalização diz ser benéficos para todos, como o slogan “Brasil, um país de todos”, ou o mito do paraíso religioso.

A estratégia da fragmentação isola infiéis e não partidários, apresentados como uma ameaça ou inimigo ao bem-estar geral. Ex. as elites de Lula e o inferno para os infiéis. Coisificação é a técnica para eternização do domínio. A ideologia oculta obscurece as causas reais, como eternização do poder. Estas são algumas técnicas e falácias para legitimar a eternização do poder eclesiástico e político.

Alguns pensadores e teólogos vêm a igreja como um grande engodo, mas também eles creem na necessidade desta pseudoverdade chamada igreja. Ela funciona como um conforto emocional e espiritual. Tipo placebo, funciona porque seus defensores acreditam. O pensamento religioso, quando positivo, realmente tem poder.

Paradoxalmente o sentimento de fé produz antagonismos curiosos. A fé no bem gera pensamento positivo e produz um bem estar no fiel, já mapeado pela ciência. Pensamento positivo gera uma boa energia e trás resultados físicos importantes ao



Existencialismo Metafísico

crente. Assim, por este prisma, a fé é importante para o iniciado. Noutro giro, a fé do mal, fundamentalista, que leva a violência, gera rancor e consequências danosas e físicas ao crente e seus próximos.

As autoridades eclesiásticas canonizam e declaram seus textos sagrados, mas o conhecimento atribuem tais textos aos homens. Para a igreja, as incoerências bíblicas são inquestionáveis e os fiéis não podem pensar, nem questionar a fé cega. Mas pensadores sempre irão refletir e questionar a bíblia. Vale citar o polêmico filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, sobre seu pensamento bíblico: *Eu li a Bíblia de capa a capa. Chamar aquele livro de a palavra de Deus é um insulto a Deus. Chamar aquele livro de um guia moral é uma afronta à decência e dignidade dos povos. Chamá-lo de guia para a vida é fazer uma piada de nossa existência. E pretender que ela seja a verdade absoluta é ridicularizar e subestimar o intelecto humano.*

6 - O Pensamento Científico

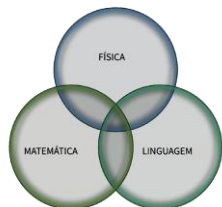
A construção do conhecimento é feita pela representação da realidade. O instrumento para construção deste conhecimento pode ser a razão, o empirismo, as emoções e fé em escrituras ditas sagradas. O antigo pensamento religioso tinha o monopólio do conhecimento, pois abarcava todos os sistemas de pensamento.

No entanto, as teologias infantis levaram todos os campos do conhecimento a se libertarem das religiões. A história, a arqueologia, a filologia, a mitologia perceberam que os livros sagrados não são divinos e nem mesmo revelações divinas. É sim uma colcha de retalhos, onde culturas antigas forneceram fragmentos para outras culturas em formação.

Teólogos biblistas pregavam poucos milhares de anos de existência da vida e do mundo, através da contagem das gerações dos patriarcas bíblicos. A geologia afirmou que a terra tem milhões de anos de existência. Já a astrofísica data de bilhões de anos de existência da Terra e do Universo. A física e a astronomia tiraram a Terra do centro do universo bíblico. A biologia tirou a criação especial do homem e inovou com o evolucionismo.

As artes pegaram carona na onda de libertação e tiveram sua autonomia. A arte saiu das religiões, mas as religiões não saíram da arte. As religiões adotam arte sacra como forma de hipnotizar os crentes, mas a arte profana se diverte com a infantilidade teológica.

A filosofia busca a representação da realidade através da razão; a ciência, através da experimentação; a religião, através da revelação; e a arte, através da emoção. Mas a ciência sempre bebeu da fonte dos filósofos gregos. Platão e Ari desenvolveram conceitos como sujeito e objeto, identificaram o princípio da causalidade e desenvolveram métodos e raciocínios como a classificação, a dialética, o silogismo, o



Existencialismo Metafísico

indutivo e o dedutivo. Dedução e indução estão no centro do procedimento metódico de construção do saber.

O império romano submeteu a Grécia, assumiu o poder e abandonaram o pensamento abstrato em favor do pragmatismo. Depois a igreja unifica a Europa e adapta o pensamento filosófico a sua teologia. O Renascimento desloca o pensamento do teocentrismo para o antropocentrismo. O pensamento científico volta com Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. A observação empírica toma força. A realidade deve ser submetida a observação empírica e depois ser mensurada pela matemática. A experimentação permite a comprovação do conhecimento.

A matemática toma posição central na ciência. Teorias científicas exigem linguagem matemática, apesar da natureza da matemática ser desconhecida pela ciência. Temos um paradoxo aqui. O homem costuma dividir a realidade em natural e artificial, mas não entende como a matemática atinge até o mundo criado pela mente humana, como negócios e finanças. Realmente o universo é regido pela matemática, até aquele produzido pela mente humana.

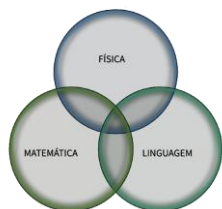
Este paradoxo científico nunca existiu na filosofia. Platão e Pitágoras já exaltavam a matemática há milênios atrás. Pitágoras via números em tudo, em todos e eles regem a harmonia do cosmo. Platão localizou a matemática no mundo das ideias eternas. A matemática, localizada no mundo metafísico, é o conhecimento supremo da existência. $2 + 2 = 4$, independentemente do tempo, espaço e do mundo físico. Esta equação não é conhecimento empírico, mas sim abstrato e lógico. Logo a matemática pertence a algum mundo metafísico. Ela não é uma ciência autônoma como pensam alguns, mas o instrumento de todas as ciências.

Mesmo entre cientistas, a matemática ganhou lugar especial no mundo metafísico. Galileu acreditava que ela era uma espécie de linguagem de Deus. Para entender o universo e Deus era só entender a matemática. A autoria divina da matemática chocou com a ideia de autoria divina da Bíblia, pois equações matemáticas retiraram a Terra do centro do universo. Galileu teve que desdizer o que disse para não ser queimado.

Na mesma época do italiano Galileu, só que na França, Descartes une álgebra e geometria e alarga o poder da matemática. Cientistas, estatísticos e economistas hodiernos trabalham com a geometria analítica. Tal ideia possibilitou a aplicação da matemática em quase tudo. Newton embarcou nesta ideia, equacionou as leis basilares da mecânica, descreveu o movimento dos planetas. Ele ligou a Terra com o universo e colocou os dois sobre a autoridade da matemática. A ciência ganha autonomia e separa da filosofia, apesar da filosofia sempre estar lado a lado com a matemática.

O triunfo da matemática nas ciências físicas permitiu seu emprego nas ciências biológicas, humanas e sociais. Estatística e probabilidade foram os instrumentos para as novas ciências lutar contra o acaso e calcular as possibilidades de resultado. A economia, o esporte e outras atividades sociais têm base nestes dois entes matemáticos, leva a ideia de quantidade para as ciências sociais. A matemática seria a linguagem da natureza e também a linguagem do homem.

Nesta esteira, o conhecimento científico passa exigir objetividade, o sujeito do conhecimento deve se afastar e controlar o objeto do conhecimento para não influenciar a pesquisa. Esta deve permitir a prova de experimentação, possibilitando teste posterior



Existencialismo Metafísico

que demonstre a precisão. Ou seja, a ciência tem que ser quantitativa para que experiências posteriores nas mesmas condições possam reproduzir a mesma quantidade. As leis estão inscritas na natureza, o conhecimento positivo é determinista.

Neste sentido, a metodologia científica exige um caminho para resultado. Inicia com a hipótese, uma suposição preliminar sobre uma série de observações. Ela é criada inicialmente para explicar um fenômeno. Posteriormente ela deve ser testada em condições controladas, para confirmar ou confrontar a hipótese. Para embasar uma teoria sólida, os resultados destes testes devem ser os mesmos, depois de repetidas vezes.

Enraizada no conhecimento, a ciência atinge a glória no século XIX com o positivismo e o evolucionismo. As ciências naturais passam a ter aplicação na prática. A filosofia perdeu a supremacia e passou ser um anexo da ciência. Quase todos objetos de estudo tradicionalmente da filosofia transmigraram para as ciências, como a política, a ética, a psique, liberdade, igualdade, entre outros. O idealismo e até mesmo o racionalismo perderam força para o empirismo e realismo, numa disputa ideológica e estéril.

Todavia o pensamento positivista enfraqueceu no século passado. As ciências humanas tiveram dificuldade com seu objeto de estudo, possuidor de consciência e subjetividade. Da mesma forma, o sujeito do conhecimento também é um ator no cenário do conhecimento e submete sua pesquisa a seu pensamento. Esta subjetividade acaba influenciando sua pesquisa. Passa a se falar em objetivação da subjetividade. A ideia de lei, determinismo, perde força nas ciências humanas que podem apenas falar em tendências.

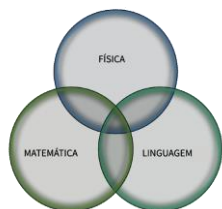
Depois das ciências humanas, a própria física também passou por uma mudança de paradigma, ao perceber sua limitação. Havia a teoria do átomo, apesar do mesmo não poder ser visto, mas conhecia-se a sua natureza. Em seguida as teorias do caos e da incerteza enfraquecem o determinismo e a ideia de lei. A física quântica desconsidera o determinismo (causa e efeito) para empregar a probabilidade. A física moderna demonstrou que é impossível prever o resultado de todo experimento.

Esta é uma síntese do pensamento científico, mas quais são as respostas científicas para as questões existenciais? De onde viemos? A ciência física encarregou de responder tais questionamento e tornou-se existencial.

Para ela, toda a matéria do universo estava no big-bang. Há cerca de 13,7 bilhões de anos, tudo era energia, condensada em um espaço mínimo. Neste momento surge a trindade científica: tempo-espaço-energia. Antes da grande explosão era o Nada, pois não havia tempo-espaço-energia. Foi desta explosão do Nada que veio o tudo, inclusive o amigo leitor, seu pai, sua mãe, seu cachorro e seu pé de cajá, e tudo que há no universo. Por que o Nada entediou e explodiu não se sabe.

Desta explosão, o hidrogênio é a primeiro átomo a ser formar. Ele é o elemento mais simples da tabela periódica, composto de um elétron, um próton e um nêutron. Em seguida surgiu o hélio e depois o lítio. No big bang, somente estes três elementos foram formados. Os outros elementos também foram formados por outras explosões, mas desta vez no interior das estrelas, chamadas de supernovas.

A gravidade explode as estrelas, mas também produz outros elementos e planetas. Estes orbitam as estrelas que um dia vão explodir. Num destes planetas, a



Existencialismo Metafísico

Terra, surgiu a vida, há cerca de 3 bilhões de anos depois. Nosso planeta, por “acaso” estava no lugar certo para surgir a vida. Sua distância do Sol é favorável ao estado líquido de água. A Lua e Júpiter, por sorte, também estão a uma distância certinha da Terra. Júpiter protege a Terra dos asteroides e a Lua faz contrapeso da Terra, permitindo a rotação da Terra e uma climatização favorável.

Em seguida, há 500 milhões de anos, animais e plantas se espalham pela Terra. Numa evolução magnífica, surge o homem. Há cerca de 180 anos, de uma linhagem não muito clara, surge o *Homo Sapiens*, seres humanos anatomicamente modernos. Ele passa pela aprendizagem coletiva, pela revolução agrícola e pela revolução industrial. Hoje estamos aqui, noutra revolução, a tecnológica.

Para a ciência oficial, estamos aqui depois inúmeros “golpes de sorte”. Alguns estudiosos chamam de limiares. Após a explosão inicial de sorte do universo, segue outras explosões estelares de sorte. Desta série de explosões estelares, fez surgir uma estrela, o Sol, que também vai explodir, mas que tem um planeta de sorte, por estar a uma distância perfeita do Sol, Júpiter e da Lua. Nesta planeta, surge um oceano que contém um “sopão” de sorte, donde surgiu a vida. A vida espalha também pela terra, evolui, surge o homem, depois que uma catástrofe atingiu o planeta.

Entre uma limiar e outra, há uma infinidade de acasos. A vida vem desta infinidade de “golpes de sorte”, mas a ciência não explica como uma substância inanimada de repente se transforma em uma coisa viva. Também não explica a expansão da vida de forma prodigiosa, há cerca de 500 milhões de anos atrás.

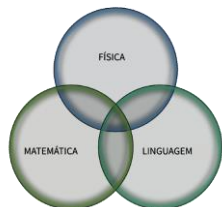
Passando para outra questão existencial, para onde vamos? O Sol tem ainda 5 bilhões de anos de vida, está se tornando mais quente e em um bilhão de anos, o Sol estará tão quente, os oceanos estarão secos e não haverá mais a vida. Teremos um final apocalíptico.

Então, o que somos? Uma máquina comandada pelo cérebro. Este é visto como usina de energia, uma máquina elétrica e química. Após comportamentos diversos, observa-se a atividade elétrica dos neurônios. Vale dizer, estudar o cérebro pela neurologia é implantar eletrodos na cabeça humana e mapear o cérebro, conforme registre atividade elétrica em comportamento produzidos.

Cientificamente podemos concluir que viemos de uma explosão depois do Nada. Somos uma máquina biológica. O Sol irá aquecer a Terra e vida deixará de existir. Voltaremos para o Nada. Numa frase: somos uma máquina entre dois nada. Ah, a ciência não é nada romântica, nada oferece em troca da fé cega!

7 - Crítica ao Pensamento Científico

Desde as cavernas, o homem já utilizava a representação simbólica, demonstrada pelas pinturas rupestres. Isto superou os instintos e preparou o homem para o pensamento mitológico. Em torno das narrativas mitológicas e do mundo metafísico, o



Existencialismo Metafísico

homem criou instituições religiosas. Filósofos perceberam que as mitologias são culturais e regionais, desvincularam das religiões, adotaram o pensamento racional, porém não abandonaram a Metafísica. Quando estudiosos descobrem a matemática e o empirismo, nasce a ciência. Esta abandona a filosofia e a Metafísica.

Em síntese, o pensamento atual e histórico pode ser dividido entre os pensamentos físico e metafísico. O pensamento físico ficou a cargo da ciência e o metafísico a cargo das religiões. Hodiernamente a filosofia segue a ciência e se distancia da metafísica. A arte se diverte com todos os pensamentos.

O ensino religioso é o mesmo pensamento mitológico de milênios atrás. As teologias vencidas ainda reinam em pleno século XXI, convivendo com modernas tecnologias. Dogmas não permitem sua evolução e isto levou a ciência a ridicularizar o pensamento religioso. As infantis teologias apropriaram do metafísico, mas seu pensamento está vencido.

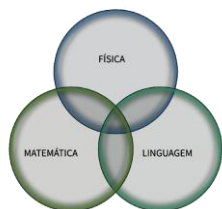
O pensamento pode estudar o objeto ou o sujeito. Sócrates centrou no sujeito, buscava o autoconhecimento, o *conheça-te a ti mesmo*. Descartes também pregava o autoconhecimento a partir do sujeito: *Penso, logo existo*. Pare eles a filosofia deveria começar pelo sujeito. A revolução industrial, o positivismo, o pragmatismo levaram o pensamento para o objeto, para as coisas materiais e o consumismo extremo. O existencialismo ateu em nada ajudou o estudo do sujeito. O idealismo perde força para o realismo. A vida passa a ser vista como uma máquina.

Neste sentido, a teoria da evolução unificou mente e corpo, enfatizou a luta pela existência. Inspirou pensamentos materialistas e pragmáticos. Positivistas passaram a pregar a vida em termos biológicos e não metafísicos. O pensamento pragmático busca resultados, utiliza objetos e tecnologia para isto. O utilitarismo avalia os bens pelos números de usos. Não têm interesse existencial. A teoria de Darwin enfatiza a luta pela vida, o mais apto é quem sobrevive. Mecanicistas acreditam em apenas uma base mecânica e material de todo evento mental.

A psicologia sem a base mecânica era vista como uma literatura. Amor, paixão, empatia, felicidade deixam de serem sentimentos para serem hormônios, como serotonina e dopamina. Com base nestas ideias, cientistas acreditam numa possibilidade de fabricar hormônios sintéticos para criar o amor, a felicidade. Esta é a moderna psicologia.

Nesta esteira, a ciência colocou eletrodos na cabeça das pessoas, percebeu uma movimentação elétrica e pronto! Acreditou que conseguiu desvendar a mente, a consciência, com um mapeamento desta eletricidade no cérebro. Mas cientistas perceberam uma propriedade do cérebro. A plasticidade. Acidentes em que pacientes perderam parte do cérebro, demonstraram que tal mapeamento não é absoluto. Determinada parte do cérebro não danificada, recebia atividades elétricas que antes cabiam a parte danificada. A divisão tradicional do cérebro, sendo o lado esquerdo ligado a razão e o direito, a emoção, deve ser reconsiderada devido a versatilidade cerebral.

Os modernos instrumentos neurológicos, ressonância magnética e tomografia nunca acessaram o conteúdo da consciência, somente acessível ao dono dela. Se acessarmos a consciência a partir da mesma consciência, contraria métodos científicos



Existencialismo Metafísico

consagrados e, assim, não temos como explicar cientificamente a consciência. Esta é transcendental e limita a ciência mecanicista.

Com esteio no pensamento científico, se o cérebro em uma evolução mecânica cresceu e criou a inteligência, então cérebros maiores deveriam ser mais inteligentes. Seguindo esta premissa, elefantes, baleias e até golfinhos deveriam ser mais inteligentes que os humanos. Se alegarem a proporcionalidade entre o peso do corpo e o peso do cérebro, também haveria exceção na natureza. O corvo da Nova Caledônia tem o cérebro proporcionalmente maior que o do homem mediano.

Freud também estudou a consciência e adotou o termo subconsciência para localizar onde estariam os desejos reprimidos. Ele usou a metáfora do iceberg para dizer que a consciência ficava na parte visível do iceberg e o subconsciente ficava na parte submersa do iceberg. Ocorre que a ciência ainda não sabe nem mesmo onde fica a superfície do iceberg. A ciência não sabe onde está a consciência, muito menos o subconsciente.

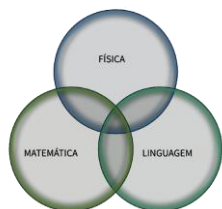
A tecnologia evoluiu de forma excepcional. Primeiro o eletroencefalograma, depois ressonância magnética, em seguida a tomografia computadorizada. Mas a ciência ainda não sabe onde fica a consciência e nem o que ela é. Desconsiderando a Metafísica, fica difícil defender o cérebro como sendo a própria consciência.

As teorias materialistas do século XX tiveram sua importância, mas ficaram limitadas e erraram em ser reducionistas. Tentam explicar a mente por princípios físicos, descartar o “fantasma” operando o cérebro e criar uma inteligência artificial. O filósofo Thomas Nagel contestou tais teorias, pois elas queriam solucionar objetivamente o problema, sem levar em consideração o caráter subjetivo da experiência mental. Isto passou a ser chamado de *hard problem*, o problema da consciência. Ou seja querem resolver a questão fisicamente, mas utilizam o caráter subjetivo. As experiências da consciência são em primeira pessoa, inacessíveis do prisma da terceira pessoa.

Dentre as teorias materialistas, temos a da evolução. O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Tudo demanda um processo, diriam os advogados. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução, transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há alguns bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem moderno. Isto é ciência verdadeira e deve ser ensinado em todas as escolas independente de crenças religiosas.

Para nós, não há contradições e exclusões entre a Criação e a Evolução. Agora, quando a religião prega o imediatismo, ou melhor, a criação sem evolução, temos contradições e exclusões. Quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que a vida e o universo foram feitos por si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Todo veio do Nada? Como o Nada pode produzir a evolução? Se a vida e o universo não têm propósito de Integração, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente, custe o que custar.

E a responsabilidade? Se somos máquinas deterministas, não faz sentido regras, moral, ética. Como iremos punir máquinas? Tudo está justificado. Estupros, vícios, homicídios, genocídios estão justificados numa existência única e mecânica. Passaria a



Existencialismo Metafísico

valer o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. A busca pelo poder ilimitado e Hitler estão justificados. Pedofilia está justificada num universo sem finalidade. A vida tem propósito e a criação foi em termos de evolução e de mérito, não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

A ciência defende a vida e o universo como produtos do acaso, do nada, da sorte, da coincidência. Não de um ato de vontade como querem as religiões. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada. A ciência oficial passa pelos laboratórios que trabalham com espaço, tempo e a matéria. Mas como pode o todo vir do nada, sem uma causa, sem a causa primeira?

O que é o real? Se é sentir, ouvir, cheirar, degustar, ver, como quer parte da ciência, então a realidade é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Será? Ou somos feitos do que aprendemos e ensinamos, dos livros que lemos, dos filmes que vemos, das ações e orações, das coisas que gostamos, do nosso estudo e profissão? Para a Metafísica e as religiões temos um princípio vital que manipula as forças físico-químicas.

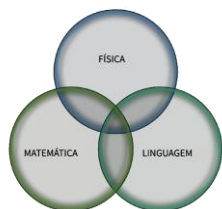
As sensações se transformam em sinais elétricos e levam as informações ao cérebro. A neurologia não vê imagens, equações brotarem no cérebro. Toda máquina tem alguém por trás. Além do corpo há um princípio vital. O vitalismo, doutrina metafísica, assevera um princípio, alma, espírito, consciência além das forças físico-químicas do corpo. O princípio vital tem muitos nomes em diversas culturas e estudos: prana (Índia), ki (Japão), élan vital (Bergson), magnetismo animal (Mesmer).

Apesar da universalidade, a ciência desconhece o fluído vital. A ciência pode chamar este princípio universal de mito, mas ela também é um mito. Ela era absoluta quando Newton estabeleceu as leis físicas. Seriam leis universais e absolutas. Mas Einstein relativizou tais leis. O mundo científico perdeu a objetividade, um mundo regido por leis absolutas. Surgem filosofias da desconstrução. O físico Thomas Kuhn investiga a história da ciência e observa que ela alterna normalidade e crise, momento que surge um novo sistema teórico, uma mudança de paradigma. O filósofo da ciência Paul Feyerabend, em sua obra *Contra o Método*, limitou a ciência, dizendo que não há um método científico e que ciência e mito se sobrepõem de muitas maneiras.

O objeto de estudo da ciência é o todo, a totalidade da realidade, compreender todo o universo. Mas a ciência nega o mundo metafísico. Apesar de ser, digamos, embaçado este universo metafísico, as religiões o pregaram em todos os tempos e espaços. Assim podemos dizer que ele é universal, pois existe em todos os tempos e lugares. Ele sendo universal, não estaria a ciência negando a realidade?

A ciência, então, não estuda o todo. Por que ela não estuda o todo? Porque o método científico é voltado para o exterior do mundo e não para o interior do sujeito. A própria ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto: aquele que conhece e aquilo que é conhecido. O método empírico científico busca o conhecimento do mundo físico e exterior, mas não do mundo interior.

Neste sentido, a psicologia baseou equivocadamente no método científico ao estudar a psique, a alma, o “eu” ou sujeito do conhecimento. Embora Sócrates dissesse a quase 2.500 anos “conheça-te a ti mesmo”, assim com ênfase pleonástica no “eu”, a humanidade não resolveu a questão existencial. A observação do mundo exterior tem a



Existencialismo Metafísico

autoridade da ciência. Todavia o mundo interior não está no sentidos, no sistema nervoso, e nem mesmo no cérebro.

Imagine um carro: ele tem vários sistemas, de freio, de aceleração, de energia, refrigeração, segurança. Mas quem comanda ele, tenha ele uma central de computador ou não, é o homem. É algo externo a ele que é apenas um instrumento. Da mesma forma o corpo, é apenas um instrumento a serviço do “eu”, do espírito ou qualquer nome que o leitor quiser dar.

O método empírico pode localizar um objeto no tempo e no espaço, para medi-lo, quantificá-lo, ou observá-lo em interação com outros elementos. Um exemplo básico, você pode medir o tempo que um objeto, um veículo, leva para percorrer um espaço. Mas não se pode medir, ou quantificar sentimentos ou a consciência. E toda interação dela com o ambiente repercutirá em seu interior e exterior. Mas são duas searas diferentes. Uma no mundo físico e outra no universo metafísico.

Com base neste raciocínio, o método científico é imprestável para compreender a consciência, localizada num mundo metafísico. O filósofo e jurista, Raimundo Farias de Brito, defendia um método introspectivo para o estudo do “eu”. A psicologia, em vez de seguir uma carreira solo, adotou o método das ciências naturais. Ficou com medo de ser taxada de não-científica e o sucesso do behaviorismo (estímulo e resposta) durou pouco.

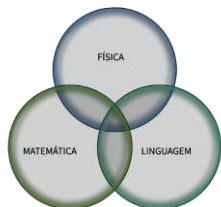
A ciência busca descrever a natureza e daí resulta o princípio natural. Ou seja, a ciência busca verdades em processos naturais. Com isto ela quer dizer que o sobrenatural não interfere na natureza. Realmente mito e religiões exageraram em narrativas de intervenções divinas diretas na vida das pessoas. Até hoje as pessoas rezam para seu time de futebol ganhar uma partida ou um campeonato e agradecem a um deus. Mas uma Criação perfeita não precisa de reparos ou emendas.

Neste sentido é até compreensível a ciência negar o sobrenatural. Mas o mundo metafísico também não seria natural? Não será ele mais “real” que o mundo físico?

Da mesma forma infantil, cientistas atribuem determinados fenômenos religiosos à sentimentos e sensações, como o medo, a imaginação, a alucinação, mesmo sem evidências empíricas. Mas atribuir o medo e a superstição como origem de todas as religiões, em todos os tempos e espaços, seria negar o que é universal, seria negar a realidade. O medo não pode afetar a todos, o tempo todo em todos os cantos. Nunca será provado o medo como origem das religiões em todos os tempos e espaços. A transcendência é inata, está em todos os tempos e espaços. A alternância entre os mundos físico e metafísico explica a espiritualidade e não o medo.

A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos, como quer a Ciência. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico de Integração no universo. As perguntas existenciais ainda continuam para filósofos, cientistas, artistas e religiosos. Eles continuam tentando explicar o enigma da existência.

Esta ideia do homem como máquina prejudica o pensamento da humanidade. Prejudica a busca pelo bem e o afastamento do mal. Prejudica a busca do ideal. As massas acabam por buscar a fé cega. O estudo pleno da consciência, a Conscienciologia, nos livrará do pensamento mecanicista científico e explicará nossa existência e a nossa alma.



Existencialismo Metafísico

8 – Ateísmo

Nascemos com uma espiritualidade. São raros registros históricos de um povo ou tribo sem religião. Alguns países comunistas chegaram a proibir as religiões, mas a espiritualidade inata não se extingue por decreto. Esta universalidade nos leva a ideia inata de uma divindade ou espiritualidade em todo ser humano. As religiões aproveitaram este sentimento inato, juntaram as mitologias e construíram templos em torno deles.

Mas as mitologias, as contradições, os dogmas estéreis, os rituais vazios e imutáveis das religiões levam a descrença de alguns. Há uma relação de qualidade de ensino e menor crença em religiões. Projeções baseadas em progressão matemática, indicam a erradicação das religiões em alguns países ricos. Estes tendem a diminuir as religiões, em razão da qualidade da educação.

Nossa vencida teologia ocidental, alinhada com a mitologia hebraica, está com um atraso de mais de 2.000 mil anos. Tal mitologia tem imprecisões, absurdos, contradições, fábulas, que ainda, em pleno século XXI, faz mais de 2 bilhões de pessoas afirmarem ser o livro preto a palavra de Deus. Entre muitos absurdos bíblicos temos um preferido.

Versículos do livro Números 31 da bíblia: A Vingança contra os Midianitas.

Números, 31

1.O Senhor disse a Moisés:

2. “Vinga os filhos de Israel do mal que lhes fizeram os madianitas; depois disso serás reunido aos teus.”

3.Moisés disse então ao povo: “Armam-se para a guerra alguns homens dentre vós: eles atacarão Madiã, para executarem sobre ele a vingança do Senhor.

4.Poreis em linha de combate mil homens de cada uma das tribos de Israel.”

5.Reuniram-se, pois, dentre as famílias de Israel, mil homens por tribo, ou seja, doze mil homens de pé, prontos para o combate.

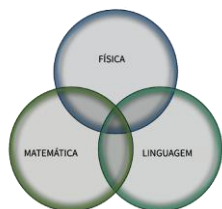
6.Moisés enviou-os ao combate; mil homens de cada tribo, com Finéias, filho do sacerdote Eleazar, que levou também os objetos sagrados e as trombetas para tocar.

7.Atacaram os madianitas, como o Senhor tinha ordenado a Moisés, e mataram todos os varões.

8.Mataram também os reis de Madiã: Evi, Recém, Sur, Hur e Rebe, cinco reis de Madiã, e passaram ao fio da espada Balaão, filho de Beor.

9.Levaram prisioneiras as mulheres dos madianitas com seus filhos, e pilharam todo o seu gado, seus rebanhos e todos os seus bens.

10.Incendiaram todas as cidades que habitavam e todos os seus acampamentos.



Existencialismo Metafísico

11. *Levaram consigo todo o espólio e todos os despojos, animais e pessoas, e conduziram-nos a Moisés, ao sacerdote Eleazar e à assembléia dos israelitas no acampamento que se encontrava nas planícies de Moab, perto do Jordão, em face de Jericó.*

13. *Moisés, o sacerdote Eleazar e todos os chefes da assembléia saíram-lhes ao encontro fora do acampamento.*

14. *E Moisés, irado contra os generais do exército, os chefes de milhares e os chefes de centenas que voltavam da batalha, disse-lhes:*

15. *“O que é isso? Deixastes com vida todas essas mulheres?”*

16. *Mas são justamente elas que, instigadas por Balaão, levaram os israelitas a serem infiéis ao Senhor na questão de Fegor, a qual foi também a causa do flagelo que feriu a assembléia do Senhor!*

17. *Ide! Matai todos os filhos varões e todas as mulheres que tiverem tido comércio com um homem;*

18. *mas deixai vivas todas as jovens que não o fizeram.*

19. *E vós, acampai durante sete dias fora do acampamento. Todos os que tiverem matado um homem ou tocado em um morto, purificar-se-ão ao terceiro e ao sétimo dia, eles e seus prisioneiros.*

20. *Purificai também toda veste, todo objeto de pele, todo tecido de pêlo de cabra e todo utensílio de madeira.”*

21. *O sacerdote Eleazar disse então aos guerreiros que tinham combatido: “Eis o preceito da lei que o Senhor impôs a Moisés:*

22. *o ouro, a prata, o bronze, o ferro, o estanho, o chumbo, tudo o que pode passar pelas chamas*

23. *será purificado no fogo; mas será também purificado pela água lustral. Tudo o que não suporta o fogo será purificado com a água.*

24. *Lavareis vossas vestes no sétimo dia, para serdes puros; depois disso, voltareis ao acampamento.”*

25. *O Senhor disse a Moisés:*

26. *“Fazei o inventário de todo o espólio que foi tomado, homens e animais, tu, o sacerdote Eleazar e os chefes de família da assembléia.*

27. *Repartirás em seguida a presa em partes iguais entre os que pelejaram, e entre todo o resto da assembléia.*

28. *Da parte daqueles que pelejaram e foram à guerra, separarás um tributo para o Senhor, um de cada quinhentos homens, gado, jumentos ou ovelhas.*

29. *Toma-o da sua metade para entregar ao sacerdote Eleazar, como oferta ao Senhor.*

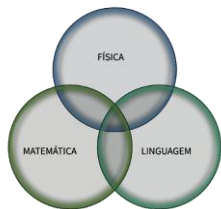
30. *Da metade que toca aos israelitas, tomarás um de cada cinquenta, homens, bois, jumentos, ovelhas e qualquer outro animal, e darás aos levitas, que têm a guarda da casa do Senhor.”*

31. *Moisés e o sacerdote Eleazar fizeram como o Senhor tinha ordenado.*

32. *Os despojos, o conjunto do espólio que tinha feito o exército era de seiscentos e setenta e cinco mil ovelhas,*

33. *setenta e dois mil bois*

34. *e sessenta e um mil jumentos.*



Existencialismo Metafísico

35. *Havia também trinta e duas mil jovens que não tinham coabitado com homem algum.*

36. *Foi dada a metade àqueles que tinham ido ao combate, isto é, trezentas e trinta e sete mil e quinhentas ovelhas,*

37. *das quais seiscentas e setenta e cinco para o tributo do Senhor;*

38. *trinta e seis mil bois, dos quais setenta e dois para o tributo do Senhor;*

39. *trinta mil e quinhentos jumentos, dos quais sessenta e um para o tributo do Senhor;*

40. *dezesesseis mil pessoas, das quais trinta e duas para o tributo do Senhor.*

41. *Moisés entregou ao sacerdote Eleazar o tributo tomado para o Senhor, como o Senhor lhe tinha ordenado.*

42. *Restava a metade destinada aos filhos de Israel, que Moisés havia separado da dos guerreiros.*

43. *Esta parte da assembléia compreendia trezentas e trinta e sete mil e quinhentas ovelhas,*

44. *trinta e seis mil bois,*

45. *trinta mil e quinhentos jumentos*

46. *e dezesesseis mil pessoas.*

47. *Dessa metade dos israelitas Moisés tomou um de cada cinquenta, homens e animais, e deu-os aos levitas, encarregados do serviço da casa do Senhor, assim como o Senhor lhe tinha ordenado.*

48. *Os comandantes das tropas do exército, os chefes de milhares e de centenas*

49. *aproximaram-se então de Moisés e disseram-lhe: “Teus servos fizeram a conta dos guerreiros que estiveram sob o nosso comando: não falta nem um sequer.*

50. *Trazemos, pois, como oferta ao Senhor, tudo o que cada um encontrou de objetos de ouro: correntinhas, braceletes, anéis, brincos e colares, para que se faça expiação por nós diante do Senhor.”*

51. *Moisés e o sacerdote Eleazar receberam deles esse ouro, toda a sorte de objetos artisticamente trabalhados.*

52. *O peso total do ouro, que foi assim separado e oferecido ao Senhor da parte dos chefes de milhares e de centenas, era de dezesesseis mil setecentos e cinquenta siclos.*

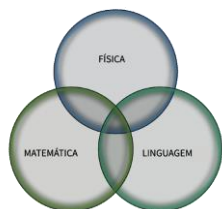
53. *Os homens da tropa haviam pilhado cada um para si.*

54. *Moisés e o sacerdote Eleazar, tendo recebido o ouro das mãos dos chefes de milhares e de centenas, levaram-no à tenda de reunião para que servisse de memorial diante do Senhor pelos israelitas.*

<http://www.bibliacatolica.com.br>

Considerando o número de soldados hebreus (12.000), imagine-se uma quantidade semelhante de soldados midianitas. Mas vendo o enorme despojo de guerra, presume-se algumas possibilidades: o exército midianitas era bem maior e houve ajuda do poder de Javé na guerra; ou então houve erro do redator.

O homicídio de crianças e mulheres indefesas não tem justificativa. Tal genocídio bíblico pode inspirar muitas ditaduras. 32.000 meninas virgens, como despojo de guerra para saciar soldados, só tem justificativa na bíblia. Tal aberração violenta também tem justificativa para alguns padres pedófilos. O grande número de violência



Existencialismo Metafísico

sexual praticados pelos padres está justificado na bíblia. Estupro de menores está justificado na bíblia. Como disse Nietzsche, atribuir esta narração a Deus é um insulto.

Recentemente os fundamentalistas islâmicos Boko Haram, além de atentados e assassinatos, sequestraram e conservam em cativeiro mais de 200 meninas na Nigéria. Eles lutam para derrubar o governo e criar um estado islâmico com base na escritura sagrada do Alcorão: *Qualquer um que não é governado pelo que Deus revelou está entre os transgressores*. As interpretações religiosas de suas escritas podem tudo, até violência extrema. Por estas e outras que há um aumento do ateísmo e da rejeição religiosa.

Existem vários ateísmos. De modo geral, ateísmo é a descrença em divindades. Até o século XVIII, no ocidente, todos eram obrigados a ter fé na igreja, sob pena de ser queimado por heresia pelo tribunal da inquisição. O iluminismo iluminou, com o perdão da redundância, o pensamento europeu e houve uma propagação do pensamento livre. Surgiu a crítica bíblica, o ceticismo científico e os primeiros ateus.

Como a ciência, os ateus tendem a ser céticos em relação a milagres e afirmações sobrenaturais. Citam a falta de provas de suas existências. Eles argumentam incoerências como o insolúvel problema do mal, as revelações inconsistentes e o argumento da descrença. Há também argumentos filosóficos, sociais e históricos em desfavor das religiões.

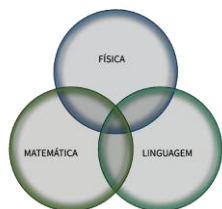
O ateísmo avançou no século XX, alinhou com várias correntes filosóficas, como o existencialismo ateu, o objetivismo, o humanismo secular, o positivismo lógico, o anarquismo, o marxismo, o feminismo e o movimento científico.

John Dewey, filósofo e pedagogo americano, considera o mundo natural fundamento de tudo, nega a existência de deus ou a imortalidade. Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco, separa a linguagem metafísica e sobrenatural do discurso racional. Lévi-Strauss, antropólogo, inspirado pelo estruturalismo da linguística, relaciona a origem da linguagem religiosa ao subconsciente humano. A ausência de razão nas religiões conduz os pensadores ao empirismo.

Pensadores, como Ludwig Feuerbach e Sigmund Freud, imputam invenções humanas às crenças religiosas que atendem a necessidades psicológicas e emocionais. Na carona deste pensamento, Karl Marx e Friedrich Engels atribuem a crença em deus e na religião às funções sociais, empregadas pelas classes dominantes em desfavor da classe trabalhadora. Jean-Paul Sartre popularizou o existencialismo ateu. Mikhail Bakunin, teórico político russo, inverteu uma máxima de Voltaire e assim afirmou: *se deus existisse, seria necessário revogá-lo*.

Realmente a infantil teologia atual aniquila deus, a razão, a liberdade e a justiça. Estes valores, em instância última, são divinos, mas não são valores religiosos.

Na esteira de Marx, a Rússia adota o ateísmo de estado, a promoção oficial do ateísmo por um governo, combinado com supressão coercitiva da liberdade religiosa e de expressão. Stalin implanta a política de estado ateu, ilegaliza o ensino religioso. Os governos comunistas, sob o comando da extinta União Soviética, promoveram o ateísmo com uma lei pública e com base no materialismo dialético. Estados ateus foram implementados em países como China, Cuba, Albânia, Afeganistão, Coreia do Norte e Mongólia. Houve perseguição oficial de instituições religiosas, líderes e fiéis.



Existencialismo Metafísico

No século XXI, vieram os ativistas ateus, alguns famosos como os quatro cavaleiros do ateísmo: Daniel Dennet, Christopher Hitchens, Sam Harris e Richard Dawkins. Eles têm criticado as religiões, afirmam que as religiões são nocivas e entram em debates com defensores da religião.

Hitchens, humanista e ateu, é adepto dos valores filosóficos do Iluminismo. Ele escreveu o livro *Deus não é Grande*. Critica o conceito religioso de deus, pois leva a uma crença totalitária e a negação da liberdade individual. Segundo o ateu, os valores como investigação científica e a liberdade de expressão devem substituir a religião.

O biólogo Richard Dawkins, um dos novos ateístas, publicou o livro *O Gene Egoísta*, popularizou o evolucionismo centrado nos genes, criticou o criacionismo e o design inteligente. Em seu livro *O Relojoeiro Cego*, ele critica a metáfora iluminista do deus relojoeiro. Imputa a complexidade dos organismos vivos e os processos evolutivos a um relojoeiro cego. Ou seja, ao acaso e não ao Criador. Ainda escreveu *Deus, um Delírio*, onde reafirma a ilusão da fé.

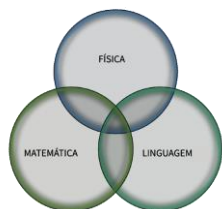
Sam Harris, neurocientista americano, escreveu *O Fim da Fé*. Ele prega o livre questionamento da fé religiosa, pois ela leva ao dogmatismo, autoritarismo e fundamentalismo. Harris combina argumentos com eventos históricos para mostrar os perigos das religiões, como as cruzadas, a inquisição e ataques terroristas, contrapondo as benesses da crença na religião. O tabu da inquestionabilidade religiosa impede o progresso da ética e da espiritualidade.

Michel Onfray, filósofo francês, diz que as três grandes religiões monoteístas vendem ilusões. Seu livro *Tratado de Ateologia* critica intensamente as religiões monoteístas. Para ele, o judaísmo, o islamismo e o cristianismo não pregam a paz e o amor, mas sim a destruição da liberdade, do prazer, da sexualidade, da mulher, da inteligência e dos livros. Essas religiões pregam a submissão, a castidade, a fé cega em nome de um paraíso inexistente depois da morte. A ideia da providência divina em tudo nega o livre arbítrio, o próprio destino. Deus é incompatível com a liberdade humana, então só o ateu pode ser livre. A liberdade não é dada, mas construída.

Os pensadores colocam a ciência acima da religião. O pensamento livre se opõe ao dogmatismo religioso, pois este não o permite. As religiões tornaram deus incompatível com a razão e com a liberdade. A construção destes valores foi cara para a humanidade. Direitos fundamentais como a vida, a integridade física, liberdade de expressão e de religião, foram direitos conquistados pelos pensadores, políticos, e pelo povo, mas não pelas religiões e teólogos. Estes sempre buscaram deveres dos homens e não direitos.

Um estudo descobriu que ateus e agnósticos estão, em média, mais bem informados sobre religião do que os próprios seguidores das religiões principais. Isto é fácil saber e nem precisa de estudo. Os fiéis não tem liberdade de pensamento, pois os dogmas não permitem flexibilizações ou reflexões. Seu pensamento é mecânico e repetem a Bíblia como um papagaio. Monoideísmo bíblico, como outros monoideísmos (futebol, política, música, trabalho, sexo, só pra citar alguns), limita o pensamento humano a uma só ideia, não permite uma ampla visão.

Criticar o Decálogo judaico chega a ser um esporte para ateus. Eles têm razão. Apontam para um deus que: adora bajulação; proíbe culto a outros deuses, ou seja, o



Existencialismo Metafísico

próprio deus afirma existência de outros deuses, apesar de pregarem monoteísmo; permite a escravidão, proibindo cobiçar o servo; proíbe cobiçar a mulher do próximo, mas não se refere à cobiça do homem, num flagrante de machismo. Afirmam ainda que nem os fiéis e nem as igrejas cumprem os mandamentos, como não trabalhar aos sábados e nem adorar imagens.

Igualmente a ciência, o grande problema do ateísmo é apresentar o Nada em troca da fé. Por isto alguns intelectuais, como Voltaire, defendem as religiões em lugar das forças cegas. Disse ele: se deus não existisse, teríamos que inventá-lo. As igrejas ainda têm força, mas, ainda assim, devem repensar suas teologias vencidas ou se tornaram culturas mortas com o tempo e o conhecimento.

9 - O Mundo Metafísico

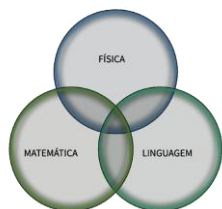
9.1 – A Matemática

A ciência física e todas as outras ciências trabalham com os sentidos humanos. A ciência tem necessidade de ver, pesar, medir, quantificar, experimentar, equacionar para ser chamada de ciência. Seu objeto de estudo tem necessidade de existir no tempo e no espaço. Ou seja, o objeto de estudo deve existir fisicamente para ser observado e quantificado. Todas ciências têm que quantificar. Logo a Matemática é um instrumento das ciências e não uma ciência autônoma.

Etimologicamente Metafísica significa além da física. Para fins didáticos desta obra, tudo que não pode ser percebido pelos 5 sentidos científicos e não tenha existência no tempo-espaço será considerado metafísico. Então consideramos metafísico: a matemática, a consciência (mente, psique, alma, espírito, “eu”), os sonhos e o mundo além físico das religiões. Eles serão devidamente defendidos ao longo da obra. A ciência tem alguns deles como seu objeto de estudo, acreditando que pertencem ao mundo físico.

Começamos pelas religiões, pois sempre pregaram um universo metafísico, um mundo acessado somente pelos médiuns, profetas, pajés, curandeiros, xamãs, feiticeiros, porta vozes divinos e membros eclesiais. Um universo “sobrenatural” de deuses, anjos, demônios, orixás, antepassados e mortos. Para a igreja, este mundo estava no céu. Os telescópios projetaram a visão do homem para o espaço e cadê este mundo?

O que se descobriu foi uma espantosa grandiosidade do universo. Teologias infantis misturaram os mundo físico e metafísico, a ciência ganhou espaço entre os homens e passou a disputar o conhecimento com a metafísica. Descobertas científicas



Existencialismo Metafísico

tiraram a credibilidade religiosa que sempre pregou o mundo metafísico, a origem única e criada.

A ciência física passou a negar o mundo metafísico. Todavia, curiosamente, todas ciências têm em comum a linguagem matemática e esta não tem origem física. Explico. A equação $1 + 2 = 3$ não é produto da experiência, mas um resultado da lógica. A matemática não impressiona os sentidos, mas sim a razão. Ela não tem existência no tempo-espaço. Ela não tem como ser experimentada em laboratórios. A matemática é a mesma ontem, hoje e sempre, pois não deteriora com o tempo, como ocorre com objetos do mundo físico. Ela vale para nós, terráqueos, e para os extraterrestres.

Em nosso mundo físico, toda matéria está localizada no tempo-espaço. Tudo tem uma determinada efemeridade. A vida biológica nasce, cresce e morre. Pedras viram casa e deterioram. Mas a matemática é atemporal e aespacial. Ela pode ser utilizada com precisão no passado e no futuro. Também pode ser utilizada com precisão em nosso planeta, em qualquer outro planeta de qualquer galáxia do universo, ou em qualquer outro universo do multiverso (se é que ele existe).

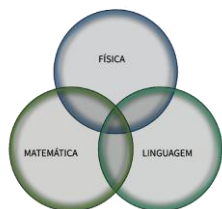
Realmente ela é abstrata. Nós contamos os dedos, mas esta mesma matemática serve para contar planetas e galáxias, ou seja, ela não está nos meus dedos, nem nos planetas e nem nas galáxias. Ela também não é palpável, não existe no mundo físico. Em outras palavras, a matemática tem origem metafísica. Desde a Grécia antiga, os pensadores, Pitágoras e Platão, já diziam esta origem transcendental dela.

O primeiro filósofo foi matemático e metafísico. Tales ficou conhecido pela sua geometria. Mas também era metafísico e monista. Pregava um princípio único e também uma substância única, a água, como primordial de onde o mundo evoluiu por processos naturais. Ele já pregava a evolução a mais de 2.000 anos antes de Darwin.

Pitágoras também era matemático e metafísico. Ele era monista e afirmava que tudo no universo era números. Para ele a matemática e Deus eram a mesma coisa. Ele ficou conhecido com o teorema que leva o seu nome. O teorema de Pitágoras não se acha brotando de uma árvore e nem pode ser retirado de um cérebro. Não será encontrado em nosso planeta e em nenhuma galáxia do universo. Ele só pode ser localizado no mundo das ideias. Igualmente os números não podem ser encontrados no mundo físico, mas servem para contar objetos em qualquer lugar do universo. Por isto a Matemática sempre esteve perto da filosofia e a filosofia sempre esteve perto da matemática.

Platão, matemático e metafísico, supervalorizava a matemática, pois ela pertencia ao “mundo das ideias”. Na entrada da sua escola, a Academia, havia a seguinte afirmação: *Que aqui não adentre quem não souber geometria*. Também disse acerca de Deus: *Ele eternamente geometriza*. Ele dividiu a realidade em dois mundos: o mundo dos sentidos e o mundo das ideias. Platão separou de um lado aquilo que é efêmero, cotidiano, e de outro lado o que é eterno, imutável. Aquilo que flui é percebido pelos sentidos. O que é eterno é percebido pela razão. O mundo dos sentidos (mundo físico) tem origem no mundo das ideias (mundo metafísico), a realidade eterna e imutável.

Mundo dos sentidos tem opiniões incertas. Realmente a ciência não consegue nem definir o que é a vida que, em essência, é metafísica. Neste mundo, os 5 sentidos tem apenas um conhecimento imperfeito, onde tudo passa e desaparece. Mundo das



Existencialismo Metafísico

ideias temos um conhecimento seguro através da razão. $2+3$ sempre será 5. Racionalista, Platão considerava a matemática morada do mundo metafísico.

Ele dizia que temos um corpo que flui, ligado ao mundo dos sentidos. Este corpo terá o mesmo destino de toda matéria presente neste mundo. Desaparecerá, ou melhor, se transformará. Mas também temos uma alma imortal, a morada da razão. Porque a alma é imaterial, ela pode ter acesso ao mundo metafísico. Para ilustrar esta divisão da realidade, Platão nos conta a parábola, conhecida por *Alegoria da Caverna*. Ela usa a metáfora para demonstrar o mundo físico de um lado e o metafísico de outro.

A alegoria mostra o desafio do Filósofo e da Metafísica, ao buscar a nossa verdadeira morada. Por esta divisão da realidade, ele ficou conhecido injustamente como dualista. Na verdade, ele era monista ao pregar a efemeridade deste mundo, em contraponto com a eternidade metafísica. Ao vencer a ignorância, saímos da ilusão.

Platão usou a razão e, desigualmente, Aristóteles os sentidos. Ari achava a matemática abstrata demais e para ele nossa razão permanece vazia enquanto não percebemos nada. Nossas ideias e pensamentos entram em nossa consciência através do que ouvimos e vemos. Aristóteles foi um grande sistematizador, fundou e ordenou várias ciências. Fundou também a Lógica como ciência. Aristóteles se interessou mais pelo mundo dos sentidos, porém não negou a metafísica. Para ele, Deus era a causa primordial de todos os movimentos dos corpos celestiais e, por consequência, dos movimentos da natureza.

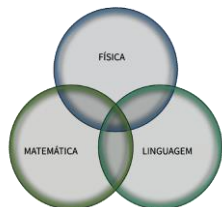
Descartes, outro matemático e metafísico, foi o fundador da filosofia dos novos tempos. No Renascimento, o reencontro do homem e da natureza necessitava de um único e coerente sistema filosófico, uma filosofia de base. No livro *Discurso do Método*, Descartes levanta a questão de saber qual método filósofo usar para resolver um problema filosófico. A ciência natural já tinha desenvolvido o seu método.

Descartes queria aplicar o método matemático à reflexão filosófica, utilizando a mesma ferramenta que usamos no trabalho com números: a razão. E a alma era a própria razão. Descartes também foi considerado dualista, pois estabeleceu uma nítida linha divisória entre a realidade material e metafísica. No que se refere à realidade material, era mecanicista.

Newton utiliza a matemática de Descartes e descobre as leis fundamentais da mecânica e dos movimentos dos planetas. Seu trabalho uniu o céu e a terra através da matemática. Este instrumento metafísico também uniu a física e a astronomia.

Galileu revolucionou o pensamento científico, aprimorou o telescópio e foi o primeiro astrônomo moderno. Para ele a matemática é a linguagem da ciência. A matemática era tão efetiva em explicar a natureza, que Galileu pensava que ela era simplesmente a linguagem do universo.

Com o sistema de coordenadas cartesiano, até mesmo as ciências humanas e sociais passaram a utilizar a matemática. Ferramentas matemáticas, como estatística e probabilidade, fornecem a sustentação não apenas de parte considerável da ciência moderna, mas também de uma ampla gama de atividades sociais, da economia, dos esportes. Estas duas instituições matemáticas são relevantes, levam a conclusões significativas de vasta quantidade de dados, introduzindo o pensamento quantitativo nas ciências humanas e sociais.



Existencialismo Metafísico

A onipresente e onisciente matemática rege o mundo, impassível de ser alterada pelo desmandos do homem, pois está acima de seus poderes humanos. Esta ideia nos permite voltar a Platão e associar matemática e metafísica. Há um debate entre estudiosos sobre a natureza da matemática. Alguns poucos deles defendem a matemática como invenção da mente humana. Tais defensores ligam ciência ao mecanicismo. Outros advogam a natureza metafísica dela, algo preexistente ao homem. Os grandes filósofos veem a matemática como um achado. O conceito de invenção vai em direção do mecanicismo e tem a biologia, a neurociência como adeptos.

É certo que matemática é atemporal, não tem existência no tempo, vale dizer, ela existe fora dele. Então pode-se projetá-la para além do big bang. Então podemos afirmar que ela existe antes do big bang, foi utilizada para a criação do universo e serve para explicar todo ele. Agora, se o mundo metafísico serve para explicar o mundo material, a lógica nos diz que o mundo físico vem do metafísico. O contrário não é certo.

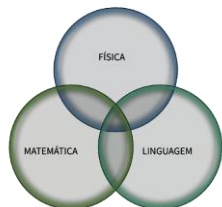
Todavia a ciência oficial insiste em negar esta realidade. Hoje, a ciência e o principal físico do planeta, Stephen Hawking, pregam a morte da filosofia. Realmente a filosofia dorme em um divã científico. Mas precisamos lembrar este físico, que a física é uma palavra que veio da filosofia, a *physis*. Ele fala em nome da ciência de uma cadeira da Academia, curiosamente com o nome inspirado na escola de Platão, filósofo das ideias; enquanto o filósofo dos sentidos, montou a escola denominada Liceu. A ciência ingrata esqueceu de sua origem, ou de sua mãe, como dizem outros.

As ciências negam o universo metafísico, porém bebe de uma fonte metafísica. Elas estudam os processos naturais com um instrumento metafísico. A matemática. Então chegamos a um paradoxo científico: querem reduzir tudo a matéria, mas usam um instrumento metafísico para explicar a matéria.

A curta visão científica da vida começa e termina com o Nada. Ela nunca explicará o que é a vida, como a vida veio da matéria. Da mesma forma, estão longe de uma explicação do que é consciência e como ela veio da matéria. Nem consegue explicar a eficácia de um instrumento metafísico nos estudos dos processos naturais. Mecanicistas acreditam (eles também têm fé) que um dia a ciência irá dar respostas mecânicas às questões existenciais. Não há como, pois tudo isto diz respeito ao mundo metafísico.

Assim a verdade vem do mundo metafísico para o mundo físico. Nossa realidade é metafísica. É o metafísico que explica o físico. O universo físico foi criado a partir do metafísico. A matemática foi instrumento da criação. O modelo cosmológico atual tem apenas 5% de matéria-energia conhecida, tudo e todos a constitui. Eu, o amigo leitor, meu pé de cajá, nosso planeta e dos marcianos, e todas as galáxias. O restante, a astrofísica chama de energia escura e matéria escura, responsável pela aceleração cósmica e pelo ajuntamento nas galáxias. Quiçá este seja o universo metafísico. Quiçá física e metafísica, agora se unifiquem e voltemos ao monismo de nossos sábios.

A ciência costuma chamar o mundo físico de natural e o mundo metafísico de sobrenatural, místico, mitológico. Este mundo não é tão místico ou mitológico assim. Também não é antinatural ou sobrenatural como diz a ciência e as religiões. É mais banal do que todos pensam. Cotidianamente todos sonham e os sonhos pertencem ao universo metafísico.



Existencialismo Metafísico

9.2 - Sonho, um Mundo Metafísico

O significado do sonho envolve outra querela entre religião e ciência. Em diversas tradições culturais e religiosas, o sonho tem grande relevância. Nas tradições cristãs e islâmicas, revelações foram feitas a profetas através dos sonhos. No Oriente, ele promove viagens astrais, expansão da consciência, entre outros fenômenos cósmicos. Na Bíblia, há narrativas em que profetas foram agraciados por Deus com a interpretação dos sonhos e até previram o futuro. No Novo Testamento, anjo invade o sonho de José para informá-lo da gravidez de Maria. Noutro sonho, determina sua fuga para o Egito e, depois, sua volta.

Em ciência, Sigmund Freud inova o estudo dos sonhos com sua obra *Interpretação dos Sonhos*. Apresenta um panorama de autores anteriores. Estes, geralmente, apresentam uma oposição entre o conteúdo onírico e o estado de vigília. Freud tenta demonstrar uma técnica psicológica que permite interpretar os sonhos e dar sentido a eles. Mas sempre os ligava a desejos reprimidos, sempre ligava suas pesquisas a sexo. A psicanálise, sua cria, da mesma forma sempre conectava a vida a desejos inconscientes reprimidos. Numa palavra. Sexo.

Jung ampliou o conceito. O sonho se trata de instrumento da psique que busca o equilíbrio por meio da compensação. O homem sonha com o sexo oposto para, por assim dizer, compensar.

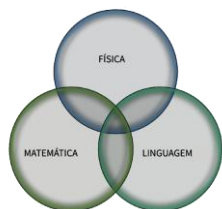
A ciência moderna, neurologia, dividiu o sono em dois tipos fisiologicamente distintos: NREM (*Non Rapid Eye Movement* ou movimento não rápido dos olhos); e REM (movimento rápido dos olhos).

Os estudos comprovam os sonhos durante o sono REM. Este tem muita atividade elétrica registrada no eletroencefalograma, sendo esta atividade elétrica igual ao do estado de vigília. Diferentemente, o corpo repousa inerte. Este paradoxo intriga a ciência. Temos uma questão insolúvel para a ciência mecanicista. Não deveria o cérebro estar descansando? As máquinas não descansam, não têm necessidades de parar para manutenção? Aqui a ciência emprega a técnica do chutômetro. Sem “evidências científicas”, ora atribuem os sonhos ora à imaginação, ora ao inconsciente.

Adeptos da psicanálise atribuem este fenômeno ao inconsciente, desejos reprimidos, sexo. Tal resposta está longe de ser satisfatória. Alguns pesquisadores da neurociência já disseram que os sonhos são informações sem sentido que tem função manter o cérebro em ordem. Kkk. Cadê provas?

Para nós, não há paradoxo aí, pois enquanto o corpo repousa o “eu” continua vivendo em um mundo metafísico, da mesma forma como vive no mundo da vigília, sempre em 1ª pessoa.

A ciência considera os sonhos subproduto das experiências e do cérebro. Mas não explicam o quê e por quê os fetos sonham, uma vez que eles não tiveram experiências do nosso mundo. Também não explicam os “sonhos lúcidos” de determinadas pessoas. Não explicam “sonhos reais” com pessoas mortas. Também não explicam insights revelados em sonhos de inventores, cientistas, artistas renomados e



Existencialismo Metafísico

em todos nós. De fato é comum a todos acordar com uma ideia, uma receita, uma equação. À guisa de exemplo, a tabela periódica veio de um sonho.

Além dos sonhos, as religiões têm o êxtase para acessar o mundo espiritual. Êxtase, literalmente, quer dizer transe, arrebatar-se, desprender-se subitamente, sair de si, elevar-se. Usam a meditação, drogas, dança, entre outros meios, para atingi-lo. O transe religioso tem terminologia diversa, como consciência cósmica, comunhão com a natureza, iluminação, nirvana. O êxtase já foi comparado aos estados hipnóticos e do sono. A técnica de êxtase implica viagem do espírito.

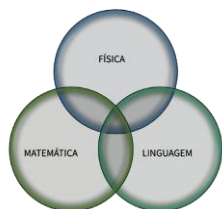
Similares aos sonhos e aos êxtases, as experiências quase morte (EQM) tem peculiaridades e semelhanças ao sonho. Há milhares de narrativas médicas das EQM's de pessoas, consideradas mortas pela medicina, mas que reviviam e contavam que a "morte" não existe. Algumas delas relatam que, do alto, se viam na maca do hospital, viam médicos e enfermeiros na intervenção. Outras relatam que viam pessoas mortas do passado, além de outras diversas experiências.

Este autor teve uma EQM na infância. Após um choque elétrico de alta tensão, apagou e teve parada cardíaca e respiratória. Fora necessário primeiros socorros para reviver. Durante esta "morte" apenas "sonhou" com futebol. O ocorrido fora pela manhã e o futebol estava agendado para a tarde. O sonho foi, assim, induzido pelo pensamento. Esta experiência me possibilita afirmar com segurança que a "morte" não existe. Igualmente o sonho e a vigília, esta experiência foi em 1ª pessoa.

Além da EQM, este autor teve experiências de sonhos lúcidos. É fantástico esta modalidade de sonho, uma vez que o sonhador tem plena consciência dentro do sonho. Então pode-se lembrar, escolher e até raciocinar dentro do sonho. Já vi relatos de sonhadores que até voam entre as estrelas. Em uma experiência inicial, tive uma enorme euforia e estava predisposto a atravessar paredes para saber se realmente era sonho. Em outro sonho real, estava presente minha "finada" mulher. Há muitas técnicas para adentrar e ter lucidez nos sonhos. Geralmente envolvem o condicionamento antes do sonho.

Sonhos, sonhos lúcidos, êxtases e EQM's são da mesma natureza (o mundo metafísico). A ciência sempre tem uma resposta mecânica para eles, mas sem dados empíricos, pois não têm acesso direto das suas pesquisas e dependem de informações do próprio pesquisado. Como tais fatos são rotineiros e atribuídos a imaginação, passam despercebidos pelo pensamento reflexivo. A ciência ora os atribui a imaginação, ora produto do subconsciente. Mas ela não tem "evidências empíricas" para atribuir a imaginação ou ao subconsciente (ou inconsciente). Isto é achismo científico. A ciência não sabe dizer precisamente o que é onde está o subconsciente, mas este virou em espécie de válvula de escape científica. Quando não sabem o que é, atribuem ao subconsciente.

Quanto a ser produto da imaginação, vamos comparar o sonho ao estado de vigília. Tente imaginar como em um sonho. Ou tente sonhar acordado. Então vamos comparar os sonhos com a imaginação do mundo da literatura, teatro, games e o cinema.



Existencialismo Metafísico

9.3 - Cinema, teatro, literatura e jogos

A neurologia costuma atribuir a primeira etapa do sono de pensamentos e a segunda, de filmes. Até mesmo nós, os leigos, percebemos esta afirmação. Na primeira etapa, nossos pensamentos vão dos fatos corriqueiros de nosso cotidiano, como dívidas, até os pensamentos desconexos, fantasiosos. Na segunda etapa temos o caminho inverso, os sonhos vão de fantasias até os sonhos reais, filmes reais.

A ciência costuma ver os sonhos em oposição ao estado de vigília. Sem provas empíricas, costumam atribuir os “filmes” do sono REM à imaginação. Mas estes filmes são sempre em primeira pessoa, como na vigília, e não em terceira, cujo sonhador seria apenas observador. Não se sonha com filmes sem participação direta. Não se sonha com coisas pura e simplesmente, de forma estática, fotográfica; uma maçã, por exemplo, suspensa, ou mesmo em uma mesa ou em um quadro. Pode-se até sonhar com uma maçã ou qualquer outro objeto inserido em um cenário, em interação com o sonhador, com enredo e personagens. Por quê? A ciência não se manifesta a respeito.

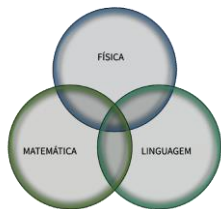
Então os sonhos não têm nada em comum com a imaginação das artes estáticas, como uma escultura, uma pintura, ou arquitetura. Ele tem em comum com as artes em movimento, como o teatro, cinema, games e literatura. Realmente se pode constatar, em todos os sonhos, histórias vividas pelo sonhador. Ninguém sonha com histórias dos outros. O sonhador participa da história em primeira pessoa, não atua como testemunha descontextualizada que vê a história passar na sua frente como se visse um teatro, um filme ou uma novela.

Vamos comparar a “imaginação” do sonhador, como gostam alguns, com a imaginação das artes narrativas. Estas histórias usam da imaginação e as narrações buscam verossimilhança com a nossa vida em vigília. Da mesma forma que o cinema, o teatro, a literatura e os alguns jogos de computador, podemos dizer que os sonhos são filmes com personagens, com enredo, num tempo e espaço. Mas o sonhador protagoniza e participa diretamente do enredo onírico.

A estrutura da narrativa artística tem cinco elementos: personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Discorreremos sobre todos eles e suas relações com os sonhos.

O Narrador conta a história. Ele tem presença intensa na literatura, e pode existir no teatro, cinema e nos games. Em literatura, as obras têm narrador para criar cenários e imagens, além dos personagens. Mas sonhos existem com imagens, sem narrador e assim desassemelha dos sonhos. Eles não têm presença nos sonhos e não merece maior explicação.

Tempo e espaço estão ligado a todos os fatos, todas as histórias, todos os dramas. Época e lugar mostram quando e onde se passam a ação narrativa, seja em qualquer lugar, seja no presente, passado ou futuro. Na literatura e no cinema, o tempo e o espaço podem ser elásticos. Nos roteiros de produções áudios-visuais, o tempo e o espaço podem ser fictícios, podem durar anos, séculos e podem ser até em outros planetas. Toda história tem começo, meio e fim, mas aqui vale aquela máxima do cineasta Godard:



Existencialismo Metafísico

toda história tem começo, meio e fim, mas não necessariamente nesta ordem. A narração não necessita ser linear.

O tempo e espaço nos sonhos e nas artes diferem do tempo-espaço da vigília, funcionam com outras regras. Em minhas experiências oníricas, percebi mudanças instantâneas entre cidades distantes. Quanto ao tempo, percebi um retorno ao meu passado distante, mas com meu carro moderno. O mundo metafísico, às vezes, parece com o *país das maravilhas*.

Enredo é a história em si. Encadeamento dos fatos e das ações, também conhecida como trama, ação, intriga. Nas artes, há necessidade de uma lógica na história, uma relação de causa e efeito, chamada de verossimilhança, uma aparência da realidade. Para cada ação e/ou fato haverá uma consequência e novos fatos.

Na literatura e também no cinema, a estrutura do enredo pode ser dividida em quatro partes: introdução, complicação, clímax e o desfecho. A introdução ou apresentação é o começo da história, oportunidade de exposição dos personagens e fatos iniciais para o leitor se localizar. A complicação é o momento em que ocorre o conflito entre personagens e pode ser policial, pessoal, moral, religioso, político. Principal elemento, dá vida a literatura e ao cinema, o conflito cria expectativa no leitor frente aos fatos narrados. A complicação desenvolve-se até o momento do clímax, oportunidade do ápice do conflito. Passado o clímax tem-se o desfecho, a solução do conflito e o encerramento da história com um final feliz ou não, cômico ou trágico.

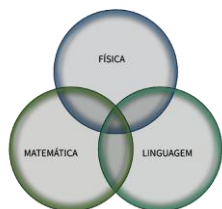
Nos sonhos, não temos esta estrutura. Não há drama, intriga e o enredo. Neste aspecto, os sonhos parecem mais com o estado de vigília.

Personagens das artes são seres fictícios que fazem as ações e os diálogos. Assim bichos e coisas também podem ser personagens, além do homem. Costuma-se dividi-los em protagonistas, antagonistas e secundários. O protagonista é o personagem principal, muitas vezes, chamado de herói e, algumas poucas vezes, de anti-herói. Representa o bem. O antagonista se opõe ao herói. Representa o mal. Os secundários são personagens que têm participação menor. Ainda existem os meros figurantes, que apenas dão número a obra.

Nossos sonhos não têm a polarização, herói e bandido. Neste aspecto, também os sonhos assemelham ao estado de vigília.

Em nossos sonhos, somos protagonistas e atuamos em 1ª pessoa. Também podem ocorrer atuação em 1ª pessoa nos filmes, teatro, literatura e nos games. Para comparar com os sonhos, somente personagens em 1ª pessoa. Para se assemelhar aos sonhos, os filmes teriam que serem filmados apenas do ponto de vista do protagonista, como nos sonhos. Deveriam usar a câmara na cabeça, para visualizar em 1ª pessoa, e nem sequer serem vistos. Mas o cinema está sempre fazendo close dos galãs e, assim, desassemelha com os sonhos. No teatro, poderíamos ter a experiência em 1ª pessoa, todavia ele tem sempre um público.

Na literatura, não temos cenário e sim palavras, o leitor sempre imagina o personagem do ponto de vista da 3ª pessoa. Em alguns games, o protagonista parece com o dos sonhos, já que as cenas colocam o jogador na pele de personagens assassinos, militares, zumbis, como os games *Counter Strike* e *Call of Duty*. Vemos apenas as mãos e os braços dos jogadores. Assemelha um pouco com os sonhos e a vida em vigília.



Existencialismo Metafísico

Nos sonhos, como na imaginação artística (teatro, cinema, games e literatura) e na nossa vida diária, temos diálogos e ações. No cinema, no teatro, nos games e na literatura, os diálogos e ações são programados pelos designers, escritores e roteiristas. Nos sonhos, diálogos e ações não são programados pelo sonhador. Os diálogos parecem ser telepáticos. Em nossa vida rotineira, diálogos e ações também não são previstas por nós.

Diferentemente das artes em movimentos, nos sonhos, muitos personagens são estranhos ao sonhador. Estes personagens oníricos são plenamente autônomos e independentes, como na vida física. Mas no cinema e literatura os personagens são controlados por roteiristas e escritores. Nos games, programados. Assim os sonhos, novamente, são mais próximos da vida real que da imaginação, ao contrário do que pensa a ciência.

O cinema e os games têm ainda aspectos próprios e diferem ainda mais dos sonhos, como trilha sonora, efeitos especiais. Desigualmente aos sonhos, o teatro tem um público.

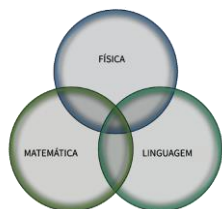
Em síntese, os sonhos: não têm narrador, como na vida real; são em 1ª pessoa, o sonhador é o protagonista, ator principal, como na vida real; outros personagens (conhecidos e desconhecidos) têm autonomia, exatamente como na vida real; não há um enredo artístico, como na vida real. Deste ponto de vista, não há oposição entre vigília e o onírico.

Nossa imaginação não chega perto de nossos sonhos. O leitor teria que elaborar personagens estranhos, caracterizar os personagens conhecidos. O processo de imaginação emprega muitas possibilidades para escolher uma. A construção de personagens e enredo leva tempo e uma infinidade de escolhas. Eu diria que é impossível imaginar uma única possibilidade em vigília, muito menos em um sonho. A imaginação envolve muitas possibilidades de personagens e enredo.

O tempo e espaço, além de elementos estruturadores das artes, são também entidades da física e diferem um pouco nos sonhos e/ou no mundo metafísico. Entretanto a imaginação artística ora se apegua ao materialismo, ora se apegua ao idealismo e ao mundo metafísico. O cinema e a literatura são versáteis em reproduzirem mundos metafísicos, com portais para um mundo paralelo, entradas as mais diversas, como guarda-roupa, toca do coelho, entre outros.

Desde criança, nós começamos a relatar um sonho assim: “eu sonhei que eu tava...”, geralmente completamos com um cenário metafísico, ou onírico como quer a ciência. Este mundo metafísico do sonho parece com o mundo físico. Tanto num como noutro, nós participamos sem controlá-lo, com personagens, sendo alguns conhecidos e outros desconhecidos, mas sempre atuando de forma independente.

No mundo “real”, como nos sonhos, não temos controle sobre as pessoas e/ou personagens, não podemos mandar nelas. Então, estes personagens independentes, conhecidos e desconhecidos, e estes enredos descontrolados não parecem produto da imaginação como dos filmes de ficção, mas parecem sim com a vida. Façamos um exercício na tentativa de aproximar dos sonhos. Tente imaginar um “filme” simples de seu cotidiano do dia seguinte em 1ª pessoa; imagine você acordando, tomando seu café, interagindo com pessoas no seu itinerário, no seu trabalho ou escola. Ao imaginar um



Existencialismo Metafísico

personagem, você é quem vai controlá-lo, como na arte narrativa. Nos sonhos você não consegue determinar o que os personagens dos sonhos irão fazer.

Qualquer que seja sua imaginação, nada chega perto do seu sonho, ou melhor, deste mundo metafísico. Podemos, então, afirmar que o sonho é mais real que sua imaginação. Podemos dizer que os sonhos são mais reais que o cinema, apesar deste tentar retratar a realidade. Possivelmente a ficção do cinema e da literatura tenham inspiração no mundo físico, como também no mundo metafísico. Os super-heróis têm inspiração claramente no mundo metafísico, onde a plasticidade, o deslocamento no tempo e no espaço, a telepatia são naturais. Este mundo metafísico seria a explicação para toda a imaginação cinematográfica e literária.

Existem outras lógicas para explicações oníricas, além das tradições científica e religiosa. A alma não dorme, por assim dizer, e adentra no mundo metafísico. O corpo descansa, a alma desconecta do corpo, mas não do cérebro. Isto explica a atividade cerebral, senão haveria “morte” biológica pela separação plena do corpo e alma. Os sonhos são acessos da alma ao mundo metafísico. No sonho, o mundo metafísico parece, digamos, embaçado, não muito claro. Os sonhos parecem uma espécie de umbral, entrada para o nosso verdadeiro mundo.

Tal teoria explica facilmente a alta atividade do cérebro durante os sonhos, explica os sonhos dos bebês, os insights e até os sonhos lúcidos. Também explicaria enredos, lugares estranhos, personagens desconhecidos e independentes, como também a visita de pessoas “mortas” e entes queridos em nossos sonhos. Por que o cérebro entra em alta atividade na hora do sonho? É por que sua alma está no seu mundo natural.

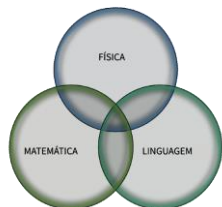
Muitas ideias deste livro surgiram de “sonhos”. Outras foram desenvolvidas neste mundo metafísico. Ao acordar foram devidamente anotadas. É até injusto afirmar que seu o autor 100 % do livro. O mundo metafísico tem participação do mesmo.

Quando Galileu posicionou seu telescópio para o céu, o universo ficou inesperadamente maior. Quando a humanidade virar sua visão para o conhecimento do mundo metafísico, o universo ficará muito, mas muito maior que o universo dos físicos.

Agora vamos elaborar um sistema filosófico a partir do mundo metafísico.

10 – 1ª Premissa: a Criação

Vamos começar pelo começo, com o perdão do pleonismo. Vou explorar 4 possibilidades de explicação para o começo do universo: 1) o universo não teve começo, ele existe desde sempre; 2) o universo começou per si (do nada); 3) ele começou com muitos criadores (deuses); 4) ele começou com apenas um criador (deus). Uma visão



Existencialismo Metafísico

filosófica, outra científica, outra politeísta e a monoteísta respectivamente. Fica difícil vislumbrar outra possibilidade além destas. Então vamos explorá-las.

1) Para a negação do começo, há uma teoria dizendo que o mundo existe desde sempre. Aristóteles pregava tal doutrina. Porém, hoje, tal teoria tornou-se indefensável em razão da teoria do big bang. A existência do universo desde sempre não merece mais credibilidade, pois tudo parece ter uma história e, assim, um começo. Eu nasci e cresci. Minha linda vizinha também, meu cachorro, meu pé de caju. A vida neste planeta, e também este planeta, nossa galáxia e nosso universo. Tudo tem uma história, um começo e também uma origem única. Bom, há outras teorias, como a do multiverso (vários universos), a da gravidade quântica em loop, a da flecha do tempo, mas elas não tiram a ideia do início do nosso universo e o fato de tudo ter um começo.

O dia, a noite, o ano, o verão, a faculdade, enfim, tudo tem um início. A vida surgiu na terra em algum momento, cerca de alguns poucos bilhões de anos. Nosso planeta também surgiu pouco antes da vida. O universo também tem um começo. Tudo parece evoluir a partir de um princípio. Há consenso religioso, filosófico e científico do início da existência. Não nos parece mais creditável a existência desde sempre.

Descartado a improvável existência desde sempre, vamos a teoria científica, o início pelo fato bruto, o Nada criativo.

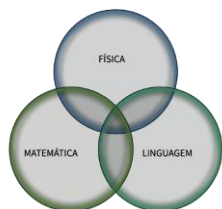
2) A trilogia física, tempo-espaco-energia, começou a existir com o big-bang. Como eles não existiam antes da explosão inicial, apenas o Nada existia antes deles.

Após as primeiras fusões nucleares, explosões posteriores, supernovas, surge nosso planeta. Após resfriamento e tempestades, ao acaso, criou condições para gerar a vida. Numa evolução magnífica e, ao acaso, chegamos ao homem moderno, uma máquina biológica, movimentada pelas forças físico-químicas. Esta mesma evolução desenvolve nossa personalidade e inteligência, produtos da causa e efeito dentro de mecanismos biológicos e neurais do cérebro. Enfim o Nada, forças cegas e o acaso são responsáveis pelo universo e pela vida. Não existe equações para isto, mas é a ciência quem está dizendo.

Para a ciência oficial, a vida e o cosmo estavam aglomeradas no *big bang*. Nosso planeta, incluindo todas as vidas, e todas as galáxias surgiram desta explosão inicial, ocorrida há cerca de 13,7 bilhões de anos. Nesta oportunidade, surge a energia, o tempo e o espaço. Sem a trindade científica, o Nada impera. Por que isto aconteceu é mistério científico. Aliás a ciência tem problema com os porquês. Ela responde apenas como, onde e quando as coisas acontecem. Mas isto não é mistério para as religiões.

3) As religiões politeístas pregam a existência muitos deuses: deuses do trovão, outros deuses da água, outros deuses da guerra, deuses interiores e outros milhares de deuses a depender de cada cultura. Como os antigos não podiam entender raios e trovões, atribuíram a divindades. Viram a plantação crescer do nada, atribuíram a deusa da fertilidade.

A maioria das religiões politeístas, a despeito de cultuar muitos deuses, tem sempre um deus-criador, um criador de outros deuses. A religião hindu possui uma trindade de deuses, Vishnu, Shiva, Brama. Este último é uma espécie de força criadora. Na mitologia cristã, temos a trindade de deuses: o Pai, o Filho e o Espírito santo. O pai (Deus) é criador de tudo e de todos. Na mitologia grega, Zeus é o pai dos deuses, governava o monte Olimpo, a morada dos deuses.



Existencialismo Metafísico

A ciência de hoje nos leva a nossa origem única, nos leva, então, a um ato único, a uma vontade única. Não há um deus que criou o sol, outro que criou a terra, outro a tempestade, pois tudo teve origem única. Logo devemos rejeitar o politeísmo na criação.

Os deuses do politeísmo foram confundidos com assessores divinos, anjos, espíritos de escol, ou qualquer outra terminologia teológica que quiserem. Este equívoco metafísico tem origem nos sonhos e na alternância entre os mundos físico e metafísico. O infantil conhecimento do mundo metafísico produziu deuses diversos.

4) Começo a partir de um ato de vontade, de um criador, de um deus, de uma inteligência criadora, a partir de um mundo metafísico.

As religiões monoteístas utilizam as narrativas mitológicas para pregar a origem única do cosmo e da vida a partir de um deus. Buscam explicar o surgimento do homem, do mundo e tudo que existe nele. As narrativas de criação do mundo variam, dependem da cultura de cada povo ou tribo. Para o ocidente, com base na teologia hebraica, a criação do mundo veio da palavra do Criador.

Influenciado por outras culturas, o povo hebreu elaborou sua narrativa mitológica, constada no Torá. Ele gerou outras teologias, a cristã e a islâmica. Apesar de ser uma teologia tribal do povo hebreu, influenciou todo o ocidente. Javé, Deus ou Alá criou tudo e todos. Os mitos não ligam para contradições, para a fantasia e nem se importa com o incompreensível, mas tiveram relevância pedagógica no passado. Hoje tais teologias estão vencidas, apesar da insistência de biblistas.

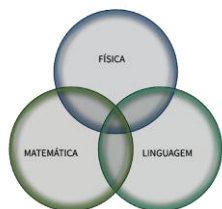
O pensamento mitológico desperta junto com a consciência humana. Ainda se trata de um pensamento infantil feito por meio de fantasias. As crianças também desejam saber de onde vieram. No passado, a explicação “mitológica” era dizer para a criança que veio de uma cegonha. Hodiernamente ninguém arrisca esta explicação mítica para seus filhos. Hoje, da mesma forma, não necessitamos de explicação mitológica para o surgimento da vida e do cosmo.

Não podemos negar o mérito das religiões monoteístas, quando a astrofísica diz que viemos do *big bang*. Ou seja, viemos de um ponto único, de uma origem única, como prega o monoteísmo cristão. Até o papa Francisco defendeu a teoria do big bang, mas como ato do Criador.

A filosofia também ocupou-se da criação. Ela estudou o conhecimento das causas e princípios primeiros. A Metafísica promove o estudo de todas as coisas sob a perspectiva do conceito do Ser absoluto e de causalidade. Busca a causa das causas, o Criador, a causa suprema de todas as coisas, a realidade máxima. Metafísica acaba sendo uma espécie de teologia natural.

Aristóteles, considerado pai da ciência, também era metafísico. Defendeu a Metafísica como estudo da causa primeira e dos princípios primeiros de todos e de tudo. Todos os outros estudos deveriam vir depois do estudo da Metafísica. Para ele, a investigação filosófica é acima de tudo uma investigação sobre as causas das coisas. Classificou as causas em quatro diferentes tipos: material; eficiente; formal; e a final.

A causa material é a substância com a qual é feita alguma coisa, como o aço. A causa formal se trata da coisa em si, como um carro. A causa eficiente é a procedência do processo em que a coisa surge, como as máquinas e o homem que fazem o carro. A causa final é aquilo para o qual a coisa é feita, no nosso caso, o transporte de pessoas.



Existencialismo Metafísico

Isto vale para toda a natureza. Deus é a causa primordial de todos os movimentos dos corpos celestiais e por consequência dos movimentos da natureza. Há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico de controle do todo.

Na esteira de Aristóteles, Tomaz de Aquino também adotou a ideia de Deus como causa primeira. Seguindo uma cadeia inumerável de causa e efeito, chegaríamos a Deus. Ele é o *primeiro movimentador*, não movido por nada antes. Aquino acreditava que a existência de Deus era autoevidente.

Parmênides dizia que “nada pode surgir do nada e que nada pode se transformar em nada”. O Tudo não pode vir do Nada. Alguns filósofos gregos pregavam o racionalismo. Um racionalista é aquele que tem convicção na razão humana, como origem do conhecimento. Heráclito confiava numa *razão universal*, ou lei universal para todos. As transformações da natureza, ele via como unidade, um todo. Esta razão cósmica ele chamava de Deus ou *logos*, palavra grega que significa razão. Empédocles chamava de *inteligência* a força responsável pela ordem e pela criação de tudo.

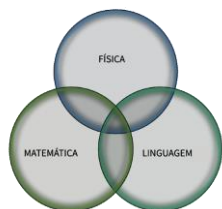
Em sintonia, afirmamos: somos produtos da Criação. A existência do universo e de nossa vida veio da Criação, ou seja, veio de uma realidade além física, ou metafísica. O universo material em si não tem autoexplicação, pois viemos além dele. Vale dizer, somos de origem metafísica.

Também o instrumento da Criação foi metafísico. A matemática é um instrumento metafísico, ainda inexplicável pelo conhecimento científico que usa e abusa dela. Ela nos deu a ideia de um mundo ordenado, previsível e determinado. Porém a ciência acredita que tal mundo é uma máquina. A astrofísica preconiza que viemos de uma explosão. Antes desta, existia o Nada. Mas como o Nada utilizou a matemática e criou o Todo? Em lógica é impossível o todo vir do nada. Logo o todo só pode vir de um Criador metafísico e matemático.

Em harmonia com o exposto, agora eu afirmo a existência divina, pois a razão me diz. Ao contrário das religiões, a existência divina existe em mim, de dentro para fora. Para as religiões, ainda, Deus é uma questão de crença numa autoridade eclesiástica, num livro que apela pela crença numa divindade. Vale dizer, a existência divina para os fiéis vem de fora para dentro.

De onde viemos? As religiões querem a crença da origem divina com o apelo a uma fé cega, segundo seu mito da criação. A ciência dita oficial nega a existência divina, a vida foi produto de vários fatores sorte, como a distância precisa entre o Sol e a Terra. O homem foi resultado de acidentes cósmico, como o meteoro que caiu na Terra, eliminou os dinossauros e deu oportunidade aos mamíferos. Roedores que viviam debaixo da Terra subiram e, numa evolução fantástica, resultou nos primatas e, por fim, no homem.

Desta apertada síntese científica, podemos concluir: o entediado Nada encontrou com a Sorte e com o Acaso; este encontro explosivo criou tudo. O universo e o amigo leitor são produto do Nada, do Acaso, da Sorte e de acidentes cósmico. Foi do Nada que viemos. Os ateus fazem coro com a ciência. São deuses da ciência e dos ateus: o Nada, o Acaso e a Sorte.



Existencialismo Metafísico

Mas indaguemos a ciência: como o Todo veio do Nada? O absurdo lógico deve ser negado pela razão. Assim, por exclusão e pela lógica devemos afirmar que somos produto da Criação e não do nada ou de muitos deuses.

A física e a astrofísica só tem autoridade para se pronunciar até o *big bang*, oportunidade do surgimento da matéria, o tempo e o espaço. Antes não havia nenhum destes e tais ciências não têm mais autoridade para falar de algo sem matéria, tempo e espaço. A física e o empirismo perdem autoridade para falar disto. Então sai a física e entra a Metafísica com o método racional.

No pré-universo, o Criador existe como causa do nosso universo. A premissa da causalidade promove a pergunta: qual a causa de Deus? Não discutiremos aqui se o Criador tem causa em si ou não. Nosso conhecimento é, ainda limitado, mas o ato criativo é nossa causa apenas.

Em ressonância com o exposto, agora podemos afirmar a existência de Deus. Dispensa-se a ciência e suas forças cegas; dispensa-se as religiões e sua fé cega.

Oportuno salientar que a ciência já dá sinais de luz. Há o princípio científico antrópico oriundo da cosmologia: *o universo foi feito para a vida*. A coordenação de forças físicas e seus “*ajustes fino*” não foram obra do acaso e sim de um poder criador.

De caju em caju, surgem princípios e cientistas tentando uma conexão entre o Criador, o mundo metafísico e a ciência, principalmente na seara física quântica. Mas acadêmicos de plantão, em nome da ciência dita oficial, correm para negarem qualquer relação, negar o mundo metafísico e negar o Criador e prejudicam o pensamento.

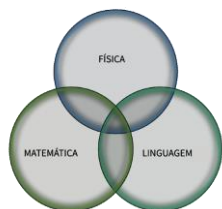
Da mesma forma, as diversas religiões acabam atrapalhando o pensamento da humanidade. Deus é apenas um, mas as teologias são muitas. Como as religiões não podem unificar seu discurso por causa de seus dogmas, cabe a Metafísica a unificação do discurso. Retira-se todo entulho teológico para ficar com princípios unificadores das religiões: existência do Criador e existência da alma.

O poder criador inspirou várias religiões. O discurso teológico varia de religião para religião. Então devemos pensar em termos de Metafísica, uma espécie de teologia racional. Tanto nas religiões como na filosofia, podemos ver teorias de um criador, causa primeira de todas as coisas.

Metafísica, religião, arte e ciência são conhecimentos que se completam. O exclusivismo de um conhecimento o acaba mitificando. A ciência se ocupa das causas próximas (visão curta), enquanto a Metafísica transcende para as causas primeiras (ou últimas, visão longa) ou Deus. Após encadeamento das causas (por quê? por quê? por quê?) chega-se as respostas existenciais. Quem somos e de onde viemos?

Vamos completar o pensamento de Descartes. O grande pensador ensinava que todos deveriam duvidar de tudo. Da fé cega, da ciência e de tudo o que se tinha ouvido ou lido. Ao pensar, chegaria à primeira verdade absoluta: a existência. Como esta não pode vir do Nada e nem de muitos criadores, podemos concluir: penso, logo existo, logo tenho um Criador. Esta seria a segunda verdade absoluta e responderia a pergunta dos filósofos materialistas: por que existe o universo e não o nada?

Alguns efeitos da Criação: arte, livre-arbítrio, criatividade, perfeição, beleza e o diversidade.



Existencialismo Metafísico

O ato da criação torna a vida e o homem cocriadores. A arte é a inspiração deste ato, manifesta no homem. A arte imita a vida, já dizia Ari. Porém ainda vivemos um dualismo efêmero. O mundo moderno tem muito dinheiro. As pessoas estão ricas com as oportunidades. Entretanto a sobra do dinheiro e o vazio das pessoas fazem acreditar que obras-enfeite vai preencher o vazio de seu apartamento. O dinheiro pode tudo, compra arte e diz o valor da arte. Atores artificiais fazem o único papel que é o deles mesmo. Algoritmos já fazem livros e até músicas.

O mercado de arte existirá, enquanto ricos tiverem paredes vazias. A produção de arte para as massas, a arte-enfeite e algoritmos distanciaram a arte da metafísica e de Deus.

Da premissa Criação, surge o poder criativo na própria vida. Ela se manifesta no homem, na arte, na tecnologia, nos negócios, praticamente em todos os campos conhecimento. O poder criador inspirou a atração humana pela criação e pela estética. Tanto uma como a outra está em todos humanos, patente ou latente. Logo o Criador é o artista supremo, o escritor supremo, o escultor supremo. A função da arte mostra a beleza da criação em tudo. Uma única imperfeição, retiraria o atributo absoluto do Criador.

Além da beleza, a obra da criação é rica, complexa, múltipla. O universo mineral, vegetal e animal é quase inumerável. O catálogo do reino vegetal e animal está sempre em modificação, em razão das extinções e surgimento de novas vidas. Um Criador de um lado e a diversidade de existência de outro.

Como o ato de Criação foi também um ato de vontade, surge o livre-arbítrio. Como já explicado, ele é perfeitamente compatível com o determinismo. Este atua no efeito, enquanto a liberdade atua na escolha da causa.

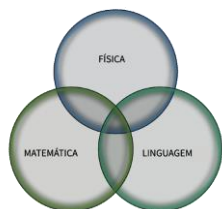
Este pluralismo da criação gera muitas doutrinas e sistemas de pensamento. O pluralismo pode ser de origem, substância, leis, formas, entre outros.

Todos sistemas de pensamento passam geralmente pelas doutrinas monistas, dualistas e pluralistas (um, dois, muitos). Porém a divisão da realidade em duas (donde surgem as doutrinas dualistas) promoveu a realidade criativa de um lado (donde surgem as doutrinas monistas) e de outro a pluralidade da vida (donde vêm as doutrinas pluralistas).

A ciência fragmentou o conhecimento e o método científico surge do pluralismo. Em razão da diversidade, classificamos tudo a nossa volta, porque classificar parece um requisito do conhecimento. Classificamos em sujeito e objeto, subjetivo e objetivo, gosto e não gosto; rico e pobre; preto e branco; bonito e feio; inteligente e ignorante. Assim um objeto não é cognoscível pelo sujeito, senão por meio da classificação. Entretanto não se deve tomar uma classificação por única.

Este pluralismo da criação também leva ao pluralismo político, de múltiplos partidos e múltiplas ideias; pluralismo religioso e de múltiplas concepções e dogmas, como o politeísmo. Também ao pluralismo administrativo, jurídico, didático, antropológico, cultural.

Do pluralismo surge as classificações, divisões, separações, organizações, hierarquias. Mas dentro destas divisões surge o princípio da individualidade. O pluralismo e a evolução levam ao desenvolvimento da individualidade de cada criatura e da coletividade.



Existencialismo Metafísico

Em resumo, por exclusão e pela lógica, somos produto de uma Criação, de um ato de vontade. A criação tem diversidade e individualidade de vida.

Nossa próxima premissa, no entanto, é incompatível com o imediatismo bíblico. Este prega a criação pronta e acabada. Todavia os homens e animais não foram resultado de um ato imediato divino, pronto e acabado. Esta teologia infantil contraria a lógica. Todos nascem e crescem, ou melhor, evoluem. A individualidade se desenvolve com a evolução, objeto do próximo capítulo.

11 – 2ª premissa: Evolução

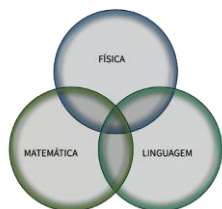
O força criadora dividiu a realidade em duas, por assim dizer, com seu ato de criação: Criador e Criação. De um lado a unicidade criativa, o princípio criativo, o Criador, Javé, Deus, Alá, o Grande Tupã, ou a Natureza, ao gosto do amigo leitor; doutro lado a diversidade criativa, a vida, eu, você, os alienígenas e o universo (ou multiverso). Deste dualismo, desta divisão da realidade, também originou as doutrinas dualistas.

Todos sistemas de pensamento passam geralmente por uma ou mais das doutrinas monistas, dualistas, ou pluralistas. Da mesma forma que há filosofias monistas, dualistas e pluralistas, há também ciências e religiões que navegam pelos três sistemas de pensamento. Não enfatizamos oposição entre tais doutrinas, mas sim uma harmonia entre elas. Aqui, tais sistemas serão separados para observação didática.

Alguns pensadores costumam ver o pluralismo e/ou o dualismo em oposição ao monismo. Mas esta aversão é difícil, pois as diversas searas da ciência navegam por todos estes sistemas de pensamento. Nossa ideia, da mesma forma que a ideia da Criação, é retratar a realidade sem oposições. A origem única da criação pode nos levar a enfatizar o monismo em desfavor do dualismo e pluralismo. Entretanto estes nunca deixaram de ser realidade. Ou seja, são realidades absolutas.

O dualismo não tem conflito com a diversidade, com ideias pluralistas, pois sempre poderemos polarizar tudo em razão do princípio criativo. O ato da criação foi dualista (quando dividi a realidade), mas também foi pluralista quanto ao conteúdo, ou seja, muitas criações, muitas minerais, animais e plantas. Esta diversidade não impede as polarizações.

Para sedimentar a ideia, façamos uma analogia barata. Imagine o leitor morando em um apartamento sozinho. Teríamos uma realidade única neste apartamento, a do leitor. Entretanto imagine esta realidade, ou apartamento, com um novo morador. Uma namorada, ou um bebê. A realidade será dividida em duas. Teremos duas visões no apartamento. Críticos poderão tentar desconstruir tal exemplo com 3, 4 ou mais pessoas no mesmo ap. Mas sempre podemos polarizar o “eu” e o todo. Logo, ainda assim, teremos sempre teremos duas realidades.



Existencialismo Metafísico

Outro exemplo, agora macro: o Brasil tem diversidade de partidos políticos. São 35 partidos políticos registrados no TSE, <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>, ano-base (2016). Podemos polarizar facilmente estes partidos em situação ou oposição, apesar do país ser um só. Por outro lado, o monismo atua no resultado. Então temos o pluralismo (pluripartidarismo), dualismo (oposição e governo) e o monismo (resultado) convivendo na mesma realidade brasileira, facilmente projetada para o resto dos países e do planeta.

O inegável pluralismo da vida se junta, agora, ao igualmente inegável dualismo. Tanto o oriente quanto o ocidente tiveram pensadores dualistas. De fato o cosmo parece ser dual. Vida e morte, homem e mulher, luz e trevas, quente e frio, forte e fraco, belo e feio, alto e baixo, guerra e paz, justo e injusto, verdade e mentira. Outras polarizações comuns: não e sim, dia e noite, certo e errado, positivo e negativo, ação e reação, causa e efeito, bem e o mal, paz e guerra, cooperação e competição. Muitas questões surgem com o dualismo nas searas filosóficas e religiosas: determinismo ou livre-arbítrio, certo ou errado, inato ou adquirido. Poderíamos preencher várias páginas de dualismos.

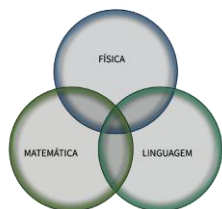
Tal preceito teve interesse tanto oriental como ocidental. O dualismo no ocidente teve interesse dos gregos. Para Sócrates, pedagogicamente, o diálogo vivo era o que mais importava. O diálogo foi a forma utilizada por Platão para registrar por escrito a filosofia.

Platão repartiu a realidade em duas: a do *Mundo dos Sentidos*, onde temos apenas um conhecimento imperfeito através dos sentidos, onde tudo flui, desaparece; e a do *Mundo das Ideias* onde temos um conhecimento seguro, através da razão. Platão separa de um lado aquilo que flui, é efêmero, cotidiano, e de outro lado aquilo que é eterno, imutável. Aquilo que flui é percebido pelos sentidos. O que é eterno é percebido pela razão. Ficou equivocadamente conhecido como dualista, mas ele advogou uma alma imortal e um mundo metafísico, nossa verdadeira morada. Assim, em análise última, era mais monista que dualista.

Igualmente atribuíram o dualismo indevidamente a outro grande pensador, René Descartes. Realmente ele estabeleceu uma nítida linha divisória entre a realidade material e espiritual. No que se refere à realidade material, era mecanicista. Mas a alma era a própria razão: *Penso, logo existo*. A capacidade de pensar do ser é a única certeza que temos. O pensamento existe e não pode separar do ser. Em análise última, ele também era monista, pois o “eu” pensante é mais real que o mundo físico. O verdadeiro conhecimento vem da Metafísica.

O filósofo Hegel ficou conhecido com a dialética histórica. Para ele, a razão, a verdade, o conhecimento veem do contexto histórico. Não havia verdades eternas, pois o conhecimento evoluía de geração para geração. A verdade era um processo, chamado de evolução dialética, no qual a tese é atacada pela antítese e resulta numa síntese. A tese tem prazo de validade até a nova antítese surgir. Este dualismo histórico, ou evolução, segue a uma espécie de monismo hegeliano, chamado *geist*, palavra alemã traduzida como espírito ou mente. Este dualismo inspirou a doutrina materialista dialética de Karl Marx.

Marx distorceu o dualismo de Hegel, defendia que o pensamento era ditado pelas condições materiais de vida numa sociedade. Isto determinava a evolução histórica, através da tensão dos opostos. Enquanto Hegel pregava a direção da história



Existencialismo Metafísico

da humanidade para “razão universal”, Marx afirmava que o cego materialismo da vida guiava nossa história, a história da luta de classes, denominado o materialismo dialético. Karl pregava o fim do capitalismo, substituído pela ditadura dos trabalhadores para depois surgir o comunismo, sem classes sociais. O socialismo transformou velhas ditaduras em novas ditaduras.

Marx polarizou a política em direita e esquerda. Politicamente sempre teremos governo de um lado e oposição do outro, como nos EUA temos republicanos e democratas. Mesmo o pluripartidarismo, como ocorre no Brasil com dezenas de partidos políticos, temos polarizações do tipo governo e oposição. Vivemos num mundo dual. Mas sempre teremos apenas um resultado.

No islamismo, o filósofo Avicena contribuiu com o dualismo, separando alma e corpo. A alma continua após a morte do corpo. Criou a parábola do *homem voador* para ensinar sua ideia: *se eu apenas voasse, não saberia que tinha um corpo, mas ainda assim saberia que eu existo*. Nossa existência era garantida pela consciência. Inspirou Descartes.

Também nas tradições orientais temos dualismos. A obra milenar dos chineses, *I Ching*, chamado de Livro das Mutações, trata de uma combinação de 8 trigramas e 64 hexagramas num sistema binário. Escrito em 3.000 a C, ele seria a chave do conhecimento, um sistema binário num mundo de constante transformação.

O *I Ching* costuma ser comparado com a física quântica. Esta percebeu as partículas, que compõem a matéria, em constante transformação. O universo não é algo estático, mas uma massa de energia em constante transformação. Bohr, um dos pais da física quântica, ajudou a derrubar a noção de leis que regem o cosmo são independentes da matéria.

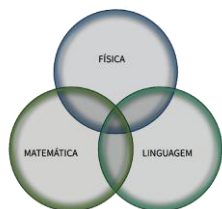
O taoísmo, também originário da China, possui um dualismo e ficou popular no ocidente: *Yin* e *Yang*. O seu símbolo, igualmente popular, é um círculo dividido ao meio pelas cores branca e preta, contendo um contraponto em cada lado. Esta dualidade universal seriam as duas forças fundamentais opostas e complementares: o *yin* é o princípio feminino, a água, a passividade, escuridão e absorção; o *yang* é o princípio masculino, o fogo, a luz e atividade.

Quando comparado a física, a carga elétrica positiva seria o *yang* e o *yin* seria negativo, similar aos elétrons e prótons. São os opostos que se completam, positivo não é bom ou mau, é apenas o oposto complementar de negativo. Junto a estas duas forças, soma outra. O Tao. Este pode ser interpretado como o caminho de uma força criadora de todas as coisas e para onde elas se destinam.

Similarmente pregamos uma força criadora (1ª premissa) de tudo e todos, um caminho (a evolução, 2ª premissa) para o todo ou para a força criadora (a integração, 3ª premissa). Não gostamos de ver os fatos em termos de bom ou mal, mas em termos de caminho. Temos o livre-arbítrio, escolhemos um caminho; este desemboca no todo. “Errado ou certo”, a causa e efeito ou o carma nos ensinará o caminho para o todo.

Várias vertentes.

O dualismo possui vertentes em todas as searas do conhecimento. O dualismo científico dividiu a realidade em sujeito (aquele que conhece) e objeto (aquilo que é conhecido). O religioso dividiu a realidade no Criador e em sua obra. O filosófico



Existencialismo Metafísico

dividiu a realidade no todo e nas partes, ou melhor, no micro e no macro. O dualismo artístico, no “eu” e “não-eu”.

Metafisicamente a causa primeira, ou Criação, transforma-se em duas realidades, duas existências, na falta de expressão melhor: a do Criador e a da vida. Paralelamente temos o “eu” e o todo (Criador + obra). Desta divisão da realidade, surge o dualismo existencial: assim teremos tempo e espaço, espírito e corpo, o mundo físico e metafísico, homem e mulher, eu e o todo.

A doutrina Metafísica advoga a existência de dois tipos de estruturas distintas: material e espiritual. A substância material é definida pela física, pode ser entendida como a realidade do mundo empírico, percebida pelos nossos sentidos e medida por instrumentos. O mundo espiritual é descrito como não-físico, não-material, chamado psicológico, mental ou espiritual. Enquanto a realidade da primeira é efêmera, a da segunda é eterna.

Em administração, esta divisão da realidade também promove dualidades que resultam em organização e classificação: chefe e subordinado (hierarquia), administrador e administrado (administração), rei e súdito, governo e cidadão.

Em Direito, o ícone da balança representa o dualismo. Temos outros inúmeros dualismos como: justo e injusto, vítima e criminoso, autor e réu, recorrente e recorrido, agravante e agravado, impetrante e impetrado, agressor e agredido, entre outras inúmeras terminologias jurídicas. Em Direito Internacional, temos a doutrina dualista em oposição a doutrina monista. A dualista entende haver dois sistemas jurídicos (um interno e outro externo) e a monista apenas um sistema jurídico, englobando os sistemas de direito nacional e internacional. O dualismo defende dois sistemas autônomos e independentes.

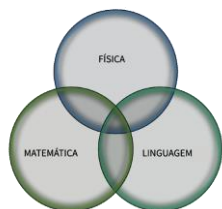
Em contabilidade, temos o ativo e passivo e a balança (patrimonial) também parece ser um símbolo dualista para representar o equilíbrio.

Em economia, vislumbram dualidades da compra e venda, oferta e procura, micro e macroeconomia.

Em matemática, existem sistemas numéricos pluralistas, como o decimal e romano (por causa dos dez dedos), mas são substituídos eficazmente pelo sistema binário. O mundo digital popularizou o sistema binário. Cores, sons, mensagens, conversas, vídeos, textos, gráficos, tudo pode ser representado pelo sistema binário dos computadores.

Ainda em matemática, mas com reflexo na arquitetura, engenharia, arte, entre outras, temos a simetria, outra espécie de dualismo. Ela expõe a igualdade de lados ou a igualdade do Criador (patente, evidente) e da criatura (latente, oculta). Na arquitetura e na engenharia, precisa-se de uma relação de paridade em entre altura, largura e comprimento das partes necessárias para compor um todo. Assim a simetria é necessária para a beleza de uma construção, ou para a beleza da figura humana. Ela nos mostra que sempre há dois lados iguais, apesar da simetria nem sempre ser perfeita em razão do dualismo relativo. No entanto há o dualismo eterno e perfeito, de um lado, o *Eu* e doutro seu reflexo, o *Todo*.

O dualismo mais comum é do homem e mulher. Do ponto de vista da evolução biológica não tem sentido tal dualismo. A biologia não tem uma boa definição para a vida, mas ela tem certeza que um de seus atributos é a reprodução. Esta, de forma



Existencialismo Metafísico

genérica, pode ser assexuada ou sexuada. A reprodução assexuada dispensa outro ser e tem a vantagem evolutiva da independência. A sexuada necessita de outro ser e surgiu depois da assexuada. Esta transição não faz sentido para a evolução biológica, pois dificultou a reprodução. Do ponto de vista integralista e dualista, ela faz sentido, pois integra os seres com a evolução em conjunto.

Da mesma forma, o dualismo tem outras incompreensões. Em religião, o dualismo complicou o pensamento teológico, o qual criou uma força antagônica ao criador. Demônio, capeta, diabo, Lúcifer são algumas denominações vulgares do opositor divino. Muitas religiões têm dificuldades com o pensamento dualístico e vêm dualismo onde não existe. Tais doutrinas não resistem a menor crítica em desfavor os atributos divinos (perfeição, onisciência, onipresença e onipotência). Se deus criou tudo perfeito e ele é onisciente, onipotente e onipresente, como pode errar na criação do mal? Se ele é onipotente por que não acaba com ele? Como pode deus estar no mal?

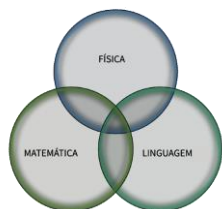
As complicações teológicas com a questão do mal e da dor ocorrem com a maioria das religiões ocidentais. Elas pregam a unicidade de existência e a pós-existência da vida, mas sem a pré-existência. Uma criança que nasce com deficiência física, cega ou surda, é insolúvel com o mal gratuito pelo Criador. A unicidade de existência pregada pelas grandes religiões não permite tal solução. Como pode alguém, principalmente uma criança, sofrer um mal sem culpa? Não há um deus bondoso que faria isto a suas criaturas. Do ponto de vista da perfeição ou cósmico, só pode ter explicação com a pré-existência da alma para solucionar tal questão, resolvida facilmente pela doutrina oriental da reencarnação.

O dualismo, ainda, levou a polarizações indevidas como determinismo e livre-arbítrio, cooperação e competição, evolução e criação.

Para a ciência, o mundo é determinado em termo macrocósmico (em termos atômicos não há determinismo). Apoiada na neurociência, boa parte da ciência advoga o incompatibilismo entre livre-arbítrio e determinismo. Ao utilizar eletrodos, ressonância magnética, tomografia, encefalograma, esta novata ciência mapeou o cérebro e acredita que desvendou o processador humano. Para este pensamento, somos determinados por forças físico-químicas sem livre-arbítrio. Para eles, numa palavra, somos máquina, desprovida de alma.

Em verdade o determinismo atua apenas no efeito e não na causa, onde reina o livre-arbítrio. Convém registrar que a escolha do “mal”, implica outro mecanismo cósmico (a causa e o efeito) a reconduzir o ser ao bem, ao todo. Nestes termos, temos determinismo divino. Como a colheita é obrigatória, o ser vislumbrará que colherá o mal que plantou; sua razão o reconduzirá a escolher o plantio do bem numa nova oportunidade.

Outra polarização mal compreendida é a cooperação x competição. Mas a direção da vida é sem dúvida da competição para a cooperação. A luta entre predadores e presas repete-se desde a existência da vida. Os predadores aprimoram suas estratégias de caçar, enquanto as presas precisam aprimorar suas defesas. Ambos estão presos a uma relação intensa que os força a mudar, pois não podem ficar em desvantagem. Os fracos morrem para os fortes sobreviverem. Essa corrida evolutiva mudou as vidas e os corpos de praticamente todos os seres que existem hoje.



Existencialismo Metafísico

Estas duas forças estão presentes também no mundo vegetal e em nossas relações, conscientemente ou inconscientemente. O futebol pode representar bem essas duas forças. De um lado temos uma equipe, fundada na cooperação, para competir, lutar, jogar contra outra. Daí o fascínio das pessoas pelo futebol, pois ele representa a vida, ainda que de uma forma efêmera.

A polarização do criacionismo x evolucionismo, da religião x ciência, também é indevida, pois elas são doutrinas complementares e não se excluem.

O cristianismo existe há cerca de 2.000 anos. Enraizou em todo ocidente. O evolucionismo científico existe somente há cerca de 150 anos. Muitos entendem que as duas doutrinas são contrárias, mas elas são compatíveis. A evolução não é algo estranho a Deus e ao homem que já foi um ovo, depois embrião, feto, criança e adulto. O que é isto senão evolução? Temos contradições se você explica o criacionismo de forma fixista e em termos mitológicos do tipo que: deus fez o mundo em 6 dias; Adão e Eva foram os primeiros seres humanos e criados prontos; Noé fez uma arca e abrigou todas espécies de animais.

Apesar de um fundo de verdade em todo mito, teremos contradições do criacionismo não só contra o evolucionismo, mas também contra todas outras doutrinas religiosas, como a oriental, indígena, tribal, pois todas têm o mito da criação. Todas têm uma explicação para o início do mundo a partir de uma entidade criadora. Deus, Maomé, Jeová, Jah, Tupã, Grande Espírito e deuses africanos.

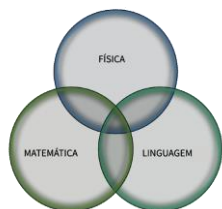
O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Até o papa Francisco defende o evolucionismo e sua compatibilidade com o criacionismo. Tudo demanda um processo. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há cerca de três bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem. Isto é ciência verdadeira e deve ser ensinado em todas as escolas independente de crenças religiosas. Para nós não há contradições e exclusões entre Criação e Evolução.

Agora, quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que o universo fora feito per si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Nada pode produzir a evolução?

A evolução não é uma força cega, uma luta pela vida. Se a vida e o universo não têm propósito, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente, custe o que custar. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. Hitler está justificado. Pedofilia está justificada num universo sem propósito.

A evolução visa a integração e não adaptação ou luta pela sobrevivência, como pensam alguns evolucionistas. A adaptação e a sobrevivência são forças evolutiva assim como as necessidades e o trabalho. A evolução supera o dualismo provisório para chegar ao integralismo. A evolução é uma força divina, ou metafísica, rumo a união do todo. O criacionismo de forma fixista e estática não vê o dualismo efêmero em movimento. Assim não enxergam a evolução.

Em harmonia com o exposto, podemos dizer que as polarizações efêmeras inspiram o realismo, o mais forte, a seleção natural. Inspirou também doutrinas nefastas



Existencialismo Metafísico

de filósofos, como Maquiavel, Sartre, Nietzsche, e inspirou má interpretação da evolução de Darwin. O realismo é materialista, empírico, fatalista, cético, pessimista, sensacionalista, atribuindo todo conhecimento a sensação.

As ciências podem atribuir o dualismo a fatos como a Natureza, o Acaso, a Sorte, a Coincidência. Estes deuses da ciência reduzem tudo a causas físicas. O reducionismo minimiza nossa personalidade a causas cerebrais. Todavia a evolução vai superar o dualismo efêmero, as contradições, a dor, as guerras. O dualismo está na natureza para educar o homem. Como saber o que é a paz sem a guerra e a cura sem a dor?

Porém não se pode eternizar guerras, injustiças e a dor. Para atravessar o dualismo efêmero, o certo e o errado, o justo e o injusto, a paz e a guerra, temos a evolução. Todos os outros dualismos serão diluídos com a evolução. O dualismo efêmero tem função pedagógica. Ele filtra o ser para a integração. O único dualismo eterno é a separação “eu” do todo, pois não perdemos nossa identidade e a diversidade (pluralismo) não deixa de existir.

Vale ainda dizer, a vida numa única existência não é suficiente para diluir o dualismo. Também seria incompleta e injusta para muitos que não tiveram oportunidade. Somente com a pluralidade de existências poderemos ter justiça e plenitude. Tal alternância, física e metafísica, permite aprendizado por longas existências. Assim, do ponto de vista cósmico, da causa e efeito, do carma, seria uma sublime justiça uma “criança” nascer deficiente, em virtude de erros graves em outras existências, nas quais infringiu direitos alheios. Esta deficiência funciona pedagogicamente.

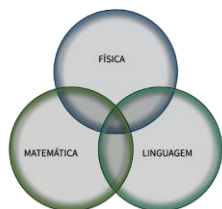
Então a pluralidade de existências soluciona a questão do livre-arbítrio, a questão da dor, concordando com a sabedoria bíblica: Você colhe o que você planta. Plante arroz e colha arroz. Plante o bem e colha o bem. Plante o mal e colha o mal. A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. Assim a dor funciona de forma pedagógica. Aprendemos com o mal.

Vale ressaltar, tudo isto tem um propósito. Tudo isto tem uma direção e a evolução ocorre com todos, individualmente e coletivamente. Este mecanismo nos direciona a Integração.

12 – 3ª Premissa: Integração.

Como demonstrado, a simples divisão, Criador e Criação, gerou as diversas formas de pensamento. Desta causa primeira partem todos sistemas de pensamento. Estes adotam ora a percepção pluralista, ora dualista, ora monista.

De forma simples, monismo é a doutrina da unidade. Tudo é um. Não há mais dúvida da origem única vida e do universo. A origem única já é uma espécie de monismo. Tudo tem origem única. Assim tudo é regido por um princípio único. Esta é a



Existencialismo Metafísico

causa, cujo efeito é a integração plena do todo. O monismo filosófico busca unidade em seu sistema. Podem ser de substância (energia), de origem das leis (Deus), de forma (geometria).

Há até uma piada judaica que exemplifica o monismo com humor. Historicamente haveria 5 monistas judeus que tentam definir o mundo: para Moisés, tudo é a lei; para Jesus, tudo é amor; para Marx, tudo é dinheiro; para Freud, tudo é sexo; para Einstein, tudo é relativo.

Alguns pensadores vêm o monismo em oposição ao dualismo e ao pluralismo, como o dualismo que admite a existência de duas entidades independentes na criação (espírito e matéria). O pluralismo adota a diversidade de fundamentos e de substâncias para se explicar o universo.

Monismo não se opõe ao dualismo e ao pluralismo, apesar de reduzir as relações a um princípio único, que tudo explica. Como já disse, não vejo oposição em tais sistemas, desde que sejam perspectivas didáticas e visem a explicação da realidade. No ato da criação há um tipo eterno de monismo, outro de dualismo e outro de pluralismo. Temos um dualismo eterno quando a realidade é dividida em duas, de um lado o Criador e do outro a pluralidade, também eterna. O monismo eterno relaciona com a origem, a direção, a finalidade da existência.

O universo é regido por um princípio único, um único Criador. Temos também uma finalidade única. A Integração. Desta premissa surgem todas as teorias monistas. Rumamos à integralidade. Um aperto de mão, o sexo, um abraço, um beijo, os neurônios, a linguagem, as redes sociais, as redes de computadores, são sinais claros de integração. A evolução vai intensificando a integração da criação de tudo e de todos. O caráter e a moral vão desenvolvendo a integração das pessoas e o conhecimento vai integrando as pessoas às coisas.

Há vários monismos: tudo é números, ou lei, ou forma, ou substância. Existe até mesmo monismos materialistas que reduzem a mente ao corpo. Mas todos se devem a origem única da criação e da direção única (a integração com o todo), depois de passar pelo dualismo provisório e pedagógico.

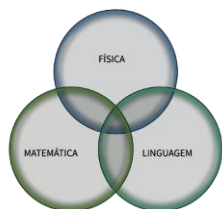
Do ponto de vista da substância, o monismo pode ser materialista ou idealista. Estas duas vertentes demonstram nítida oposição. O monismo materialista reduz tudo à matéria, enquanto o monismo idealista, reduz tudo à alma. Para o primeiro, a vida e a consciência se tratam de fenômenos físico-químicos, enquanto para o monismo idealista se trata de algo metafísico.

O monismo produziu algumas confusões. A doutrina panteísta, *Deus é tudo*, produziu uma percepção da presença divina no cerne de tudo o que existe. Os problemas do panteísmo é identificar o infinito com a soma dos finitos e a dissolução da alma no todo, após a vida.

A doutrina panteísta pura é difícil de defender. Para eliminar tal problema, criaram a expressão *Pananteísmo*. Significa *Deus está em tudo*, e ainda continua acima de tudo e além de tudo. Este foi um esforço de produzir um conceito mais elaborado de panteísmo.

História

Há muitos monismos na história. Não cabe aqui um desenho para esmiuçá-los, mas sim uma breve pincelada. A ideia desta obra é apenas mostrar a inspiração deles na



Existencialismo Metafísico

Criação ou origem única. Religiões, ciências, filosofias e artes também têm doutrinas, artistas e pensadores monistas. Apenas citaremos alguns com uma leve explanação. Encontram-se concepções monistas na filosofia hindu, no pensamento chinês, na filosofia grega e até os dias de hoje.

O monismo é muito forte nas religiões orientais que têm uma forte proximidade de deus (es). Ao contrário, as religiões de origem hebraica (judaísmo, cristianismo, islamismo), Deus está muito além e muito acima deste mundo. No budismo, hinduísmo e na religião chinesa, há uma fusão com Deus, o espírito cósmico. “Namastê” é uma saudação comum na Ásia que afirma a existência de deuses dentro das pessoas: o deus que habita no meu coração, saúda o deus que habita no seu coração. O objetivo da vida é purificar a alma pelo processo de transmigração dela.

Religião, cultura e filosofia se misturam no Oriente. O taoísmo, antiga cultura chinesa, acredita numa fonte, ou força motriz de tudo. Para atravessar esta dualidade oposta (yin e yang), usamos o *Tao* (o caminho), voltando para a força criadora de todas as coisas. Neste aspecto, vislumbra-se similaridade com nossas três premissas. O taoísmo prega uma fonte criadora de tudo (a Criação), mas a existência tem que passar pelo dualismo yin- yang. Para isto eles usam o tao (a Evolução) e voltam a fonte criadora (a Integração).

Nos Vedas, antigas escrituras da Índia, interpretam que Brahma (o deus criador da trindade de deuses indianos) é tudo, substância das almas e do universo.

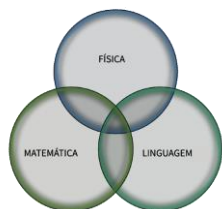
Na filosofia grega, o monismo invadia o pensamento dos principais filósofos. Eles tentavam compreender a diversidade de todas as coisas a partir de uma única matéria-prima. Na busca pela substância fundamental, alguns acreditavam que era água, outros o ar, outros a terra, outros o fogo. Estes pensamentos juntos ficaram conhecidos como os 4 elementos. Houve quem acreditasse que as misturas dos 4 elementos explicasse a diversidade do mundo, dando um toque pluralista ao pensamento monista.

O filósofo grego Heráclito confiava numa razão universal, ou lei universal para todos, chamada por ele de *logos* ou Deus. A natureza e suas transformações eram uma unidade. Empédocles chamava a força responsável pela ordem e pela criação de tudo de *Inteligência*. Pitágoras, diferentemente, tem um monismo matemático. Tudo é números.

O grego materialista Demócrito inovou com o monismo atomista, base da realidade. Deu nome de átomo para as menores partículas da matéria. O átomo seria invisível, imutável e eterno, pois não poderia ter vindo do nada e em nada se transformar. Ele não acreditava numa inteligência que pudesse intervir no processo natural. Não acreditava no acaso, mas sim nas leis inalteráveis da natureza.

Em Atenas, por volta de 300 a C, surgiram os estoicos e também pregavam a origem das pessoas por uma razão universal. As pessoas seriam um mundo encurtado, um microcosmo, espelho do macrocosmo. Assim não teria diferenças entre o indivíduo e o universo. Esta ideia originou outra, a de um direito universal.

O monismo idealista foi defendido por Plotino, o sucessor do idealismo platônico. O filósofo egípcio viveu entre os anos 205 e 270 d.C., desenvolveu a escola denominada neoplatonismo. Ela defendia ser a realidade última (ou primeira) do universo a inteligência pura, incognoscível, infinita e perfeita, da qual tudo derivava. Plotino se utilizou do mesmo termo apregoado por Anaxágoras, *noûs*, como a essência universal consubstanciada no Uno para compor o seu monismo idealista. No período



Existencialismo Metafísico

medieval, Plotino foi seguido por outros pensadores, especialmente Santo Agostinho. Este pregou a trindade da igreja, através da qual o Uno se consubstanciava no Todo.

O holandês Baruch Spinoza, filósofo monista por excelência, advoga a existência de uma única substância, da qual tudo o mais são modos. Defensor da ideia segundo a qual espírito e corpo são atributos da substância divina, sendo Deus e a natureza a mesma coisa.

Spinoza era crítico do biblismo e contestava a autoria divina da Bíblia. Foi o primeiro a aplicar a interpretação “histórico-crítica” da Bíblia. Era o contexto da época da escrita bíblica a ser analisado e não as palavras bíblicas descontextualizadas. Sob o prisma da eternidade, Spinoza fundamentou sua filosofia. Deus e a sua criação são iguais. Tudo é um.

Para o filósofo Hegel, a verdade é um processo que passa pelo dualismo: tese e antítese. Deste dualismo surgia a síntese e virava tese até chegar uma nova antítese. Esta concatenação de pensamentos, Hegel chamava de evolução dialética. Mas esta evolução não era força cega. Ela ia na direção do *espírito universal* ou *razão universal*, a força que impelia a história para frente.

Depois do Renascimento, o italiano Giordano Bruno pregou um monismo religioso. Deus seria a suprema unidade de todas as coisas e se confundia com a natureza. Foi queimado por seu pensamento monista.

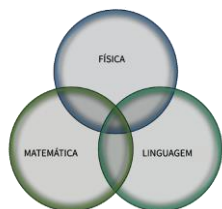
No século XX, inspirados no pensamento evolucionista de Darwin (a luta pela vida), pensadores sem a noção do *tao*, sem a visão da integração, tentaram explicar a vida, a consciência e o universo, segundo um monismo materialista.

Ernst Haeckel, biólogo alemão, com um monismo biológico explicou a vida, o universo e a própria consciência a partir da evolução de Darwin. Há uma certa beleza em parte de seu pensamento mecanicista. Ele buscou um princípio unificador para reger a evolução, chamado lei biogenética, segundo o qual cada animal percorre, a partir da fase embrionária, todas as etapas evolutivas que o levaram a ocupar o seu lugar na ordem natural. Em suas próprias palavras, “a ontogenia recapitula a filogenia”.

A ontogenia é o desenvolvimento embrionário individual e a filogenia é a desenvolvimento evolutivo da origem das espécies. Tal ideia foi adotada pelo pensamento espiritualista moderno. Alguns pensadores espiritualistas uniram a lei biogenética de Haeckel com a reencarnação, tentaram unificar a evolução biológica com o espiritualismo e adoram o princípio espiritual como a unidade da vida. No livro *O Sistema*, Pietro Ubaldi defendeu o telefinalismo da evolução e das mutações genéticas, antes consideradas acaso pela ciência, agora um evolucionismo espiritualista. <http://www.ebookespirita.org/PietroUbaldi/OSistema.pdf>

O filósofo francês, Henri Bergson, outro evolucionista espiritualista, em sua obra, *A Evolução Criadora*, criticou o cego mecanismo de luta de Darwin. A vida não é uma máquina biológica e tem um propósito em tudo.

No século passado e no atual, o monismo quântico busca uma integração da física relativista à física quântica, com a moderna teoria das cordas. A busca pela grande teoria unificada, a ciência de nossos dias procura por um monismo substancial que satisfaça o natural anseio humano por unicidade.



Existencialismo Metafísico

Esta aspiração monista sempre moveu não só os pensadores, mas também os artistas de todas as épocas, demonstrando-nos que a unidade é um modelo divino que impera em toda a criação.

Desde a inicial arte rupestre, a transcendência sempre foi um aspecto artístico. Apesar de modernamente os ricos comprarem pinturas para preencherem o vazio de suas vidas, ou o vazio de suas paredes, a arte ainda trás este espiritualismo.

Na arte, temos vários fragmentos monistas. Vejam esta letra de composição de Paulo Coelho e Raul Seixas, inspirado em textos sagrados do hinduísmo. Uma bela fusão de arte ocidental e filosofia oriental.

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=RezuYwS0ngI>

Letra:

<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48312/>

Gita

*Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando
Foi justamente num sonho que Ele me falou*

*Às vezes você me pergunta
Por que é que eu sou tão calado
Não falo de amor quase nada
Nem fico sorrindo ao teu lado*

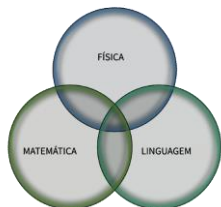
*Você pensa em mim toda hora
Me come, me cospe, me deixa
Talvez você não entenda
Mas hoje eu vou lhe mostrar*

*Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar*

*Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou, eu fui, eu vou*

*Gita! Gita! Gita!
Gita! Gita!*

*Eu sou o seu sacrifício
A placa de contra-mão
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição*



Existencialismo Metafísico

*Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada*

*Por que você me pergunta?
Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar*

*Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você
Mas você não está em mim*

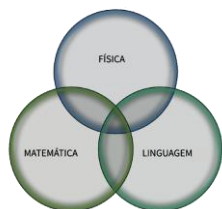
*Das telhas, eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra A tem meu nome
Dos sonhos, eu sou o amor*

*Eu sou a dona de casa
Nos pegue pagues do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso, largo, profundo*

*Gita! Gita! Gita!
Gita! Gita!*

*Eu sou a mosca da sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão*

*Eu!
Mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô
O filho que ainda não veio
O início, o fim e o meio
O início, o fim e o meio
Eu sou o início
O fim e o meio
Eu sou o início
O fim e o meio*



Existencialismo Metafísico

Teleologia: Integração como Força

Muitas doutrinas religiosas e filosóficas debruçaram sobre a teleologia, objetivo último da existência. Elas buscam a finalidade da vida, pois tudo tem um fim ou propósito para o qual foi criado. Numa analogia barata, temos um exemplo: o homem, antes mesmo de produzir um sapato, sabe que é para calçar o pé. Este é o objetivo da criação do sapato. Da mesma forma, a vida e o universo tem uma finalidade. Nós advogamos que esta causa final é a Integração de tudo e de todos.

Então temos a 1ª premissa: somos frutos da Criação, de um ato inteligente, de uma vontade; esta Criação foi pluralista. A 2ª premissa também vem desta divisão. No ato da Criação, a realidade é dividida, o Criador divide sua realidade com sua obra. Isto explica a dualismo, simetrias e contradições existentes. Estas distorções não são eternas e a Evolução irá diluí-las rumo a uma Integração plena, nossa 3ª premissa. A Integração é a última instância da evolução, da causa e efeito, ou do carma, como quiserem.

Tudo parece rumar a Integração do todo. Um aperto de mão, um abraço, um beijo, o sexo, as redes sociais, a família, a escola, a igreja, o estado, os movimentos pacifistas e até mesmo as guerras. Pode soar estranho, mas as guerras? Vamos refletir. Historicamente as guerras existem desde a formação tribal da humanidade. Uma tribo guerreava com outra tribo vizinha, a vencedora submetia a outra, incorporava o melhor dela, seja a cultura, seja a tecnologia. Estas guerras desenvolveram as tribos até chegar as civilizações e seus impérios.

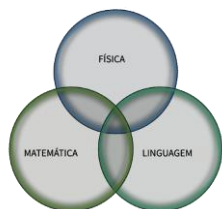
À guisa de demonstração de unificação, hoje, os brasileiros falam o português, cuja origem vem da língua latina, originada há mais de 2 mil anos, transmitida pelos soldados do império romano. O império romano guerreou com inúmeros povos da península ibérica. O latim virou português. Portugal submeteu o Brasil que passou a ter língua portuguesa como oficial. Quando houve invasão portuguesa na América, nossos índios eram ágrafos (sem escrita). Já o alfabeto foi uma invenção dos fenícios, aperfeiçoados pelos gregos.

Se não fosse as guerras, seríamos ainda seres tribais, muito provavelmente sem o alfabeto, sem a escrita, sem a tecnologia moderna. Para ilustrar ainda mais, a internet e os computadores são produtos da guerra. As guerras tiveram suas razões de existir. Hoje elas perderam por completo sua razão de existir. A tecnologia e a integração do homem seguem caminhos próprios sem necessidade de guerras.

A Criação foi um ato único de vontade e pluralista quanto a obra. O dualismo pedagógico filtra as criaturas até chegar a Integração. Daí surgem todas as doutrinas idealistas. As religiões ocidentais chamam a Integração de “religare”; palavra latina e origem da palavra religião, significa religar ao criador. As ideias unicistas sempre ventilaram as concepções humanas e são encontradas em todas as épocas do desenvolvimento de nossa história.

Na filosofia, vários pensadores elaboraram suas teleologias. Aristóteles elaborou as quatro causas, já citadas nesta obra. A última causa trata da finalidade das coisas, da vida e do cosmo. Hegel defendia que o processo histórico rumo a uma finalidade de realização plena do espírito humano.

Leibniz elaborou o princípio de razão suficiente, segundo o qual tudo o que acontece tem uma razão suficiente para ser de uma forma e não de outra. Tudo tem uma



Existencialismo Metafísico

autoexplicação, autossuficiente. Leibniz afirmou que toda mente é uma mônada e contém uma representação completa do universo. As partes vão agregando ao todo cada vez maiores. O ser nasce numa família, depois vai para escola e toma consciência de grupos maiores. Morador de uma cidade, contida em um estado, contido em um país num planeta globalizado.

Na filosofia oriental, Sidarta Gautama, o Buda, alegava que o sofrimento tinha origem no desejo das coisas materiais. Somente o desapego delas levava a pessoa para o todo e se tornaria uno com o eterno. Você se integra ao todo, mas não se dissolve no todo. Para Buda não há um “eu” que não faça parte do todo, o “não-eu”.

A política, sob a ótica integralista, fica fácil entender o comunismo, valores universais como a igualdade ficam fácil de gostar. A evolução também ocorre em grupo, pois a política visa o bem comum. Ou seja o todo, integralista. A igualdade é uma virtude suprema. O comunismo e o socialismo vislumbram este ideal e romantizam as pessoas e os intelectuais. Porém a disputa pelo poder efêmero desvirtua seu objetivo. A ideologia marxista busca o poder, custe o que custar, e atinge em cheio outra virtude suprema. A liberdade.

A ditadura proletária não faz sentido hoje. Marx nem sequer imaginou a automação da indústria, o desemprego, empreendedorismo dos pequenos, profissionais liberais e nem outras complicações econômicas. Mas sem dúvida a doutrina marxista fez um contraponto ao capitalismo. O que é positivo, pois o liberalismo extremo prejudica o todo.

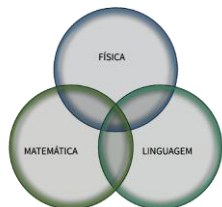
O monismo como força gera muitos princípios econômicos e políticos: democracia, comunismo, socialismo, globalização. A globalização, a internet, são integralistas. A nível de planeta temos, ainda, blocos econômicos, organismos internacionais, entre eles a ONU.

Em religião e moral, temos forças monistas produzem sentimentos como a solidariedade, fraternidade, o amor, o perdão, a amizade, o caridade.

No cotidiano integrativo, temos saudações e gentilezas diversas como bom dia, boa noite, obrigado, com licença, desculpe, entre outras. Existem diversos comportamentos do homem que demonstram a busca da integração. Abraço, beijo, aperto de mão, sexo, casamento, amizade.

Em literatura, os livros infantis começam com *era uma vez* (início). Surge o drama dualístico (meio) e o bem vence o mal. E os heróis vivem felizes para sempre, em integração plena (fim). A literatura (contos e romance) sempre leva o enredo a um conflito, pois o personagem, e também a humanidade, vivem em conflito existencial. Os conflitos podem ser de interesses entre personagens e o mundo, ou existencial. Num primeiro momento, entre o eu e os outros, no segundo, existencial. Os conflitos humanos, até a solução da questão existencial, movem o homem no tempo e no espaço.

Empresarialmente, as empresas visam unidade, um pensamento único de bem comum da empresa. Um pluralismo de proprietários e empregados passam por dualismos (ativo e passivo, receita e despesa, prestação e contraprestação) até chegar a um resultado, o bem da empresa. Em análise última é o bem de todos, proprietários e empregados.



Existencialismo Metafísico

Uma cidade visa a integração de seus moradores. O bem da cidade acaba sendo o bem de todos. Da mesma forma, um país. O bem coletivo atravessa dualismos (governo e oposição) para o bem comum.

Uma nação é uma comunidade estável, constituída por um agregado de indivíduos, com base num território, numa língua, e com aspirações materiais e espirituais comuns. O Direito dá estabilidade a nação. O Direito, sistema integrado de leis, tem uma lei superior. Constituição, Carta Magna, Lei Maior são vários nomes para o principal código de leis de um país. De um lado temos o indivíduo, doutro temos o Estado. Filosoficamente o micro e o macro, leis que de um lado protegem o indivíduo e que doutro defendem o todo.

A Constituição garante de um lado os direitos fundamentais e humanos, como a vida, a integridade física, a liberdade, a igualdade e doutro lado os direitos sociais como segurança, educação, saúde, trabalho, meio ambiente, paz, para integrar a todos. Tais direitos visam a integração do indivíduo com o todo.

A história do Direito é a luta do bem comum, pelo todo como a justiça, e pelas partes, como os direitos a liberdade, igualdade.

A política internacional visa uma integração maior dos habitantes deste planeta. Questões de violência, saúde, meio ambiente não devem ser combatidas isoladamente, mas sim em todo orbe, sob pena de alastrarem a outros lugares.

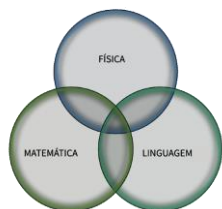
Além do dualismo no futebol, podemos vislumbrar o monismo e o pluralismo. Não só no futebol, como todos os jogos em geral. Temos um público inumerável, *in loco* e *on line*, dois times e um resultado.

A Nasa, numa tentativa de integração interestrelar, lançou ao espaço um CD, utilizou também a linguagem metafísica da matemática, para contatar alienígenas. A Nasa e a ciência gostam de ver tudo em termos matemáticos. Ok, a matemática busca padrões! Vamos, então, vislumbrar padrões deste sistema filosófico nas equações, nas coordenadas, na lógica e na programação.

$a^2 + b^2 = c^2$. Esta é a famosa equação de Pitágoras para os triângulos retângulos. Ela regula as dimensões de um triângulo. Nela vislumbramos o pluralismo, o dualismo e o monismo. As equações trabalham com uma infinidade de números conhecidos e desconhecidos (variáveis), noutras palavras com a diversidade. Quando os números interagem entre si, são polarizados para obter um resultado. As equações igualam dois conjuntos de números, ou unidade. Vale dizer, polarizam os números para chegar a um resultado. Analogicamente ao nosso sistema filosófico, as equações escolhem números conhecidos de um universo infinito de dados, passam pelo dualismo, pela polarização da equação, para chegar a uma solução.

Noutro giro matemático, Descartes criou sistema de coordenadas em dois eixos, um par de linhas retas e perpendiculares que se cruzam. O “x” e o “y” do sistema são variáveis que podem monitorar, a posição, o resultado de uma infinidade de dados: dinheiro, esporte, ensino, população, ações. Muitas ciências bebem desta fonte. Igualmente ao nosso sistema, este sistema tem uma infinidade de variáveis que passam pelas duas coordenadas para chegar a uma posição, a uma solução.

Em informática, temos um sistema binário absoluto. Processadores, chips, memórias, enfim o hardware trabalha com um sistema binário em forma de bits (0 e 1).



Existencialismo Metafísico

Imagens, vídeos, palavras, enfim, tudo pode ser representado virtualmente na tela de um computador pelo sistema binário processado no hardware.

Os softwares também trabalham com os sistemas binários. Uma síntese da programação contém as variáveis, as estruturas binárias de condição e repetição, as quais nos levam a um resultado. As variáveis são dados infinitos (pluralismo), passam pelas estruturas de condições e repetição (dualismo), chegam a um resultado (monismo). O software Excel traz uma planilha de cálculo, contendo um sistema binário de linhas e colunas para nos apresentar resultados, sejam financeiros, estatísticos, lógicos.

Em lógica matemática, chamamos premissa ou proposição, a declaração que pode ser falsa ou verdadeira (valores lógicos). $5 < 7$ temos cinco é menor que sete. Somente um do valor lógico é possível, o verdadeiro. $5 > 7$, temos somente o valor falso em lógica. Igualmente temos diversidade, polarizações, um resultado.

Não sou matemático, mas possivelmente este padrão se encaixa em toda matemática, ainda que de forma relativa (pois vivemos ainda o dualismo transitório).

Este padrão pode ser observado também em linguística. A comunicação e a matemática tem características comuns. Números e palavras são abstrações aleatórias, em outras palavras, são entidades metafísicas, não existem no mundo físico. As relações entre as palavras e entre os números são lógicas. As línguas e a matemática tem características comum, como a negação. Em matemática, $3 \neq 4$; em português, cadeira não é mesa.

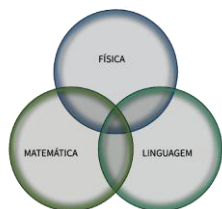
A negação tem papel relevante na formação da linguagem. No filme “Planeta dos Macacos: A Origem”, um macaco, objeto de investigação científica, tem uma evolução súbita. A primeira palavra que ele pronuncia é o “não”. Da mesma forma, a humanidade evoluiu rapidamente com a negação. Imagine um primata tentando dizer um “não” para outro que caminha em direção ao inimigo. A criação da linguagem foi iniciada, estranhamente, com a negação da realidade. “Não” é a essência a própria linguagem, como também é essência no sistema binário (0,1) da computação.

Abertura é outro atributo comum entre a linguagem e a matemática. Podemos montar novas frases ou novas equações, sem existência anterior, e ainda serem compreendidas. Além da abstração, da negação, da abertura, temos ainda a evolução como propriedade comum entre a matemática e as línguas.

A lógica foi elaborada por Ari, inspirado na sua compulsão pela classificação binária. Ele divide tudo binariamente em vida e não vida (orgânico e inorgânico), depois em vegetal e animal, animal racional e irracional. Em lógica, ele fez a seguinte inferência: todo homem é mortal; Sócrates é homem; logo Sócrates é mortal. Poderíamos fazer outra inferência com a negação. Todo homem é mamífero; a galinha é uma ave; logo a galinha não é mamífero. Percebamos o dualismo para chegar a uma conclusão.

Igualmente a matemática, vislumbramos na linguística o padrão pluralista, dualista e monista. Dentro do universo de homens, Sócrates foi escolhido para a afirmação de ser homem. Quando se afirma algo, nega-se outro. Sócrates não é mulher. Então Sócrates passou pelo dualismo homem, não-homem; mamífero, não mamífero.

Padronização, unificação, monismo são outras palavras para a Integração. Sem as forças monistas, a lógica de Darwin levaria a extinção de tudo. As espécies viveriam



Existencialismo Metafísico

em luta permanente para sobreviverem até a eliminação total das outras pela mais forte e, assim, a eliminação de si mesma. Ao redor da vida, tudo seria uma guerra civil, contra os outros e contra as adversidades. Com base na interpretação equivocada da evolução, muitos filósofos e pensadores advogam a necessidade de força e não de humildade, de orgulho e não altruísmo. Assim, igualdade e democracia seriam contra a natureza, contra a seleção natural. Precisariamos do poder e não da justiça, do gênio e não das massas.

É preciso lembrar, a Integração com o todo não significa o fim da existência ou a dissolução no todo, mas o fim do dualismo pedagógico. Tal dualismo levou as religiões a doutrinar um opositor ao Criador: satã, demônio, capeta são denominações vulgares, opositores ao Criador. Forças do bem x forças do mal. Em verdade o mal não existe. É apenas ausência do bem ou ignorância de pensamento e ação. Felizmente as forças monistas como o direito, a moral e as religiões regulam todo comportamento em direção a Integração.

Para exemplificar a questão do todo e da parte, façamos uma analogia para vislumbrar a ideia. Imagine um palco enorme, com luzes, sons e uma banda. Imagine todos em cartasse cantando com o vocalista. Aí nós temos uma perfeita integração, mas cada um com sua individualidade, sem dissolvê-la no todo. Da mesma forma, podemos ver diariamente um pastor ou padre em uma palestra, ou em uma oração, em que todos comungam do mesmo espírito. Assim, só há um espírito ali. O mesmo com o discurso de político ou a aula de um professor, um filme ou teatro.

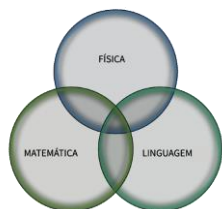
Mas, ainda, vale ressaltar, sem a preexistência da alma, sem a pluralidade de existências, fica difícil pregar a Integração plena. A negação da preexistência do espírito, portanto a negação do passado, deixa o mundo ininteligível. O sentido da vida é a Integração de tudo (passado, presente e futuro) e de todos, através de inter-relação com o próximo e do estudo das ciências fisicalistas.

Para o existencialismo metafísico, a criação de tudo evolui no dualismo para chegar a integração. Enfim, tudo visa uma unificação de espírito dentro da diversidade.

13 – Existencialismo Metafísico

Porque existe o tudo em vez do nada? Eis uma questão da filosofia materialista. Para as religiões, esta questão não tem mistério. Para a ciência, ela existe e nunca será resolvida em um laboratório, pois é uma questão metafísica.

Outro tema relacionado é a tese da compatibilidade entre determinismo e livre-arbítrio. O mundo é determinista ou há liberdade de escolha? A melhor resposta é a parábola da sementeira: *a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória*. Podemos escolher entre plantar arroz ou feijão, o bem ou o mal. Aí está o livre-arbítrio. Mas depois de escolhido você colherá o plantou. Aí atua o determinismo.



Existencialismo Metafísico

A Criação foi um ato de escolha, de vontade, de liberdade. A Integração é um efeito determinista. Então qualquer existência é um ato de criação. Um carro não é um objeto incriado. Ele tem um criador. Uma flor não é algo incriado. Tudo tem um criador, seja Deus ou o homem.

Esta explanação relaciona com as questões existenciais. De onde eu vim? Que sou? Para onde eu vou? O homem, ao longo de milênios, debruçou sobre o existencialismo. Mas ele se tornou numa escola filosófica somente no século XIX. Nesta época, o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, considerado como o pai do existencialismo, ocupou-se com o significado da vida.

Todavia o que são os mitos senão a busca pelo significado da vida. As religiões e os mitos foram os primeiros a tentarem explicar o existencialismo. As religiões sempre pregaram nossa origem de um criador, a partir de um mundo metafísico e nosso retorno para ele. Deus, Alá, Jeová, ou a Inteligência Suprema criou nosso mundo, a partir do mundo dele, de um mundo preexistente, o mundo metafísico, por assim dizer.

Metafísica estuda o todo através da razão. Estuda todas as coisas sob a perspectiva do conceito de ser absoluto e de causalidade, buscando a causa das causas, Deus, a causa suprema de todas as coisas. É a realidade máxima. Metafísica acaba sendo uma teologia natural.

Sócrates pensou o existencialismo: *conheça-te a ti mesmo*. Descartes trabalhou o existencialismo: *penso, logo existo*. Depois destes filósofos brilhantes, filósofos modernos atrofiaram o existencialismo.

Existencialistas ateus passam a negar o mundo metafísico e, portanto, negam a realidade. Seus pensamentos medonhos transformam a vida em dor e a morte como a salvação. A vida seria dor, sofrimento, a luta constante pela sobrevivência e a certeza do Nada no final. Arthur Schopenhauer descreve o engodo da vida em sua “obra” *A Arte de Insultar*: “A vida se apresenta como um engano contínuo, tanto nas pequenas como nas grandes coisas. A vida é um mal. A vida é o véu que esconde o ser; é um peso arrastado pela vontade! A vida é a decadência, é o grande pecado original!”

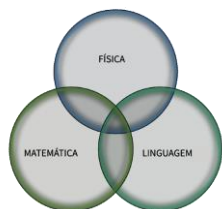
<http://www.alejandriadigital.com/wp-content/uploads/2015/12/SCHOPENHAUER-A-Arte-de-Insultar.pdf>

Sartre pregava um mundo sem sentido. *O homem nasceu para morrer*, disse ele. Mas foi compreensível, pois ele pensou o existencialismo ateu e o mundo sem sentido durante a 2ª Guerra, donde não há idealismo.

Os racionalistas dos séculos XVII e XVIII alargaram o âmbito da metafísica. Entenderam que ela se ocupava não só da existência e natureza de deus, mas também da distinção entre mente e corpo, da imortalidade da alma e do livre-arbítrio. Em nossa obra, trata-se do mesmo objeto de estudo, o mundo metafísico. Tanto a mente como a causa primeira estão além do mundo físico.

Assim nosso espírito pertence ao mundo extrafísico. Não adquirimos a alma ou espírito depois da morte biológica. A Metafísica e as religiões pregam uma alma, espírito, consciência, um fluido vital além do cérebro. Nosso cérebro físico pertence a seara científica, onde termina a ciência. Entretanto esta mapeia o funcionamento elétrico do cérebro e acredita que desvendou a existência.

Até as artes também vivem o existencialismo. Em verdade, as artes sempre se ocuparam com o existencialismo. Desde as pinturas rupestres, elas eram



Existencialismo Metafísico

transcendentais, intuía um Criador e o mundo metafísico. Modernamente Shakespeare dizia *Ser ou não Ser, eis a questão*. A pintura de Paul Gauguin de 1897 ilustra a capa deste livro. Denominada *De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?*, está exposta no museu de Boston e exemplifica a preocupação existencial da arte.

Atualmente a maioria das artes perderam esta transcendência e tornaram-se comerciais. Ainda assim, sua essência (imaginação) e existência são oriundas do ato da Criação. Mesmo comercial, muitas delas pregam um mundo espiritual.

Uma resposta das artes narrativas, teatral, literária ou cinematográfica, ao existencialismo poderia ser assim: um personagem vem de um autor (criador), passa por um conflito (dualismo existencial), o resolve (evolui) e será feliz para sempre (integrando ao todo). A literatura, o conto e o romance, sempre leva o enredo a um dualismo, pois todo personagem, e também todo ser, vivem em conflito existencial. Similarmente ocorre com o cinema e o teatro.

Noutro giro, a ciência promoveu seu existencialismo ateu. O mito da criação científica não tem um criador. Espaço, tempo e matéria são a santíssima trindade científica. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do nada. Não existe a causa primeira, como explicam as religiões para a existência do universo. Os cientistas não acreditam numa ordem por trás do aparente caos, nem num mundo metafísico. Não há um propósito na vida. A existência limita-se entre dois nada.

Ciência estuda particularidades, fragmentos, causas próximas. Ela descreve analiticamente os fragmentos, sem juntar o todo. Nega a metafísica, apesar da universalidade desta no tempo e no espaço. Nega o parapsiquismo, apesar de vários estudos e fenômenos.

Então o que somos?

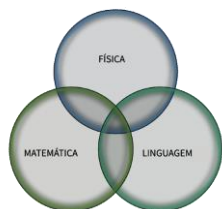
Bom, Einstein reduziu tudo a energia com sua fórmula pop: $E=mc^2$. Sendo E (energia), m (matéria) e c (velocidade da luz). Realmente se pensarmos em termos macros e micros, podemos pensar num monismo energético.

Em termos macros, temos a energia conjunta (seja ela petrolífera, eólica, nuclear, hidrelétrica ou qualquer outra) como suporte para as tecnologias, para as economias, para as políticas dos países, para as residências dos cidadãos. Todos os meios de transporte, coletivo ou individual, demandam energia, toda superestrutura industrial demanda energia. Toda economia e política gira em torno da energia.

Nossa vida gira em torno de energia. Em temos micro, qualquer um de nós demanda energia. Seja para andar, manusear as mãos, até para piscar, demanda energia fornecida pelos alimentos. Todos os sentidos (audição, visão, tato, gustação e cheiro) transformam em sinais elétricos no cérebro. Assim a ciência física pode pensar em termos de um monismo elétrico.

Mas pensadores dualistas diferenciam algo que manipula a energia: a mente. De fato quando usamos o interruptor para ascender uma lâmpada, estamos manipulando a energia. Quando transformamos água dos rios em energia e a transportamos por quilômetros até nossas casas, estamos manipulando a energia. Quando escavamos em busca de petróleo e o transformamos em gasolina, estamos manipulando a energia. Assim sempre há algo além da energia, seja a mente ou o Estado, seja a consciência, um espírito, alma, ou um ente metafísico que manipula a energia.

O Existencialismo Metafísico responde as questões existenciais.



Existencialismo Metafísico

Quem é você? É questão de individualização, não chega a ser uma questão metafísica, pois somos apenas um cidadão comum. Cotidianamente dizemos: sou fulano, profissão tal e coisa, moro na rua x.

De onde eu vim? O que é sou? Para onde vou? É uma pergunta transcendental e iguala você a todos. Sou um ser metafísico, vindo da Criação e do mundo metafísico, usufrutuário da energia divina, em evolução dentro do dualismo pedagógico, rumo a integração.

A ciência e as religiões não têm boas respostas para as questões existenciais, por isso usamos a metafísica para explicar a existência. A ideia da obra é oferecer respostas e tentar aproximar da realidade, sem negar qualquer área do conhecimento, justificando a razão de existir graças a Criação.

Do ponto de vista antropológico, o homem precisa de uma norte para sua vida, de sentido, de um caminho a seguir. Criação, Evolução e Integração. É possível vislumbrar tudo no Universo com base nestas premissas. Do ponto de vista da unicidade de existência, as premissas são criticáveis. Do ponto de vista da pluralidade de vidas, as premissas são perfeitas e inquestionáveis. Existem dois mundos, o físico e o metafísico, nas quais a existência alterna até completar a plena integração.

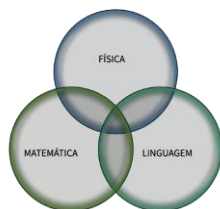
Para a Metafísica, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico e de controle do todo. Sem a Metafísica, o conhecimento nunca chegará a uma resposta satisfatória para o que é a vida e o universo. A Metafísica Existencialista pode ajudar a solucionar dilemas filosóficos, éticos, psicológicos, como determinismo ou livre-arbítrio, inato ou adquirido, o bem e o mal, guerra e paz. Também pode ajudar a superar desafios étnicos, ter a convivência pacífica entre os diversos povos, superar o fundamentalismo religioso, conciliar lucros com as necessidades das pessoas ou até mesmo a fundar e desenvolver um novo comunismo.

O modelo cosmológico científico atual assevera que apenas 4% do universo é conhecido. Outros 96% seriam atribuídos a matéria e energia escura. Vou aqui teorizar então sem nenhum respaldo científico ou religioso. Este mundo de matéria escura e energia escura seria o mundo metafísico, donde surgiu o mundo físico. Então ele é anterior ao mundo físico e surgiu de um ato de vontade do poder Criador. Assim sendo, caberia a física futura inicialmente reconhecer e eliminar as barreiras entre os mundos físico e metafísico. Assim eliminar o sobrenatural e moldar o universo físico e metafísico num só e tudo ser apenas um.

Se alguém falasse em energia escura e matéria escura há 100 ou mil anos atrás, seria um discurso metafísico. Assim metafísico é aquilo que a física ainda não detectou, mediu, quantificou. Metafísica é a matéria sutil desconhecida dos sentidos humanos, como já foram as microrganismos, as células, átomos e a energia escura.

Hodiernamente a ciência ainda acredita que você, meu caro leitor, veio do Nada para viver despropositadamente e voltar para o Nada. Forças cegas e sem propósito dirigem o mundo.

Com o positivismo, a filosofia perdeu autonomia e acompanhou a ciência desde então. “Freud explica tudo”. Stephen Hawking falou que a filosofia está morta numa palestra do Google. Até a arte anda matando a filosofia. No filme de Wood Halen, *Irrational Man*, mataram um professor de filosofia em crise existencial.



Existencialismo Metafísico

A filosofia voltou. A filosofia estará morta só depois das respostas das questões existenciais. Estas questões nunca serão respondidas pela ciência, nem mesmo pela filosofia materialista, sem passar pelo mundo metafísico, pois a consciência pertence a este mundo. Quiçá tais respostas sejam a filosofia última ou a sua morte, como quiserem.

Início, meio e fim. Criação, Evolução e Integração. Viemos de um ato de vontade, atravessamos o dualismo e desenvolvemos rumo a integração plena, alternando os mundos físico e metafísico.

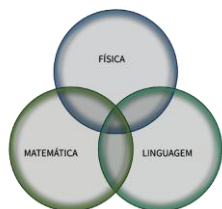
14 – A Síntese

A ciência prega que a vida é a existência entre 2 nada. Uma espécie de X-Tudo entre 2X-Nada. As religiões cristãs pregam uma vida póstuma e que ela tem início na concepção intrauterina. Um X-Nada com um X-Tudo. Também há doutrinas milenares orientais que pregam a existência da vida antes da concepção intrauterina e depois da morte. Uma espécie de X-Tudo-duplo.

As religiões ocidentais adotaram a mitologia hebraica e pregam uma vida póstuma, mas sem a preexistência da alma. Religiões orientais pregam, além da vida póstuma, uma vida metafísica anterior a concepção. Com esta doutrina oriental, podemos sistematizar um Cosmo perfeito. Devemos apenas retirar a metempsicose, uma espécie de reencarnação sem a evolução.

Entretanto para católicos e evangélicos, quando se fala reencarnação soa heresia, pecado, um crime para eles. Mas e se perguntar para eles qual o problema da reencarnação? Eles não terão uma boa resposta ou terão uma resposta bíblica sem sentido, apesar da própria Bíblia conter indícios da reencarnação. Há falas de Jesus que levam a reencarnação, como no diálogo com Nicodemos. Jesus diz que é preciso nascer de novo para ver o reino dos céus. A interpretação deve ser literal, mas os biblistas usam metáforas para atender seus interesses. Noutra Jesus fala que os personagens bíblicos de época diferentes, João e Elias, eram os mesmos. Isto já é um clichê e não entraremos em minúcias.

Historicamente a igreja e os seus primeiros pensadores eram reencarnacionistas. Orígenes de Alexandria (185 à 253 dC), Clemente de Alexandria (150-215 dC), entre outros estavam entre seus pensadores a defenderem a reencarnação. Nos primeiros cinco séculos da existência do cristianismo, a reencarnação era aceita, mas foi rejeitada no ano 553 dC, no segundo Concílio de Constantinopla. O imperador romano Justiniano presidiu este concílio, condenou a reencarnação e apagou todas as referências a ela na Bíblia. Muitos reencarnacionistas clamam que este concílio foi especificamente convocado pelo imperador para tal fim. Teodora, mulher do imperador, queria apagar seu vergonhoso passado com um decreto.



Existencialismo Metafísico

Todas as culturas, de forma universal (no tempo e no espaço), tem sua própria mitologia. Cada cultura sempre utilizou sua própria mitologia como instrumento para explicar tudo. As religiões apropriaram das mitologias e até hoje temos as teologias tribais. Estas várias teologias são geográficas, culturais e são criticadas em razão da diversidade. A partir de escrituras tribais utilizam a técnica do papagaio (eterna repetição – espécie de lavagem cerebral) e o argumento de círculo. Deus criou o mundo por que está na bíblia. A bíblia é a palavra de deus. Por isto deus criou o mundo. Os biblismos e os dogmas engessam o pensamento teológico.

Noutro polo, a ciência dita oficial e dogmática nega a reencarnação, até com uma certa razão, pois seus laboratórios ainda não detectam as forma sutis de energia e nem mesmo o mundo metafísico. Mas estudos e experiências iniciam o próximo nível da humanidade. A conhecida técnica da Terapia de Vidas Passadas (TVP) promove a recordações de vidas passadas dos pacientes através da hipnose. Há também catalogação médica de cicatrizes, marcas de nascença, em pessoas sem explicação na sua existência atual, mas com explicação em existências anteriores. Apesar da utilidade destas técnicas na investigação da realidade, não é “confiável” do ponto de vista científico.

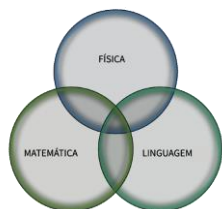
Há muitos outros estudos sérios, como o do Dr Ian Steveson que passou várias décadas catalogando milhares de casos de crianças do mundo inteiro. Elas simplesmente lembravam de suas vidas passadas. A metodologia funciona colhendo as declarações da criança que rememora vidas passadas. Posteriormente investiga o “falecido” para confrontar com as declarações da criança. Estes casos acontecem por causa do curto tempo entre as duas existências.

Segundo o site http://www.dailymotion.com/video/x1k3zsn_ciencia-da-alma-discovery-science-parte-1_school com o título *A Ciência da Alma*, da universidade de Virgínia, catalogou 2.500 casos de crianças que se recordam de vidas passadas e concluem que a reencarnação é fato. No site, há um relato fantástico de uma criança, James Heininger, que afirma ter sido um piloto da 2ª Guerra, abatido por japoneses. Esta criança, com apenas 2 anos, lembrava de detalhes específicos como o nome do navio que atuou. Este fato gerou uma investigação científica que demonstra de forma inegável que o atual garoto James e o piloto James da 2ª Guerra são a mesma alma.

O contraponto da reencarnação é o entulho teológico chamado de ressurreição. Para substituir a doutrina da reencarnação, a igreja insiste nesta doutrina materialista. A igreja ainda é muito apegada a matéria, acham que nosso corpo é tudo. Acreditam que na eternidade iram cagar eternamente, além de rastejar eternamente, dentro de uma prisão eterna, o corpo. Haja falta de imaginação, cadê a inspiração da Criação! Poxa, vocês não conseguem pensar em ser menos materiais, com um corpo sutil (alma) e poder atravessar galáxias com o poder do pensamento, sem um corpo denso para impedir.

A igreja cometeu dois grandes erros históricos: um foi juntar o velho e novo testamento, duas teologias flagrantemente opostas (deus guerreiro x deus do amor); outro foi rejeitar a reencarnação e aceitar a ressurreição.

Muito já se falou disto, mas a reencarnação será sempre negada pela igreja com interpretações em metáforas bíblicas, pois é de seu interesse ideológico ou doutrinário. Entretanto a igreja nunca conseguiu, e nunca conseguirá, resolver a questão do mal e da dor. Como pode algumas crianças nasceram pobres e outras ricas, algumas doentes,



Existencialismo Metafísico

outras cegas, paralíticas, outras morrem em tenra idade? Mesmo com a infeliz doutrina do purgatório, é totalmente questionável um deus que fizesse tamanha arbitrariedade. É inimaginável um deus grandioso que ofereça dor e o mal gratuitos.

Somente uma existência anterior justificaria o mal e a dor destas crianças prejudicadas, pois este mal funciona de forma pedagógica. A doutrina oriental, chamada de carma, não se trata de punição. Imagine alguns seres que imporão o mal e a dor a outros de seus pares no passado e reencarnassem com tais deficiências. Somente com esta doutrina podemos ver justiça cósmica, com causa e efeito. Mas em nenhuma hipótese teremos justiça na unicidade de existência, com efeito sem causa. O mal (e a dor) são a causa de um efeito e não uma arbitrariedade divina.

A questão da dor, neste sistema cósmico, teria apenas uma função pedagógica. O universo material é uma escola para a vida desenvolver valores metafísicos como a igualdade, a liberdade e a justiça. Filósofos, políticos e juristas vêm defendendo tais valores a milênios, que, em verdade, existem em todos de forma latente. O que fazemos nesta existência e todas as outras é desenvolvê-los. Logo este planeta é apenas uma escola.

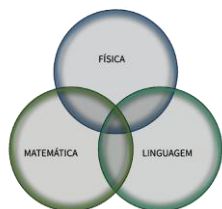
Criação, Evolução e Integração, estas premissas funcionam em harmonia com o axioma da causa e efeito. Esta pode até ser outra premissa não menos importante, mas que também resulta do ato inicial. A Criação é a causa e o efeito é a Integração. Nós atuamos na causa. Então é um debate estéril se Deus é incriado, ou há causa anterior a ele. A causa primeira foi um ato de vontade e justifica a liberdade de escolha. O efeito determinístico é a integração. Todos temos o livre-arbítrio, todos podemos atuar na causa, mas não no efeito. Se a sua escolha foi contra a Integração, os efeitos que colherá farão com que numa escolha futura volte para o caminho da Integração.

A vida começa do zero, por assim dizer, igualmente para todos, segue uma série inumerável de causa e efeito até sua integração ao todo. Dentro desta jornada, surge a liberdade de escolher. Esta liberdade atua na causa, mas nunca no efeito. Esta liberdade gera a responsabilidade. Em nossa sociedade, se você comete um crime, o efeito é a restrição de sua liberdade. Em alguns países, o efeito é o aniquilamento da própria vida biológica do criminoso.

Todavia imagine uma pessoa que matou 10, 100, 1000 ou mais de seus semelhantes. Não há como a justiça humana matá-lo 10, 100, 1000 vezes ou mais, ou prendê-lo por 1000 anos para “pagar” por seus crimes. Numa pluralidade de existências, o autor dos homicídios pode ser vítima várias vezes de homicídios. Além das punições humanas, há “punições” metafísicas que, em verdade, funciona pedagogicamente. Imagine o ato de tirar a visão de um de seus próximos. Em outra vida póstuma, o autor do fato pode vir cego pedagogicamente. Em sua existência póstuma, ele nunca desejará o mesmo para ninguém. Assim foi um aprendizado.

O ato da Criação inspirou o livre-arbítrio, já que fora um ato de vontade. Esta liberdade não surge de imediato, mas sim com o despertar da razão. Os instintos, os mitos, a fé, as emoções, as experiências são degraus da evolução até chegar ao pensamento racional pleno. O pensamento é o maior poder do homem, superou sua animalidade e rumo a Integração plena com o todo.

Do ponto de vista metafísico, vemos o universo plenamente perfeito. Uma única imperfeição, uma única injustiça, não teríamos uma inteligência suprema. Isto abriria



Existencialismo Metafísico

espaço para um pensamento superior, ou um cargo cósmico para deus. Assim tentamos sistematizar nosso universo perfeito, a prova de críticas, elaborado por uma inteligência suprema.

As religiões sempre tiveram o poder de angariar mais adeptos que a ciência, a filosofia e a arte. Isto é natural, pois o mundo metafísico é o nosso mundo primitivo e natural. Além disto, o homem vive uma alternância diária entre o físico e o metafísico, entre a vigília e os sonhos. Também o acessa nas experiências quase-morte. Há também aqueles que possuem clarividência, outros que possuem parapsiquismo diversos e, assim, interagem com o metafísico.

O habitat científico gera um certo ceticismo metafísico e até com certa razão, pois ainda não detectam o mundo metafísico. Porém mesmo entre cientistas, há aqueles que, mesmo sem o empirismo, tem uma espiritualidade em seu íntimo, mas não sabem explicá-la. Como cientistas, com seus métodos acadêmicos, não podem defender conceitos sem experiências, o que é compreensível.

A ciência domina o mundo físico, descarta a metafísica. Mas a ciência utiliza um instrumento metafísico em sua metodologia, a matemática, e esta não tem existência física. Para dar credibilidade as ciências, necessário se faz incluir a matemática. A presença da matemática em tudo, nos leva a defender um mundo inteligente e não aleatório. Seja um ato inteligente da natureza, como gosta a ciência, seja um ato divino, como quer as religiões.

Temos de um lado uma diversidade científica e de outro a universalidade matemática. Do mesmo modo, temos de um lado a diversidade mitológica-religiosa e doutro a universalidade metafísica das religiões. O raciocínio lógico, então, descarta a diversidade científica e religiosa e sobra a Metafísica.

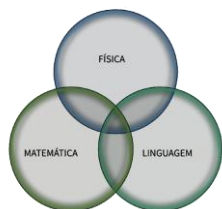
Assim temos a unificação científica e religiosa de forma lógica. É a Metafísica que unifica as religiões. É a Metafísica que unifica as ciências. É a Metafísica que unifica ciência e religião.

O conhecimento de todas as coisas, uma teoria de todo o funcionamento do mundo e abrangesse todo universo sempre envolveu o pensamento religioso, filosófico e científico. Filósofos devem procurar a unificação e não a fragmentação.

Modernamente, a astrofísica, ciência da onda, busca a teoria do tudo. Uma equação para integrar todas forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha. Stephen Hawking, físico inglês, declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem do nada.

Para a física, o universo é construído com as mesmas partículas básicas, como quarks e elétrons. A partir destas partículas básicas, concluem que podem obter um total entendimento do universo. Então acreditam que a sua ciência é mais especial entre as ciências, por ter a generalização máxima e, assim, submeter ao seu paradigma todas as ciências e todas outras áreas do conhecimento (filosofia, arte e religião).

Eles acreditam na física fundamental e numa grande teoria unificada por ela, que irá prever a evolução de qualquer sistema, sejam estrelas, seja a vida, seja a consciência. Acreditam que apenas os físicos podem chegar a esta generalização máxima, pois o seu objeto de estudo compreende o universo inteiro, dos pequeninos átomos até a enormes galáxias. Eles descartam a alma e a consciência, pois nós seríamos apenas um



Existencialismo Metafísico

amontoado de átomos. Assim submeteriam a biologia, psicologia, neurobiologia, enfim todas ciências humanas e sociais.

Reduzir tudo a física, reduzir tudo a átomos estranha a todos. A vida parece muito mais que um amontoado de átomos ou células. O ser transcende órgãos e carne. Sempre que estudiosos e espiritualistas buscam conectar a ciência com a Metafísica, a Academia corre para negar tal conexão. Casos como as teorias do princípio Antrópico e o Biocentrismo, proprietários da ciência estão sempre de plantão para negar a Metafísica. Virou ideologia.

Einstein passou boa parte de sua vida tentando unificar as forças físicas do universo. São elas: a força nuclear fraca; a força nuclear forte; a força eletromagnética; e a força gravitacional.

As forças nucleares forte e fraca são contidas nos invisíveis e inumeráveis átomos.

A força eletromagnética se refere as forças do imã e da eletricidade que são polarizadas (positivo e negativo, atração e repulsão).

A força gravitacional é uma força grandiosa e única, envolve todos os átomos, planetas, estrelas e galáxias existem, devido a sua força de atração. Ela mantém toda a matéria aglutinada.

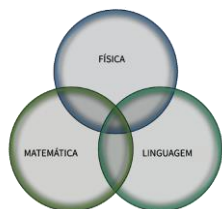
Os físicos conseguiram integrar as forças nucleares à força eletromagnética. Falta integrar estas com a gravidade, ou melhor, a física quântica com a teoria da relatividade geral. Há uma teoria física, chamada de Teoria das Cordas, candidata a solucionar esta unificação.

Agora façamos uma analogia das forças metafísicas com as forças físicas: Podemos comparar as forças atômicas com a força da diversidade criativa. Tanto a vida como os átomos são incontáveis e individuais. Os átomos não são deterministas segundo a física quântica o que sugere uma individualidade, um princípio existencial, como a vida; a polarização eletromagnética é perfeitamente comparável ao dualismo da vida; e a gravidade, a única responsável pela atração de tudo no cosmo, não é senão uma força integradora.

Como a origem de tudo é metafísica, as forças físicas nada são senão mero reflexo das forças metafísicas. Neste sentido, a física, a química, a biologia e todas ciência humanas e sociais estariam submetido ao paradigma metafísico.

As religiões têm um conhecimento superficial e distorcido do mundo metafísico. Atualmente quem melhor conhece o mundo metafísico é religião Espírita e ciência Conscienciologia. O espiritismo originou-se de uma revelação. Daí seu forte aspecto religioso, mas ele também seu lado filosófico. O mundo metafísico é chamado de mundo espiritual pelo espiritismo. A Conscienciologia, produto do homem, Waldo Vieira, prega a mudança do paradigma científico para o paradigma consciencial. Ele chama o mundo metafísico de extrafísico.

O mundo metafísico, observável em nossos sonhos, será nosso destino depois da morte. Quando morrermos biologicamente, viveremos como num sonho. A ciência fisicalista não fará muito sentido por lá, com sua trilogia tempo-espaco-matéria. Religiosos não verão Jesus por lá, mas certamente verão muitos Jesus por lá. Também não verão Deus, ou então verão muitos deuses por lá. Assim todos deveriam melhor estudar este mundo, pois quando “morrerem” entraram em crise existencial por lá.



Existencialismo Metafísico

A construção do conhecimento se dá pela representação da realidade. Mas há uma diversidade de linguagem e de pensamento para representar a realidade. O pensamento (conteúdo) e a linguagem (forma), seja científico, religioso, artístico e filosófico, levam ao conhecimento de pontos de vista diferentes. A arte utiliza das emoções para retratar a realidade; a ciência, o empirismo; a filosofia, a razão; e as religiões, a fé. Há ignorância quando uma forma de conhecimento nega outra. A realidade é uma só.

A filosofia, depois do positivismo, rompe com o idealismo, com a metafísica para se seguir a ciência e vira um coadjuvante da ciência. O pensamento artístico é pessoal e foca o sujeito do conhecimento. O objeto da arte ora acompanha o metafísico, ora, o pensamento físico. A arte se diverte com os pensamentos religiosos e científicos.

A realidade usa a diversidade de pensamentos para representá-la. Realidade de um lado e diversidade de pensamento do outro. Monismo, pluralismo e dualismo sempre andam paralelos ou juntos. Criação, Evolução e Integração são forças metafísicas eternas. Esta ideia de explicar o mundo físico a partir do mundo metafísico foi, e ainda é, utilizada por todas as mitologias, sejam elas atuais ou pré-históricas. Elas são diversas, porém universais. Utilizam de uma explicação criativa (inspirada na 1ª premissa), mas não racional.

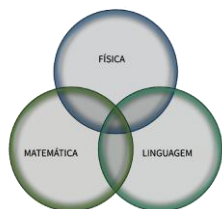
De um lado, temos então a diversidade criativa mitológica, do outro temos a universalidade mitológica e temática. Esta realidade não podemos negar. Nosso sistema filosófico, igualmente as antigas mitologias, explica o mundo físico a partir do mundo metafísico. Diferentemente ele utiliza uma explicação racional.

Em harmonia com o exposto, não devemos negar as diversas searas do conhecimento. A ciência está certa ao defender a unidade de pensamento para contrapor a diversidade de pensamentos religiosos. Mas deve saber seus limites, acabar com o cientificismo e reducionismo. As religiões estão certas ao pregar um mundo metafísico. Mas devem reestruturar seu pensamento, acabar com dogmas estereotipados e rituais vazios.

Pluralismo, dualismo e monismo. O erro de pensadores e de instituições do conhecimento é se apegar a um ou dois pilares do pensamento e não aos 3 a um só tempo.

15 - Disposições Finais

O Brasil e o mundo vivem crises sucessivas. Econômica, política, jurídica, humanitária, de segurança, saúde e educação. Internamente estamos com a economia paralisada, devido a uma crise política que também repercute no sistema jurídico. Externamente temos problemas com terrorismo, guerras no oriente que promovem imigrações para a Europa. Esta faz muros e separações, apesar de ser o berço dos direitos humanos.



Existencialismo Metafísico

Socialismo, capitalismo, liberalismo nunca resolveram de forma profunda nossas crises. Vivemos de crise em crise atrás de soluções superficiais. As pessoas vivem nesta existência arrastando pelo chão, defecando diariamente, como se fosse o melhor dos mundos. A falta de imaginação não nos permite sonhar com um mundo controlado apenas pelo pensamento, através dele poder voar entre estrelas, avançar no tempo e no espaço. Somente mudanças profundas de nosso sistema de valores e de pensamento mudaram a humanidade para melhor. Somente uma reflexão profunda sobre as questões existenciais nos trará a verdade e solução.

O mundo parece complexo e sem respostas fáceis para estes impasses. Ainda que a teoria de tudo física fosse comprovada, ela não explicaria e nem resolveria as crises mencionadas. Questões como a dor, a justiça, a liberdade, a desigualdade, a propriedade, a economia, a política não têm solução do ponto de vista físico e da unicidade de existência.

O conhecimento estagnou frente ao pensamento fragmentado científico e as teologias infantis. A existência do Criador e da alma não tem como ser “experimentadas” em laboratório. As religiões ainda possuem muitos adeptos, mas suas teologias tribais não evoluíram e perderão força.

Podemos sintetizar o conhecimento hodierno como uma guerra entre ciência e religião, melhor, uma guerra entre a física e a Metafísica. A ciência negando a Metafísica e pregando forças cegas. As religiões pregando teologias vencidas e a fé cega.

Nosso sistema filosófico, sem falsa modéstia, oferece um pensamento alternativo em desfavor destas forças cegas e da fé cega. De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos? Criação, Evolução e Integração. Passado, presente e futuro. Início, meio e fim. Simples assim.

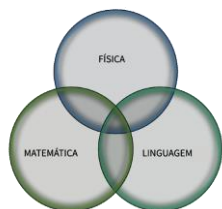
Vendo assim parece uma trilogia. Como disse inicialmente, esta divisão é didática. Quando da Criação, a criatura já vem com as forças da Evolução e Integração e, por isto, é mais um monismo que um pluralismo.

Criação, Evolução e Integração são as forças metafísicas. As forças físicas (gravidade, eletromagnetismo e as forças nucleares) estão a serviço das forças metafísicas. A gravidade equivale ao integralismo-monismo, o eletromagnetismo e suas polarizações equivalem ao dualismo-evolutivo e as forças nucleares equivalem a força criativa-pluralista.

De dentro de um laboratório, ninguém conseguirá enxergar esta trilogia. De dentro da Academia, é difícil ver esta realidade maior. De cima de um púlpito, ninguém conseguirá visualizar este sistema. De dentro de um ateliê, não é fácil vislumbrar esta verdade. Somente um pensamento livre, amplo e sintético permite esta visão.

Um sistema filosófico que afirma a existência do mundo desde sempre, nunca explicará o pluralismo de pensamentos, o dualismo e nem o monismo. Sistemas científicos com base no Nada ou em fato bruto, não explicam e nunca explicaram o dualismo dos pensamentos e nem do monismo. O politeísmo não pode explicar o monismo. Vários sistemas teológicos monoteístas e seus dogmas infantis nunca explicaram o dualismo e a evolução.

Físicos teóricos reduzem tudo a matéria. Estranhamente querem reduzir o homem a um amontoado de átomos, moléculas, células. Querem reduzir nossa



Existencialismo Metafísico

personalidade a sinais elétricos em nosso cérebro. Querem reduzir tudo ao acaso, forças cegas, fatos brutos com causas inteligentes. Viemos do Nada e para o Nada voltamos. Nunca equacionarão o Nada e o Tudo. Nunca explicarão os dualismos e o monismo.

Cientistas atribuem determinados fenômenos metafísicos ao inconsciente, a sentimentos e sensações, mesmo sem evidências e fatos que apontam para o oposto de suas especulações. Apenas atribuem seu desconhecimento à imaginação, ao inconsciente (no caso dos sonhos), ao medo (no caso das religiões), às alucinações (no caso de tranSES).

Dizem o objeto de estudo da ciência é o todo. Mas este todo não cobre o mundo metafísico. Assim a ciência nega grande parte da realidade e por isto ela é reducionista, além de fragmentária. Não é universalista e tem visão curta.

As religiões pregam um deus Criador, mesmos as religiões politeístas têm um deus Criador entre seus deuses. Mas suas teologias infantis são baseadas em dogmas estéreis e mitologias arcaicas. O dogmatismo religioso e o materialismo científico são os dois atrasos da humanidade: fé cega de um lado e forças cegas doutro.

Apesar da oposição entre ciência e religião, é justamente a metafísica que as unifica. Todas as religiões pregam um mundo metafísico. As ciências negam tal mundo, mas não podem negar que utilizam um instrumento metafísico para explicar a vida e o mundo. A Matemática. A Criação veio deste mundo metafísico e só pode ter utilizado este instrumento metafísico. Por isto a ciência não sabe explicar a causa da eficiência da Matemática, sem dúvida um instrumento metafísico.

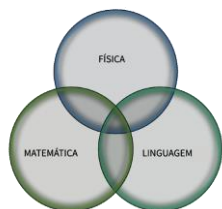
As religiões podem me chamar de deísta, de cultuar um deus da razão sem fé. Aceito ser chamado de deísta, mas não cultuar um deus. Só não podem me chamar de ateu, pois comungo com eles um Criador e/ou a Criação.

A ciência não pode acusar este sistema filosófico de ser produto de fé, pois como disse não cultuo nenhum deus, não faço orações e não frequento nenhum templo. Tudo que foi exposto buscou os fatos, provas e argumentos. Como a ciência do Direito, a qual abracei e exerci como delegado e agora como advogado. Fatos e provas em harmonia com a razão.

A ciência pode acusar este sistema filosófico de generalista. Aceito a crítica, pois a ideia é esta mesmo. Aliás dedução e indução sempre estiveram no centro de todo pensamento. O que é a dedução e a indução senão a generalização? O principal método científico, a indução, busca generalizar seu trabalho em forma de lei.

Prefiro a síntese filosófica à análise científica. Enquanto está *dirigido rumo ao infinito e além*, aquela rumo ao monismo. Com base na linguística do pensador Noam Chomsky e seu gerativismo (gramática [regras físicas] com base na matemática [regras metafísicas]), a catalogação das variações linguísticas seria uma catalogação estéril, demasiada, quicá infinita. Numa analogia, as catalogações das várias artes, ciências, filosofias e religiões, seriam também infinita. Por isto tem-se que buscar o que é universal.

Este sistema generaliza uma teoria final para explicar tudo e todos de forma simples e elegante. O princípio científico da navalha de Occan defende simplicidade nas teorias. Cientistas, reclusos em seus casulos acadêmicos, baseados na navalha, costumam dizer que o universo e a vida começaram de forma simples e vão em direção



Existencialismo Metafísico

das complexas. Não percebem a realidade maior. A vida começa de forma simples, complica no dualismo, mas volta a simplicidade monista.

As 3 premissas, Criação, Evolução, Integração, têm a pretensão de explicar toda existência e todos sistemas de pensamentos a partir do ato de uma vontade. Este sistema filosófico nega forças cegas, fé cega, o Nada, o sobrenatural, fatos brutos com causas inteligentes e é o único a explicar o dualismo, monismo, pluralismo, a origem das críticas, a origem da ciência, das religiões, das artes, da filosofia. Explica também a direção das forças da natureza. Estas premissas são a única explicação para o excessivo apego das literaturas, filmes, novelas, narrativas com início, meio, fim, como nas 3 premissas.

Como advogado, sempre fui pautado pelas provas e fatos. Face ao princípio da primazia da realidade, diante da discrepância entre ciência e religião, a preferência deve ser dada ao que ocorre no terreno dos fatos, da universalidade e da razão. Evidências empíricas que contrariaram o todo probatório foram descartadas. Assim as contradições, sejam religiosas ou científicas, foram descartadas. A história nos mostra uma diversidade de mitologias em todas as épocas e lugares e um universalismo metafísico frente a variedade de mitos. A Matemática, linguagem científica, também me direciona ao mundo metafísico. A razão e não mais a fé me direciona ao metafísico.

Como delegado, enquadro todas as searas do conhecimento neste sistema. O conjunto probatório deve eliminar contradições, mesmo sendo evidências científicas. Numa analogia a investigação policial, não esclarecendo as contradições, elas são descartadas. Ou seja, uma declaração de uma testemunha, ou mesmo uma evidência empírica, que contradizer o conjunto probatório deve ser descartada. O que vale é o conjunto da obra, mesmo que evidências empíricas digam o contrário. Como a negação do mundo metafísico pela ciência, pois ele é universal, existe nos mitos de todos os tempos e de todos os lugares. Ainda assim, isto é fato público e universal, não necessita de evidências empíricas, indícios, provas.

Ao negar a Metafísica, mas utilizar um instrumento metafísico, temos contradição científica. Assim tal negação deve ser descartada.

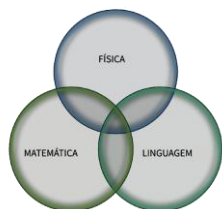
Concordo que há infantilidade de narração dos mitos e nas teologias religiosas, mas a experiência metafísica sempre foi pessoal. Ainda não há como rastrear uma experiência pessoal em 3ª pessoa. Cada um tem a sua. Mas ela é universal.

Ao final desta investigação policial-filosófica, como num inquérito policial, poderíamos ter um relatório final neste termos:

Este inquérito filosófico, instaurado para visar a busca do verdadeiro conhecimento da realidade, constatou uma luta entre a ciência e a religião, ou melhor, entre a física e a Metafísica. As religiões sempre explicaram o mundo com suas mitologias e teologias vencidas. Estas variam de cultura para cultura, mas sempre pregaram o mundo metafísico. Ou seja, sua existência foi universal nas religiões, tanto no tempo como espaço.

A ciência nega o mundo metafísico, mas bebi da mesma fonte metafísica. A arte se diverte com os dois mundos sem posicionamento oficial. A filosofia aderiu a ciência, invés de buscar as questões existenciais no mundo metafísico.

Em sintonia com o exposto, fica claro a existência do mundo metafísico, o atraso teológico e negação da realidade pela ciência. Assim sendo indicio a igreja e a ciência



Existencialismo Metafísico

em crimes contra evolução humana, devendo as mesmas um pedido de desculpa a humanidade, além de suas reestruturações.

Eis o relatório para apreciação da humanidade.

A ideia da obra não é quebrar sistemas de pensamento milenares, sistemas de pensamentos científicos, ou qualquer outro sistema de pensamento. Mas ajustá-los, moldá-los em um pensamento dos pensamentos. Em um único pensamento, retirando contradições.

A razão é mais confiável que a fé, a emoção e a evidência empírica. Quando uma evidência empírica contraria o conjunto probatório, deve ser descartada. O homem já foi limitado por ilhas, tribos e continentes. Quando a ciência apontou os telescópios para o céu e a astronomia catalogou bilhões de galáxias, nossa consciência ampliou muito, pois éramos limitados a um só planeta.

Desde então, busca-se a exploração do espaço. Stephen Hawking assevera que devemos viajar para as estrelas em busca da continuidade humana, apesar do próprio pensamento científico afirmar que o universo, em algum momento, irá acabar.

Com a descoberta do mundo metafísico, nossa consciência ampliará extraordinariamente, sem igual na existência humana. Então afirmo que devemos viajar para dentro de nós e não para as estrelas. Devemos viajar para nosso interior e não para algo externo a nós. Sócrates pregava o autoconhecimento, há mais de 2 milênios atrás, e já dizia: se você ama algo externo a você, você não ama nem a si e nem a este outro.

Do ponto de vista metafísico, a realidade é simples e organizada. Temos a teoria de Deus, do Amor, da harmonia, da liberdade, da multiplicidade de existências, do determinismo rumo a integração plena.

Do ponto de vista da unicidade de existência, das religiões e da ciência, a realidade é complexa, irracional, ilógica, desorganizada. Temos a teoria da Incerteza, da Sorte, do Acaso, do Caos, da coincidência e de acidentes.

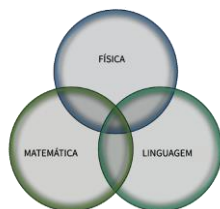
A realidade da humanidade é essa: a maioria das pessoas passam pela vida sem saber o que está fazendo aqui, neste mundo físico; voltam ao mundo metafísico, sem saber aonde está, sem saber o que fazer, ou acreditando que está no céu ou no inferno.

A visão da ciência e das religiões abre uma lacuna cósmica. Uma única imperfeição abriria espaço para candidatos a um cargo de deus absoluto e perfeito.

Este sistema filosófico reflete uma imagem cósmica de perfeição absoluta. A vida, a liberdade, a igualdade, a justiça são valores absolutos do ponto de vista cósmico. Inconscientemente vivemos num plano absoluto e perfeito. Conscientemente vivemos num plano relativo, de contradições e imperfeito. Cabe ao homem buscar um pensamento para perfeição do Cosmo.

Criação, Evolução e Integração. Somos frutos da criação, em evolução, rumo a integração. Buscamos a perfeição através da evolução, dentro da causa e efeito, rumo a integração e a perfeição plena. Do ponto de vista cósmico, tal sistema é a prova de críticas.

Forte nestas razões, finalizo com um desafio. A ciência convencional nunca explicará o que é a vida, a consciência e os sonhos. Ela nem mesmo nunca explicará como um instrumento metafísico, a matemática, é tão eficaz para explicar o mundo físico. As religiões nunca explicarão a questão da dor, do mal e da justiça. Nem mesmo



Existencialismo Metafísico

nunca conseguirão sistematizar uma criação perfeita com base na unicidade de existência.

Bibliografia

Armstrong, Karem. A Bíblia: uma biografia. Tradução Maria Luiza A X Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2007.

Armstrong, Karem. Em Defesa de Deus. O que Realmente a Religião Significa. São Paulo-SP. Companhia da Letras. 2009.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 05 de outubro de 1988. <http://www2.planalto.gov.br>, acesso em 13/09/2014, às 09h15min;

Chomsky, Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

Costa Val, Maria da Graça. Redação e Textualidade – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Duclerc, Elmir. Prova Penal e Garantismo: Uma investigação Crítica sobre a Verdade Fática Construída através do Processo. Rio de Janeiro: Lúmen Júris. 2004.

Durant Will. A História da Filosofia. Tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

Era dos Reis Divinos. Time-Life Books. Consultores: T C Mitchell e Richard L Zetter pela Mesopotâmia. Abril Livros. Roberto Civita.

Fred, Sigmund, Interpretação dos Sonhos. Volume 1. Tradução do alemão Renato Zwick – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Filho, Domício Proença. A Linguagem Literária. 7ª edição. São Paulo. Editora Ática. 2003.

Gaarder, Jostein. O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia; tradução João Azenha Jr – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Gancho, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. 1ª ed. São Paulo. Editora Ática. 2002.

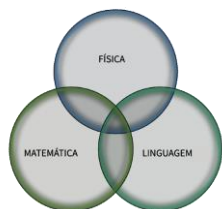
Gilgamesh, Tradução de Pedro Tamen. Lisboa, Nova Vega, 1989.

Gleiser, Marcelo. Criação Imperfeita. 2ª edição – Rio de Janeiro: Record 2010.

Gleiser, Marcelo. Micro Macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço. – São Paulo: Publifolha, 2005.

Holt, Jim Por que o Mundo existe? Um Misterio Existencial. Tradução Clóvis Marques. 1ª edição – Rio de Janeiro, 2013.

Irwin, William. The Big Bang Theory e a filosofia: papel, pedra, tesoura, Aristóteles, Locke/ editado por Dean A. Kowalski; tradução Mariana Kohnert – 1 ed – Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.



Existencialismo Metafísico

J.M. Vernet. Curso Básico de Arqueologia Bíblica, Teologado Salesiano Internacional de Ratisbonne, Jerusalém, 2001.

Jakobson, Roman. Linguística. Poética. Cinema. Tradução Haroldo de Campos et alii. Editora Perspectiva. São Paulo. 1970

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os Segredos do Texto – 4 ed – São Paulo: Cortez, 2005.

Lage, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Ática, 1985.

Leite, Ligia Chiappini Moraes Leite. O Foco Narrativo. 1ª ed. São Paulo. Editora Ática. 2001.

Livio, Mario. Deus é Matemático?; tradução Jesus de Paula Assis. – Rio de Janeiro: Record, 2010

Loureiro, Carlos Bernado. A Bíblia e seus Absurdos. Salvador-Ba. 1999.

Luz, Marcelo da: Onde a Religião Termina? Foz do Iguaçu-Pr. Editares. 2011.

Miles, Jack. Deus, uma Biografia. São Paulo-SP. Companhia de Bolso. 2009.

Moises, Massaud. A Criação Literária: Poesia. 17ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

Moises, Massaud. A Criação Literária: Prosa I. 19ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

Moises, Massaud. A Criação Literária: Prosa II. 18ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

Orlandi, Eni Pulcinelli. O Que É Linguística, Editora Brasiliense. 1ª edição, 2005.

Platão. Fedro. Tradução Alex Marins. Editora Martin Claret Ltda., 2001.

Roy Willis (org.). Mitologias: deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. [S.l.]: Publifolha, 2007.

Seymour-Smith, Martin. Os 100 Livros que mais influenciaram a Humanidade: a história dos tempos antigos até à atualidade. Tradução Fausto Wolff. 3ª ed – Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

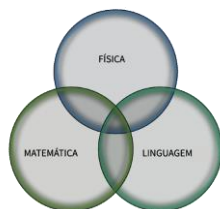
Silva, Celestino. Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica. – 3ª ed – João Pessoa: Ideia, 2001.

Vieira, Waldo. Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico. LAKE — Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo - Brasil

Will Buckingham e outros colaboradores. O Livro da Filosofia. Tradução Douglas Kim – São Paulo: Globo 2011.

Do Autor

Formado em Direito pela UFU, pós-graduado, delegado de polícia aposentado e advogado. Mas este autor gosta mesmo é do conhecimento, especialmente a Filosofia e a Matemática.



Existencialismo Metafísico

Das Obras do Autor

- 1 - Polícia Real e Polícia Ideal: romance policial-filosófico;
- 2 - Ensaios, Crônicas, Contos, Etc e tal, de um Advogado: coletânea de artigos e outros do autor;
- 3 - O Inquérito Policial segundo as Letras – Diálogo entre as Letras e o Direito;
- 4 - Decálogo, Leis Humanas – Diálogo entre Direito e Teologia.
- 5 – O Processo Segundo as Letras
- 6 – O Discurso Religioso
- 7 – A Escrita Conscienciológica
- 8 – Teoria do Tudo, Via Matemática
- 9 – O Delegado de Polícia e o Princípio da Insignificância
- 10 – Direito em Síntese
- 11 – Os mesmos Fundamentos da Matemática, da Lógica, da Linguagem e da Vida
- 12 – Conscienciologia e Filosofia
- 13 – Matemática e Linguagem
- 14 – Existencialismo Metafísico, a Última filosofia